

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE ENTRE DOURO E MINHO

Mário Jorge Barroca¹

RESUMO:

Redigido em 1987 e revisto em 1990, o presente estudo, consagrado às sepulturas escavadas na rocha do Entre Douro e Minho, procurou abordar de uma forma contextualizada estes vestígios arqueológicos medievais, tendo sido, nessa perspectiva, pioneiro em Portugal.

Num primeiro momento registam-se as mais antigas referências históricas a sepulturas escavadas na rocha e as diversas propostas cronológicas sugeridas pelos autores para estes monumentos. De seguida desenvolve-se a teoria de Alberto del Castillo, as suas propostas cronológicas e o quadro de evolução tipológica. Abordam-se, ainda, os contributos de autores mais recentes e as problemáticas associadas a estas sepulturas. Finalmente, apresenta-se um panorama da evolução destas sepulturas no Entre Douro e Minho e um levantamento arqueológico para os três distritos abrangidos (Viana do Castelo, Braga e Porto).

Palavras-chave: Sepulturas escavadas na rocha – Entre Douro e Minho – Norte de Portugal

ABSTRACT:

Written in 1987 and revised in 1990, the present study, dedicated to the rock-hewn tombs of the Entre Douro e Minho, brings a contextualized perspective of these medieval archaeological remains. It was, in this perspective, a pioneer study in Portugal.

First we analyze the earliest historical references for this kind of graves and the various chronological proposals suggested by the different authors. Then we develop the theory of Alberto del Castillo, and his chronological and typological proposals. We also discuss the contributions of recent authors and the problematic related with these graves. Finally, we present an overview of these graves evolution in the Entre Douro e Minho and an archaeological inventory for the three districts of this region (Viana do Castelo, Braga and Porto).

Key-words: Rock-hewn tombs – Entre Douro e Minho – North of Portugal

NOTA PRÉVIA

O texto que agora se publica constitui um dos capítulos da 2ª Parte do nosso estudo *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (Séculos V a XV)*, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito das “Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica” (Porto, ed. policopiada, 1987), onde ocupa as páginas 103-175. Apesar

¹ Professor Associado com Agregação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do CEAUCP-CAM (Unidade I&D 281 da FCT).

dos esforços desenvolvidos na altura, a referida monografia nunca conheceu edição impressa. A mais de vinte anos de distância, poder-se-á questionar da utilidade de se publicar, agora, este capítulo com o respectivo inventário. Durante algum tempo protelamos essa decisão. Mas os pedidos de cedência de fotocópias, que continuamos a receber, parecem legitimar a divulgação deste capítulo que, perdoe-se-nos alguma imodéstia, cremos continuar a ter alguma actualidade, sobretudo do ponto de vista das problemáticas e das cronologias das sepulturas escavadas na rocha. Já não acontece assim com o inventário, que se encontra desactualizado e que foi realizado segundo uma metodologia que, se fosse feito hoje, teria de ser muito distinta. No entanto, como as duas partes foram concebidas articuladamente, seria difícil publicar a primeira parte sem a segunda e, por isso, optámos pela divulgação integral do texto.

A versão que aqui se divulga difere ligeiramente da apresentada na edição policopiada, em 1987. Com efeito, ela resulta de uma revisão que realizámos em 1990, quando a obra parecia que ia sair dos prelos. No entanto, essa edição acabou por nunca se concretizar e, como referimos, a obra permaneceu inédita. O texto que se segue tem, por isso, uma grande desactualização bibliográfica. Apenas a título de exemplo, diremos que depois de 1987 foram defendidas diversas teses de mestrado que versaram monograficamente o tema das sepulturas escavadas na rocha² ou que reservaram um lugar significativo para este tipo de vestígio arqueológico³. E, ao nível dos pequenos opúsculos ou dos artigos em actas ou revistas de especialidade, a produção científica das últimas duas décadas é tão vasta que nos dispensamos de aqui a referir. Sublinhemos, no entanto, que do ponto de vista da cronologia e, até mesmo, da problemática que envolve as sepulturas escavadas na rocha, os trabalhos em causa não acrescentaram dados muito significativos ao que já havíamos escrito antes. Por isso entendemos que, apesar dos anos volvidos e da bibliografia entretanto produzida, o texto que ora se publica continua a ter interesse e merece ser divulgado de uma forma mais ampla.

§

Os últimos séculos da Alta Idade Média e o período de transição que se lhe seguiu foram dominados pela presença de sepulturas abertas na rocha, aproveitando afloramentos rochosos para a implantação dos cemitérios ou de monumentos isolados. É certo que a origem desta moda de enterramento parece remontar a época anterior ao processo da Reconquista cristã e que os exemplos mais tardios o ultrapassam. É igualmente certo que durante o próprio período da Reconquista as sepulturas escavadas na rocha se viram confrontadas com a presença de outras formas de enterramento, nomeadamente com sepulturas constituídas por elementos avulsos e com sarcófagos monolíticos, na sua maioria não-antropomórficos, em alguns casos decorados, noutros cobertos com tampas em estola. No entanto, mesmo reconhecendo que esta moda de enterramento não se pode confinar apenas à Reconquista, e que tão pouco assume exclusivo durante esta época, parece ser então que ela alcança maior sucesso, multiplicando-se o número dos seus sepulcros, ao mesmo tempo que se vão diversificando os pormenores tipológicos.

² De entre os estudos monográficos, citemos os trabalhos de Jorge Adolfo de Meneses Marques, *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Viseu, ed. do Autor, 2000 (edição da Dissertação de Mestrado defendida na FLUP em 1995); de Isabel Alexandra Justo Lopes, *Contextos materiais da Morte durante a Idade Média: As necrópoles do Douro Superior*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, ed. policopiada, 2002.

³ Entre os estudos que, apesar de não se cingirem apenas ao tema das sepulturas escavadas na rocha, estas ocupam um lugar significativo, salientemos os trabalhos de Ricardo Teixeira, *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, ed. policopiada, 1996; de Marina Afonso Vieira, *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, Lisboa, IPA, 2004 (edição da Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2001); de Sandra Lourenço, *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*, Lisboa, IPA, 2006 (edição da Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2006); e de Maria José Mendes da Costa Ferreira dos Santos, "A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de Ocupação do Território (875-1308)", in *História Local*, vol. 10 dos *Cadernos do Museu*, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2005, pp. 5-100 + CD (Inventário e Cartografia) (edição da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2004).

O estudo das sepulturas abertas na rocha constitui um dos magnos problemas da Arqueologia Medieval peninsular. A natureza deste tipo de cemitérios dificulta sobremaneira as investigações, pelo desaparecimento, na larga maioria dos casos, do seu contexto estratigráfico. No Entre Douro e Minho quase todos os exemplos de sepulturas rupestres que se conhecem são procedentes de prospecções de superfície, quedando os sepulcros violados e expostos. A única excepção é o caso do Convento de St.^a Marinha da Costa (Guimarães), onde as escavações ali efectuadas entre 1979 e 1983 revelaram vários tipos de enterramentos, respeitantes a diferentes épocas que se documentam naquele monumento, contando-se entre elas algumas sepulturas trabalhadas no afloramento. No entanto, são muito escassas as escavações que, no Entre Douro e Minho, nos revelaram cemitérios rupestres não violados, selados por vários estratos suficientemente elucidativos do ponto de vista cronológico. Mesmo no caso do Convento da costa, a fraca potência estratigráfica registada no local veio dificultar conclusões mais precisas. Registamos, para o Entre Douro e Minho, diferentes tipologias de enterramentos mas não possuímos elementos que nos ajudem a estabelecer o seu quadro evolutivo. De igual modo, o seu âmbito cronológico encontra-se por precisar nesta região. Sabemos, grosso modo, a época a que devem corresponder mas ainda não somos capazes de avaliar correctamente a importância de factores regionais. Assim, os únicos elementos de que podemos dispor dizem respeito a uma inventariação, tão exaustiva quanto nos foi possível, a uma ordenação de carácter tipológico, sempre demasiado contingente, e à articulação dos parques elementos disponíveis com os dados conhecidos na vizinha Espanha. Estes elementos podem ser completados com que nos revelam a articulação dos cemitérios com as estruturas arquitectónicas (na sua larga maioria posteriores) e com o que a documentação coeva nos ensina sobre a progressão do movimento da Reconquista cristã no Noroeste Peninsular.

AS PRIMEIRAS PROPOSTAS CRONOLÓGICAS

Das dificuldades inerentes ao estudo destas sepulturas são um bom retrato as diferentes propostas cronológicas que ao longo do último século têm sido aventadas. Aliás, a situação em Portugal não se distancia muito da espanhola, onde, antes dos trabalhos decisivos de Alberto del Castillo durante a época de 60 e a primeira metade dos anos 70 do século XX, se defenderam propostas cronológicas tão díspares que colocavam estes monumentos na época ibérica, céltica, romana ou medieval⁴.

A primeira notícia que se conhece respeitante a sepulturas escavadas na rocha data de inícios do século XIX e diz respeito à zona da Catalunha. Em 1808, Alexandre de Laborde publicou, em Paris, o seu *Voyage Pittoresque et Historique en Espagne*, onde, na Estampa XLI, reproduz as sepulturas de Olérdola (Alt Penedès, Catalunha). Essa representação não é inteiramente fiel nem às tipologias dos enterramentos nem à sua disposição espacial. Trata-se de uma figuração gráfica evocativa, que adulterou voluntariamente a realidade em proveito de uma maior elucidação do público⁵. O impacto causado por esta referência de Laborde estaria na origem de uma das mais difundidas designações utilizadas para as sepulturas antropomórficas abertas na rocha, elevando Olérdola a estação epónima. Ainda hoje vários investigadores espanhóis se reportam a este tipo de tumulações denominando-as “sepulturas olerdolanas”, designação que peca por ser excessivamente particularizante⁶.

⁴ Veja-se, por exemplo, Katja Kliemann, *Un aspecte de les necropolis medievals: les sepultures antropomorfes a Catalunya*, Tese de Licenciatura, Barcelona, ed. policopiada, 1986, vol. I, pp. 8 e 10-24, onde se faz um balanço sobre este aspecto, recenseando-se as posições assumidas por vários investigadores ao longo da segunda metade do século XIX e no nosso século. Entre aqueles que as consideraram célticas ou ibéricas contam-se Mila i Fontanals, E. Hübner, Martorell y Peña, Pleyan i Porta, e outros. Consideraram-nas cristãs Botet i Sisó, Bufarull i Brocà, A. de Trueba, Zobel, Amador de los Rios, Fernandez Guerra, A. del Castillo Lopez, entre outros.

⁵ Cf. E. Ripoll Perelló, *Olérdola. Historia de la ciudad y Guia del conjunto monumental y Museo Monográfico*, Barcelona, Diputació Provincial, 1977, p. 10-11 e Lam. IV, e Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 6-7.

⁶ A elevação de Olérdola a estação epónima verificou-se quando, na sequência do impacto a obra de Laborde, Manuel Millá i Fontanals publicou os “Apuntes históricos sobre Olérdola”, *Memórias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, tomo II,

Em Portugal, entre as primeiras referências que conhecemos conta-se uma de Simão Rodrigues Ferreira, inserta nos *Apontamentos para a história topographica de Penafiel*, publicados em 1864⁷. Neles, Rodrigues Ferreira dava uma primeira notícia das sepulturas da “Portella do Forno de Mouros” (Portela de St.^a Marta, nas imediações do conhecido dólmen de St.^a Marta), considerando-as romanas⁸. A mesma classificação cronológica seria defendida, anos mais tarde, por Santos Rocha quando, em 1901, dava a conhecer as sepulturas rupestres da Portela, perto de Alfarelos (Montemor-o-Velho)⁹. Aristides de Amorim Girão, em 1933, chegaria mesmo a considerá-las como proto-históricas¹⁰, tal como, alguns anos antes, o defendera Augusto Filipe Simões¹¹. Para Amorim Girão seria necessário estabelecer uma distinção “entre sepulturas antropomórficas abertas às vezes muito toscamente em saibro rijo ou rocha viva, e sepulturas da mesma forma, embora mais aperfeiçoadas, abertas em pedra volante. As primeiras são, por via de regra, mais antigas, e relacionam-se geralmente com núcleos de população proto-histórica, vizinhos dos locais onde se encontram; as segundas remontam quais sempre a tempos mais recentes, e pertencem em muitos casos à Idade Média.”¹².

Francisco Martins Sarmiento pode-se incluir entre os primeiros estudiosos que, em Portugal, defenderam uma cronologia pós-romana para este tipo de enterramentos. Em Maio de 1882, em carta endereçada a J. Leite de Vasconcelos, o arqueólogo vimaranense entendia que pelo facto de essas sepulturas se encontrarem ausentes dos castros e de revelarem, pela dimensão e forma, a prática da inumação, seriam já de época posterior ao domínio romano, sofrendo influências cristãs¹³. No entanto, Martins Sarmiento parecia inclinar-se para que estas necrópoles fossem do período paleocristão ou de época ligeiramente posterior, não suspeitando, ainda, que a sua cronologia viesse globalmente, a avançar até aos tempos da Reconquista. Em 1883, em carta endereçada a Leite de Vasconcelos, considerava as sepulturas rupestres como testemunho de um período de transição para o cristianismo¹⁴. No entanto, a sua convicção não parecia estar ainda muito segura já que, poucos meses antes, em epístola para o Pe. Joaquim Pedrosa, ele sublinhava quanto enigmáticas eram, para si, essas sepulturas, admitindo que a notícia que o Pe. Pedrosa lhe transmitira em carta precedente, revelando o achado de moedas romanas numa sepultura em Burgães (St.^a Tirso), podia ser significativo para a definição cronológica destes moimentos¹⁵.

José Leite de Vasconcelos, a quem Martins Sarmiento por diversas vezes confiou a sua opinião, nunca chegaria a ter uma posição suficientemente clara sobre o assunto. Comentando a posição de Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos reconheceria que ela tinha algum fundamento mas sublinhava que a presença de sepulturas rupestres longe de templos cristãos e em locais onde ocorriam fragmentos de tégula parecia ser contrária a essa hipótese¹⁶. Treze anos

Barcelona, 1855, pp. 505-528. A aceitação desta nomenclatura para as sepulturas escavadas na rocha com contorno antropomórfico levaria a que o costume se generalizasse a quase toda a Espanha. Repare-se que quando em 1968 o Prof. Alberto del Castillo apresentou o seu decisivo trabalho ao XI Congresso Nacional de Arqueologia, em Mérida, o designou de “Cronología de las tumbas llamadas ‘Olerdolanas’” (*Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología*, Mérida 1968, pp. 835-845). Katja Kliemann haveria de por em causa esta designação, considerando-a “*mania localista i poc historica a’anomenar periodos o tipologies pel lloc on s’han trobat per primera vegada o amb més frequència*” (op. cit., 1986, p. 6), preferindo a designação de sepulturas antropomórficas, *tout court*, o que também consideramos mais correcto.

⁷ In *O Século XIX*, nº. 6, Penafiel, 1864.

⁸ Citado por José Leite de Vasconcelos, “Noticias archeológicas de Penafiel”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. I, Lisboa, 1895, p. 16. Os apontamentos de Simão Rodrigues Ferreira foram entretanto publicados: Simão Rodrigues Ferreira, “Apontamentos para a História Topográfica de Penafiel (1)”, *Penafiel – Boletim Municipal de Cultura*, III Série, nº 6/7, Penafiel 1991-92, pp. 223-245, estando a referida passagem na p. 224.

⁹ Santos Rocha, “Sepulturas abertas em rocha viva”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 79-80.

¹⁰ Aristides Amorim Girão, “Sepulturas antropomórficas abertas em rocha”, *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 122-124.

¹¹ Referido por Martins Sarmiento a Leite de Vasconcelos (Cf. José Leite de Vasconcelos, “Correspondência de F. Martins Sarmiento”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 46) e citado por Vergílio Correia, “O cemitério Medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 102.

¹² Aristides Amorim Girão, op. cit., 1933, p. 123.

¹³ José Leite de Vasconcelos, op. cit., 1901, p. 175.

¹⁴ José Leite de Vasconcelos, op. cit., 1901, p. 46.

¹⁵ Augusto César Pires de Lima, “A correspondência Martins Sarmiento – Pe. Joaquim Pedrosa”, Guimarães, 1940, p. 28 (separata da *Revista de Guimarães*, vol. L, Guimarães, 1940).

¹⁶ Cf. José Leite de Vasconcelos, “Notas Archeológicas. 1. Sepulturas abertas em Rocha”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. I, Lisboa, 1895, p. 189.

mais tarde, na sua extensa recensão crítica à *Portugalia*, e a propósito do trabalho de Rocha Peixoto nela inserto, reportar-se-ia a uma sepultura rupestre da Zambulheira (freg. de Cabeça Boa), nas imediações da ribeira de Vilariça, onde fora detectada uma inscrição, “VIVI”, o que lhe mereceu diversas considerações. Defendeu então que a inscrição seria paleocristã e que vinha contribuir para a resolução do problema cronológico dos cemitérios rupestres¹⁷. Em nota, e demarcando-se uma vez mais, da posição defendida por Rocha Peixoto, Leite de Vasconcelos acabaria por defender que os sarcófagos cristãos teriam como modelo os seus congéneres de época romana e que as sepulturas abertas na rocha encontrariam os seus paralelos mais próximos nas Catacumbas de Roma.

A posição defendida por Rocha Peixoto nas páginas da *Portugalia*, e que mereceu o comentário de Leite de Vasconcelos, havia sido cautelosamente vaga. Escrevera aquele arqueólogo que “*A época a que pertencem as sepulturas abertas em pedra, avulsas ou na rocha natural, tem sido e continuará a ser matéria em debate, mercê do mutismo epigráfico ou figurativo em que se exibem. As variadas circunstâncias e condições locais parece legitimar a atribuição a tempos romanos, nuns casos, aos primeiros tempos cristãos, noutros.*”¹⁸.

Não se tratava, portanto, de uma posição nem demasiado controversa para a época, nem excessivamente estranha às que, num passado bem recente, o próprio Leite de Vasconcelos defendera.

Melhor intuição revelara Félix Alves Pereira, autor de alguns dos melhores trabalhos que, na sua época, se escreveram sobre sepulturas medievais de Entre Douro e Minho. Logo em 1904, a propósito das sepulturas rupestres de Penafiel, declarava a sua convicção de que elas seriam posteriores à época romana “*e não pouco*”¹⁹. Surgida sem qualquer argumentação a alicerçá-la, esta afirmação contrastava fortemente com o que outros autores, nos inícios do século, vinham defendendo. Em 1929 Félix Alves Pereira haveria de voltar a expressar a sua opinião de que elas tinham sido utilizadas durante toda a Idade Média, “*desde a mais alta até à mais tardia, pelo menos*”²⁰. Num outro trabalho inserto no mesmo volume do *Arqueólogo Português*, este autor considerava que as sepulturas rupestres eram pós-romanas e estariam em uso pelo menos desde os séculos V-VI. Para o limite temporal da sua utilização acrescentaria que “*em Portugal há também igrejas românicas rodeadas de sepulturas cavadas no lajedo do solo, indubitavelmente anteriores umas, coevas outras.*”²¹.

Segundo se depreende do texto, Félix Alves Pereira considerava que as sepulturas trapezoidais seriam mais antigas, por se encontrarem mais próximas dos seus protótipos das Catacumbas²², enquanto as de silhueta antropomórfica seriam mais tardias. Nas suas palavras, a “*identidade de forma entre as cavidades subjacentes ou contíguas às igrejas românicas e anteriores a elas e as sepulturas propriamente rupestres permite afirmar que se trata de uma mesma série sepulcrológica, mais ou menos extensa na ordem dos tempos. Ora ninguém ousará supor que tenham sido romanas, isto é, pagãs, as cavidades a que primeiramente me refiro e que bem poderemos chamar pre-românicas.(...) atribuir pois as sepulturas rupestres desta região a uma sepulcrológia diferente da cristã seria enjeitar a homogeneidade e uniformidade, que me parecem irrecusáveis, daquela série.*”²³.

¹⁷ Cf. José Leite de Vasconcelos, “Bibliographia. Portugália, Materiaes para o Estudo do Povo Portuguez (Recensão Crítica)”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XI, Lisboa, 1907, p. 370.

¹⁸ Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas em rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, pp. 369-373.

¹⁹ Cf. Félix Alves Pereira, “Antiguidades de Vianna do Alentejo. 4. Antiguidade do cemitério”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. X, Lisboa, 1905, p. 19.

²⁰ Félix Alves Pereira, “Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho. 16. Duas sepulturas rupestres”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 155.

²¹ Cf. Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima. 1. Sepulturas rupestres de S. Simão, de S. Gião e de Sanjamondes”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 13.

²² Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima.”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, pp. 10-11.

²³ Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima.”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, pp. 11-12.

Félix Alves Pereira seria, assim, dos primeiros autores portugueses a ter consciência clara de que os sepulcros rupestres comportavam em si uma diacronia vasta, o suficiente para abarcar a quase totalidade dos tempos medievos, e que seria possível estabelecer uma correspondência entre a evolução tipológica e cronológica. O seu primeiro intento neste sentido não se apresentava, de resto, totalmente desprovido de realismo.

No decorrer do ano de 1934, dois importantes estudos vieram a público em Portugal, pela mão de dois vultos que, tal como Félix Alves Pereira, marcaram de forma singular os estudos arqueológico-artísticos da Idade Média portuguesa: Manuel de Aguiar Barreiros e Vergílio Correia.

O Cônego Aguiar Barreiros, ao debruçar-se sobre a igreja moçárabe de S. Pedro de Lourosa, encontrou-se perante um dos exemplos mais importantes de uma necrópole rupestre portuguesa, com a possibilidade de estabelecer relação com uma estrutura arquitectónica bem datada. No entanto, apenas lhe dedicou algumas escassas linhas do seu trabalho monográfico onde, aliás, o discurso nos deixa algumas dúvidas interpretativas. Ao considerar que o templo de Lourosa se erguia no espaço de um “*cemitério bárbaro*”²⁴, Aguiar Barreiros considerou a necrópole de Lourosa como anterior ao templo que tinha sido sagrado em 912, conforme garantia uma epígrafe de sagração aparecida aquando dos restauros da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. A sua classificação de “*cemitério bárbaro*” parece indicar que Aguiar Barreiros se inclinava a considerar as sepulturas antropomórficas de Lourosa como vestígios de uma necrópole visigótica, mas não é suficientemente clara para dissipar todas as dúvidas. Se assim era, a opinião Aguiar Barreiros parece concordante com a de D. José Pessanha, outro estudioso daquele importante monumento beirão²⁵. Pena é que, tanto um como outro, não nos tenham legado estudos mais detalhados sobre esta importante necrópole. Desconhece-se o número exacto de sepulturas e suas tipologias, e a possibilidade de as relacionar com a estrutura moçárabe merecia uma análise mais profunda, tanto mais que, se se viesse a confirmar a anterioridade de algumas sepulturas antropomórficas em relação ao ano de 912, isso seria um elemento particularmente importante para Portugal.

Estudo mais detalhado mereceu de Vergílio Correia a necrópole da Sé conimbricense. Nele o autor tece algumas considerações a propósito da Igreja de Lourosa, defendendo posição distinta da de Aguiar Barreiros. Segundo aí afirmava, a necrópole de Lourosa comportaria cerca de 15 sepulturas, e algumas delas encontravam-se parcialmente sobrepostas pelo campanário gótico do templo. Acrescentava que “*tinhamos aqui uma balizagem segura, visto que as fossas sepulcrais eram anteriores à gótica espadana das sineiras, e julgava eu, posteriores à igreja, datada de 910*” [sic]²⁶.

Vergílio Correia retomava, deste modo, o cemitério de Lourosa, a que já tinha dedicado algumas considerações num estudo sobre o templo publicado em 1912, onde, para além de alguns pormenores tipológicos, revelava que os moimentos se encontravam orientados E-O. Mas, curiosamente, nesse primeiro trabalho, V. Correia considerava que a necrópole era anterior ao templo moçárabe: “*como todos parecem sahir de sob as paredes da igreja é natural a pré-existência do cemitério, sendo o templo edificado sobre ele muito posteriormente.*”²⁷.

No mesmo texto, Vergílio Correia defendia a opinião de que as sepulturas rupestres já tinham sido utilizadas pelos romanos, prolongando-se a sua manufactura pelos tempos visigóticos e chegando até épocas mais tardias²⁸.

No estudo sobre a necrópole da Sé de Coimbra, Vergílio Correia defendia a anterioridade das sepulturas abertas nos afloramentos em torno da Sé em relação à fachada do templo, “*concluída durante o último quartel do século XII*”²⁹. A sua argumentação podia permitir, através da análise

²⁴ Manuel de Aguiar Barreiros, *A Igreja de S. Pedro de Lourosa*, Porto, Ed. Marques Abreu, 1934, p. 37.

²⁵ D. José Pessanha, “A Igreja de Lourosa”, *Revista de Arqueologia*, vol.1, Lisboa, 1932-1934, pp. 10 e 44.

²⁶ Vergílio Correia, “O Cemitério medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 101.

²⁷ Vergílio Correia, *Notas de Arqueologia. A Igreja de Lourosa da Serra da Estrela*, Lisboa, 1912, p. 7, referindo-se às sepulturas do lado direito da Igreja. Sobre as características dos sepulcros veja-se op. cit., p. 6.

²⁸ Vergílio Correia, op. cit., Lisboa, 1912, p. 6.

²⁹ Vergílio Correia, “O Cemitério medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 100.

destes dois exemplos, uma delimitação das sepulturas antropomórficas abertas na rocha entre os inícios do século X e os fins do século XII, no que não se afastaria muito daquela que parece ser, hoje, a opinião mais generalizada. No entanto, V. Correia acabaria apenas por afirmar a medievalidade dos monumentos, sem entrar em grandes pormenores cronológicos³⁰.

A mesma convicção do carácter tardio deste tipo de enterramentos perfilhava, em 1940, António Cruz. Em comunicação apresentada ao Congresso do Mundo Português, e ao analisar o cemitério que, entre 1933 e 1939, foi posto a descoberto junto ao portal principal da Sé do Porto, escreveria: “*Quanto à sua cronologia essa foi revelada pelo aparecimento de moedas em algumas delas. Essas moedas são de D. Deniz e de Afonso V. As sepulturas antropomórficas do cemitério do morro da Pena Ventosa, junto da Sé do Porto, permitem-nos concluir que a sua utilização se verificou pelo menos até ao século XV*”³¹.

O estudo então apresentado é, infelizmente, bastante incompleto. Não sabemos o número total de sepulturas aparecidas e não foi facultada uma planta geral da necrópole. Também se torna difícil destrinçar as sepulturas que já haviam aparecido em 1933, e que foram alvo de um estudo de Artur de Magalhães Basto³², dos novos enterramentos cuja ocorrência se ficou a dever a obra de reordenação urbana nas imediações da catedral portuense. Apenas se registou que em alguns casos, quando as sepulturas ultrapassavam a superfície do afloramento, a sua caixa era definida com o auxílio de elementos pétreos reaproveitados, entre os quais se contavam algumas estelas discóides³³. No entanto, desses elementos nada nos ficou: o registo gráfico não foi publicado e o levantamento fotográfico é manifestamente insuficiente. De igual modo desconhecemos o número total de moedas aparecidas, a sua classificação e a sua relação com as sepulturas, de cuja tipologia sabemos apenas serem antropomórficas. Se é certo que as fotografias publicadas por António Cruz nos apresentam sepulcros de contorno antropomórfico, com as cabeceiras de arco peraltado, não podemos esquecer que a planta parcial publicada por Artur de Magalhães Basto após os achados de 1933 mostra três sepulturas não antropomórficas³⁴. De resto, o estudo de António Cruz em pouco veio acrescentar o que, sobre o assunto, haviam escrito Magalhães Basto e Mendes Corrêa. Acompanhando de perto a argumentação de Vergílio Correia³⁵, António Cruz acabaria por perfilhar a opinião manifestada por Mendes Corrêa³⁶.

Após um largo período em que se defenderam posições contraditórias e realçaram as dificuldades para se chegar a uma conclusão sobre a cronologia das sepulturas escavadas na rocha, parecia ter-se finalmente alcançado um consenso nos meios científicos nacionais: pela mão de diversos autores, e alicerçada em argumentos distintos, encontrava-se determinada a medievalidade dos sepulcros rupestres. No entanto, o assunto não estava, ainda, isento de polémica. Anos mais tarde, já em plena década de ‘60, Fernando Lanhas e D. Domingos de Pinho Brandão atribuíram sepulturas análogas ao “*período luso-romano? época posterior*”³⁷, ou classificavam-nas como “*proto-cristãs, pós-romanas (100 a.C. a 500 d.C.)? medievais?*”³⁸. Recentemente, Carlos Alberto F. de Almeida sugeriu a possibilidade de algumas sepulturas rupestres remontarem, já, à época paleocristã, tendo em mente os casos de St.^a Leocádia de Baião, de

³⁰ Vergílio Correia, “O Cemitério medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 102.

³¹ António Cruz, “A cronologia das sepulturas cavadas na rocha”, *Actas do Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, 1940, p. 591.

³² Série de artigos publicados em “Falam Velhos Manuscritos...”, e reunidos na obra *Sumário de Antiguidades da Mui Nobre Cidade do Porto*, Porto, 1963, pp. 103-133.

³³ António Cruz, op. cit., Lisboa, 1940, p. 591.

³⁴ António Cruz, op. cit., Lisboa, 1940, fot. 1; Magalhães Basto, op. cit., 1963, p. 108, fig. 8.

³⁵ António Cruz, op. cit., Lisboa, 1940, p. 589-590; Vergílio Correia, “O Cemitério medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 102.

³⁶ A. A. Mendes Correa, “Fontes Antiquitatum Portucalensium”, *Boletim Cultural*, vol. III, fasc. 2, Porto, C. M. P., 1940, pp. 188-189.

³⁷ Fernando Lanhas e D. Domingos Pinho Brandão, “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico – Parcela 135-2”, *Revista de Etnografia*, vol. VIII, tomo 1, Porto, 1967, p. 46.

³⁸ Fernando Lanhas e D. Domingos Pinho Brandão, “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico – Parcela 124-6”, *Revista de Etnografia*, vol. IV, tomo 2, Porto, 1965, p. 300.

Frende e de Covelinhas³⁹. O caso da sepultura da necrópole tardo-romana de St.^a Leocádia de Baião, meia aberta no saibro e meia aberta no granito, não nos parece tão significativo quanto seria de desejar, já que o seu exemplo isolado, no contexto das sepulturas componentes da necrópole, surge mais como excepção. Os casos de Covelinhas e de Frende já foram analisados quando nos reportámos às tampas de sepultura decoradas com mosaico, fenómeno paleocristão que se assinala na bacia hidrográfica do Douro⁴⁰. A referência a sepulturas rupestres em Covelinhas é excessivamente confusa para a podermos encarar sem reservas⁴¹, e o caso de Frende não foi concludentemente esclarecido quando ali se realizaram escavações em 1973⁴². Como já tivemos oportunidade de dizer, cremos que as sepulturas rupestres de Frende não estão em relação com a tampa musivária paleocristã, sendo provável que esta se encontrasse associada a enterramentos idênticos aos nºs. 1, 4 a 5 de 1973⁴³.

Em 1976 Alberto Correia, ao publicar as sepulturas rupestres do concelho de Sernancelhe⁴⁴, ainda perfilhava as teorias de Amorim Girão, contrariando a medievalidade evidente destes sepulcros e defendendo uma cronologia dentro da Idade do Bronze (!). Para este autor, o concelho de Sernancelhe possuiria duas necrópoles rupestres “paleocristãs”, jazendo sob as igrejas românicas de Sernancelhe e de Fonte Arcada, testemunho da existência de moimentos rupestres nos inícios da Idade Média. No entanto, porque as considerou “paleocristãs” não as incluiu no seu inventário onde apenas contempla as sepulturas rupestres que interpreta como “proto-históricas”. Nele escreve, à laia de conclusão: “*Não aceitamos a tese dos que atestam a sua medievalidade ou mesmo a época pós-romana, ampla e logo imprecisa, não só porque alegam falsas analogias com sepulturas cavadas em qualquer marco miliário romano, com as “arcas” dos claustros das nossas catedrais, ou a orientação E-W das campas cristãs que erradamente filiam na religião romana. Podem, sem dúvida, ser coetâneas da primeira dominação romana, mas pertencem à mais recuada proto-história, por toda ela se tendo perpetuado e porventura desenvolvido até quando as técnicas romanas dos metias permitiram ser mais fácil trabalhar a pedra.*”⁴⁵.

E acrescenta: “*Finalmente cremos que esta forma de sepultura não será originária da região portuguesa, nem mesmo autóctone da Península, tendo a esta chegado com os metalúrgicos do Bronze, por via marítima, alargando-se daqui à região portuguesa onde floresceu extraordinariamente na parte centro e norte, alimentada pelas especiais condições aqui existentes.*”⁴⁶.

Cremos que esta posição, herdeira das velhas teorias dos fins do século XIX, altura em que reinava total desorientação entre os investigadores face a este tipo de sepulcros, se torna injustificável perante os conhecimentos actuais.

A TEORIA DE ALBERTO DEL CASTILLO

Quando nos fins da década de 50 do século XX, o professor Alberto del Castillo se começou a interessar pela Arqueologia Medieval, coincidindo com a deslocação para a Universidade de Barce-

³⁹ Carlos Alberto F. de Almeida, “Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal”, Porto, 1973, p. 20 e nota 72 (Separata de *Revista da Faculdade de Letras, Série de História*, vol. III, Porto, 1973); idem, “Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião)”, *Archeologica Opuscula*, Vol. I, Porto, 1975, p. 38.

⁴⁰ Vd. Mário Jorge Barroca, *Necrópoles e Sepulturas medievais de Entre Douro e Minho (Séculos V a XV)*, Porto, ed. policopiada, 1987, pp. 47-49.

⁴¹ F. Russel Cortez, “Mosaicos Romanos no Douro”, Porto, 1946, p. 28 (separata de *Anais do Instituto do Vinho do Porto*, vol. 7, Porto, 1946).

⁴² Carlos Alberto F. de Almeida, “Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião)”, *Archeologica Opuscula*, Vol. I, Porto, 1975, pp. 29-39; veja-se o que sobre o assunto consagramos neste trabalho (*Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (Séculos V a XV)*, Porto, 1987, pp. 47 e ss.), e em “Notas sobre a ocupação medieval em Baião”, *Arqueologia*, vol. 10, Porto, 1984, pp. 119-120.

⁴³ Carlos Alberto F. de Almeida, “Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião)”, *Archeologica Opuscula*, vol. I, Porto, 1975, p. 38; Mário Jorge Barroca, “Notas sobre a ocupação medieval em Baião”, *Arqueologia*, vol. 10, Porto, 1984, p. 119.

⁴⁴ Alberto Correia, “Sepulturas cavadas em rocha no concelho de Sernancelhe”, Viseu, Ed. Junta Distrital de Viseu, 1976 (Separata de *Beira Alta*, Viseu, 1976).

⁴⁵ Alberto Correia, op. cit., 1976, p. 40.

⁴⁶ Alberto Correia, op. cit., 1976, p. 40.

lona, desde cedo a sua atenção se centrou nas sepulturas escavadas na rocha. Durante quase década e meia haveria de se dedicar a este tipo de estações arqueológicas, tendo intervindo em alguns dos mais importantes cemitérios rupestres, sobretudo na zona da Catalunha, Navarra e Aragão. Do seu labor resultaram dois textos ainda hoje fundamentais para quem tente abordar a problemática das sepulturas abertas na rocha, e que constituíram, na altura, uma pedra basilar na Arqueologia Medieval peninsular e um notável avanço sobre tudo o que até então havia sido consagrado a esses cemitérios. Referimo-nos à *Cronología de las tumbas llamadas 'olerdolanas'*, artigo saído em 1968, e ao seu livro *Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Soria, Logroño y Burgos*, publicado em 1972. Qualquer das obras haveria de deixar profundo estigma, patente em quase todos os trabalhos que, subordinados a este tema, foram publicados desde então.

Para Alberto del Castillo a evolução tipológica dos sepulcros rupestres acompanharia a progressão cronológica. As sepulturas mais antigas, de contorno ovalado ou, como alguns autores preferem designar, “tipo banheira”, seriam exemplares mais remotos, com uma origem que se deveria situar por volta do século VII, senão mesmo antes. As sepulturas rupestres de contorno antropomórfico, pelo contrário, seriam uma manifestação típica do período da Reconquista cristã.

“Esta forma de tumbas parece privativa hispânica y hay que situarla en relación con la Reconquista y la Repoblación. Conocemos tumbas escavadas en la roca de época tardo-romana y visigótica. Pero son de forma rectangular o de bañera, no antropomorfas.”⁴⁷.

Um dos principais argumentos evocados por Castillo para colocar o início das sepulturas ovaladas no século VII seria o de Sant Vicens de Obiols, onde em 1960, no interior de uma sepultura dessa tipologia, aparecera um triente de Egípcia (687-702). Acrescentava Castillo:

“Cierta que la sepultura habia sido violada y no habia en ella más que dicha moneda, pero hay que admitir que la pieza de oro quedó en el rincón del fondo protegida por el muro que se construyó encima de ella en época posterior. Hay que creerla, pues, de la misma época del enterramiento, fruto de la creencia pagana, prolongada en época visigoda, del pago al barquero Caronte por el viaje al más allá.”⁴⁸.

Durante o período da Reconquista a evolução tipológica ter-se-ia realizado no sentido de se alcançar um contorno antropomórfico, primeiro assimétrico, assinalando-se apenas o “ombro” esquerdo. Esses primeiros passos já seriam sensíveis em meados do século IX. Quando se alcançam os inícios do século X o perfil da cabeceira já se encontraria assinalado, e as sepulturas teriam atingido uma simetria axial quase perfeita, com os dois “ombros” devidamente assinalados⁴⁹. Assiste-se, então, a uma diversificação de soluções ao nível do antropomorfismo, sobretudo com dois grandes grupos: cabeceiras de arco ultrapassado, ou em ferradura, e cabeceiras de contorno trapezoidal ou anguloso, em que os três lados do trapézio se apresentam quase rectificadas. Castillo haveria de designar estas últimas por “tipo catalão” ou Oriental, afirmando a sua predominância na área da Catalunha, tendo por base os exemplos de Santa Creu de Jutglar e de Castellot de Viver⁵⁰. Pelo contrário, as cabeceiras de arco ultrapassado, que designaria por “tipo Ocidental”, seriam predominantes nas zonas a Ocidente da Catalunha, em Navarra, Aragão e Castela.

Ao longo do seu estudo de 1968, Castillo procurou provar que as sepulturas antropomórficas abertas na rocha seriam um fenómeno atribuível sobretudo ao século X. Para tal baseava-se

⁴⁷ Alberto del Castillo, “Cronología de las tumbas llamadas ‘olerdolanas’”, *Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, 1968, p. 838.

⁴⁸ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 838.

⁴⁹ Manuel Riu, “La Arqueología Medieval en España”, *Manual de Arqueología Medieval. De la prospección a la historia*, Barcelona, Teide/Base, 1977, p. 455.

⁵⁰ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 837 e 839.

nos elementos fornecidos por sete cemitérios: El Castellot de Viver, que atribuiu ao século X; Santa Creu de Jutglar, que considerou datável entre os primeiros anos do século X e os inícios da centúria seguinte; Olérdola, com as suas duas necrópoles, ambas posteriores a 929 e anteriores aos meados do século XII; Uncastillo, igualmente dentro do século X; Duruelo de la Sierra, cujas sepulturas teriam de ser enquadradas entre o reinado de Afonso III (866-909) e o governo do Conde Fernan González (c. 930-970); Revenga, com enterramentos nunca anteriores ao reinado de Afonso III e provavelmente século X, a julgar pela conexão com elementos arquitectónicos pré-românicos do templo, podendo, no entanto, avançar até meados do século XI; e Cuyacabras, igualmente do século X. Concluía: “*En unos casos, la duración de las necrópolis con tumbas olerdolanas ha podido ser breve o relativamente breve. Tal en Viver, Santa Creu de Jutglar, Murillo de Gállego, Uncastillo y Duruelo de la Sierra. Viver, Murillo de Gállego y Uncastillo no servieron más de necrópolis. Santa Creu y Duruelo tuvieron necrópolis posteriores, de los siglos IX, XII y aun quizá del XIII, pero ignorando la de tumbas olerdolanas del X. Las grandes necrópolis del alto Arlanza – Revenga y Cuyacabras – con su centenar y medio de tumbas olerdolanas, de un tipo cuya evolución hacia la forma de sarcófago puede seguirse, parecen haber tenido una duración que sobrepasa bastante el siglo X. En ambos casos, el lugar se abandona bruscamente y queda despoblado, perdiéndose la memoria de su existencia.*”⁵¹.

Do seu texto depreende-se que, para Castillo, os dois tipos de cabeceira – ocidental e oriental – conviviam no tempo, sendo apenas a exteriorização de tendências regionais sem qualquer valor cronológico.

Para Castillo, as necrópoles de Duruelo de la Sierra, Revenga e Cuyacabras, particularmente extensas, seriam de incluir num núcleo mais vasto, onde as cabeceiras de tipo ocidental predominavam.

*“El número de necrópolis del corredor del alto Duero y del alto Arlanza, al sur de la Sierra Cebollera, de Urbión y de la Demanda, es el más denso de España. Puedo anticipar que se trata de ganaderos, probablemente vascones, y con una presencia, en ocasiones masivas, de población mozárabe.”*⁵².

Quando em 1972 retoma as grandes necrópoles rupestres de tipo ocidental, a perspectiva não parecia ter-se alterado muito. Castillo consideraria a necrópole de Duruelo de la Sierra (Sória), com as suas oitenta sepulturas, como do último terço do século IX, prolongando-se a sua utilização por quase todo o século X⁵³. Sobre ela foram detectados dois níveis de enterramentos posteriores, um com sepulturas de pedras avulsas, do tipo “cista”, que classificaria do século XI, outro com sarcófagos antropomórficos talhados em pedra volante, atribuível aos séculos XII-XIII⁵⁴. Duruelo apresentaria, assim, uma diacronia semelhante à que fora detectada em Santa Creu de Jutglar⁵⁵. Algo posterior à necrópole rupestre de Duruelo de la Sierra seria o cemitério de Revenga (Burgos), onde se inventariariam 133 sepulturas. Aqui, os sepulcros mais próximos do templo seriam sensivelmente contemporâneos da necrópole soriana, mas as sepulturas periféricas, evidenciando um rebordo para facilitar o encaixe e drenagem das águas pluviais, teriam de corresponder a uma fase algo posterior. Esta última fase do cemitério de Revenga corresponderia à primeira fase da necrópole de Cuyacabras (Burgos), sendo ambas de incluir na segunda metade de século X⁵⁶. A necrópole de Cuyacabras, a maior de todas, com 175 sepulturas, comportaria igualmente uma

⁵¹ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 845.

⁵² Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 842.

⁵³ Alberto del Castillo, “Excavaciones Altomedievales en las provincias de Sória, Logroño e Burgos”, *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº.74, Madrid, 1972, p. 6.

⁵⁴ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, pp. 3-4 e 6.

⁵⁵ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 839; Alberto del Castillo, op. cit., 1972, pp. 5 e 7; J. I. Padilla Lapuente, “La necrópolis de Santa Creu de Joglars (Osona), *Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*, Annex 1, Acta Mediaevalia, Barcelona, 1982, pp. 155-176.

⁵⁶ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 23.

segunda fase, já do século XI, utilizando ainda sepulturas escavadas no afloramento rochoso. Estas apresentavam-se com um rebordo alto, já muito desprendido da superfície rochosa, numa volumetria que lembra os sarcófagos talhados em blocos autónomos. Por outro lado, estas sepulturas ostentavam igualmente um desnível entre o plano de apoio da cabeça e a cavidade destinada à deposição do corpo, numa melhor adaptação anatómica⁵⁷.

Quer na necrópole de Duruelo de la Sierra quer na de Revenga, Castillo encontrou uma solução de antropomorfismo que se desconhece para Portugal. Algumas sepulturas apresentavam um contorno ovalado na linha de superfície e possuíam uma cavidade subsférica destinada a cabeça, aberta no meio de um dos topos arredondados do sepulcro, sem atingir a superfície da sepultura. Para a necrópole de Revenga, onde o número destas sepulturas era bem menos expressivo do que em Duruelo, Castillo conseguiu determinar uma cronologia relativa, que enquadrava aquela solução na primeira metade do século X, já que essas sepulturas se encontravam no “*sector das sepulturas familiares*”, que o autor atribuiu a essa centúria⁵⁸.

Em Cuyacabras foram identificadas dez sepulturas rupestres abertas em nichos artificiais, solução semelhante à encontrada em San Millan de la Cogolla⁵⁹ e interpretada como pertencente a populações moçárabes. De resto, já em 1968 o autor aventara que “*Característica de esta estación (Cuyacabras) es la presencia de tumbas en forma de nichos excavados en la roca y con el interior también antropomorfo. Es un tipo que parece mozárabe. Hay un sector entero de la necrópolis con tumbas de este género, lo que hace pensar en una verdadera colonia mozárabe.*”⁶⁰.

As sepulturas de San Millan de la Cogolla, repartidas por sete covas artificiais com duas a quatro sepulturas cada uma, foram enquadradas por Castillo entre os fins do século X – posteriores a 984, data da sagração do templo pré-românico – e os fins do século XI⁶¹. Manuel Riu encontrou sepulturas de tipologia idêntica a Cuyacabras e San Millan de la Cogolla em La Esclavitud (Ronda)⁶².

Um dos aspectos mais interessantes nos trabalhos de Castillo foi a constatação da existência de uma orgânica espacial bem definida em certos cemitérios. Em Revenga e Cuyacabras, Castillo encontrou o que haveria de designar por “agrupamentos”, “núcleos” ou “panteões familiares”: a conjugação, claramente individualizada e destacada, de uma sepultura antropomórfica clássica, perfeitamente simétrica, com uma sepultura de tipo ovalado ou “banheira”, formando um par, por vezes rodeado de uma ou várias sepulturas rupestres de reduzidas dimensões, normalmente também ovaladas. Para Castillo estas associações corresponderam a um agregado familiar: a sepultura do varão seria antropomórfica, a da mulher ovalada e as dos filhos igualmente ovaladas⁶³. As sepulturas ovaladas, uma tipologia em princípio mais remota e arcaica, perdurariam até épocas mais recentes, embora agora se vissem revestidas de uma intencionalidade bem definida. Apenas quedou por explicar se as sepulturas deste tipo, que com vimos surgiam já no século VII, teriam utilização ininterrupta até ao século X ou se se verificou algum hiato. A ter existido um lapso de tempo considerável durante o qual as sepulturas ovaladas não foram executadas, faltou explicar como foi retomado esse modelo e a partir de que memória.

⁵⁷ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 20.

⁵⁸ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 12.

⁵⁹ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, pp. 39-42; Alberto del Castillo, “La necrópolis de covachas artificiales del Monasterio de uso, pervivencia del sistema de enterramiento eremítico”, *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, 1975, pp. 967-978.

⁶⁰ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 844.

⁶¹ Alberto del Castillo, op. cit., 1975, p. 969.

⁶² Manuel Riu, “La arqueología de las sepulturas de la Alta Edad Media hispánica”, comunicação apresentada à XIII Semana de Estudios Medievais, Barcelona, 1985.

⁶³ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 843; Alberto del Castillo, op. cit., 1972, pp. 12, 13, 20 e 36. Para além dos exemplos evocados por Castillo, de Revenga, Cuyacabras e Villanueva de Sopotilla, Katja Kliemann regista para a Catalunha os de Esquerda, St. Vicenç de Malla, St. Cugat de Taia, St.ª Maria de Lluçà e St. Boi de Llobregat (K. Kliemann, op. cit., 1986, pp. 125-126), realçando, no entanto, que a teoria de Castillo carece, ainda, de confirmação da Antropologia Física no que diz respeito à sua atribuição das sepulturas antropomórficas a homens e das ovaladas a mulheres (op. cit., 1986, p. 127). É provável que estas associações de túmulos nos espelhem uma opção pela família de tipo nuclear, mas esta interpretação carece de argumentos mais sólidos.

Também no que diz respeito aos enterramentos infantis se verificaram alguns vectores interessantes. Na necrópole de Cuyacabras as sepulturas de crianças encontram-se dispersas por entre os enterramentos destinados a adultos, mas noutras necrópoles foi possível determinar a sua concentração em zonas específicas e exclusivas. Em Santa Creu de Jutglar e Castellot de Viver as sepulturas de crianças encontravam-se totalmente apartadas das de adultos, parecendo que os cemitérios mantinham zonas estanques reservadas para os dois grandes escalões etários. É provável que a distinção não fosse só etária, mas que também estivesse relacionada com o baptismo. No entanto, na necrópole de Revenga os enterramentos infantis tanto se encontravam concentrados, em núcleo, por detrás da abside do templo e a Leste deste, como conviviam lado a lado com sepulturas de adulto, integrando os “núcleos familiares”. Paralelamente, não deixa de surpreender o número destes enterramentos, numa altura em que, em princípio, a criança morta em tenra idade pouca importância parecia desempenhar na vida afectiva.

ALGUNS CONTRIBUTOS RECENTES

As teorias de Alberto del Castillo, embora continuem a ser, na generalidade, aceites pelos investigadores espanhóis, foram alvo de algumas críticas em contributos recentes. Já em 1975 Maria Asunción Bielsa havia divulgado elementos que permitiam colocar as sepulturas com cabeceira trapezoidal ou angular (tipo oriental) numa época ligeiramente mais recuada que as sepulturas com cabeceiras de arco ultrapassado (tipo ocidental). A ideia, implícita em Castillo, de que os dois tipos de cabeceiras representavam opções regionais contemporâneas foi posta em causa pelos resultados da escavação da necrópole aragonesa de Uncastillo, onde segundo Maria Asunción Bielsa, coexistiam os dois grandes tipos de cabeceiras⁶⁴. Ora “*en todos los casos de superposición la primera labrada es la que tiene cabecera trapezoidal, la segunda es la del arco de herradura.*”⁶⁵.

Por outro lado, a própria classificação que Castillo dera para as diferentes soluções ao nível da cabeceira dos sepulcros, criando dois grandes grupos, um predominante na Catalunha – “tipo oriental”, com cabeceiras trapezoidais – outro predominante nas necrópoles da região de Navarra, Aragão e Castela – “tipo ocidental”, com cabeceiras de arco ultrapassado – , haveria de ser posto em causa por Katja Kliemann, em 1986. A formulação desta teoria por Alberto del Castillo resultou das escavações nas necrópoles catalãs de Santa Creu de Jutglar e de Castellot de Viver, onde, efectivamente, se verificava a predominância do “tipo oriental”. Katja Kliemann, ao proceder ao inventário e estudo das sepulturas antropomórficas da Catalunha⁶⁶, haveria de provar que, ao contrário do que supôs Castillo, as sepulturas com cabeceira trapezoidal não são predominantes na Catalunha. Tal como as sepulturas em arco ultrapassado, as sepulturas de “tipo oriental” são mais ou menos excepcionais nesta zona, apenas se contando exemplos em Montjuich, Castellot de Viver, Santa Maria de Lluçá e Santa Creu de Jutglar. Pelo contrário predominam as cabeceiras de contorno quadrangular, rectangular ou arredondado (embora não ultrapassado)⁶⁷.

Katja Kliemann assume, ao longo do seu trabalho, uma posição abertamente crítica em relação às teorias de Alberto del Castillo. Procura demonstrar que, ao contrário do que Castillo defendera (1968), as sepulturas antropomórficas não são exclusivas da Península, encontrando-se inventariadas em diferentes locais da Europa⁶⁸, embora seja realmente no espaço peninsular

⁶⁴ María Asunción Bielsa, “Necrópolis Altomedievales en Aragón”, *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, 1975, p. 998.

⁶⁵ María Asunción Bielsa, op. cit., 1975, p. 999.

⁶⁶ Katja Kliemann, *Un Aspecte de les necrópolis medievals: les sepultures antropomorfes a Catalunya*, Dissertação de Licenciatura, 2 vols., Barcelona, ed. policopiada, 1986. A tese de Katja Kliemann nunca chegou a ser editada. Tivemos oportunidade de a consultar em 1986, quando realizámos um estágio de um mês na Universidade de Barcelona, sob orientação do Professor Doutor Manuel Riu.

⁶⁷ Katja Kliemann, op. cit., 1986, vol. I, pp. 76-77; vol. II, Quadro nº. 2.

⁶⁸ Katja Kliemann, op. cit., 1986, vol. I, pp. 3-4. Exemplos em França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Suécia e Grécia, que, apesar de tudo, se devem considerar como excepcionais. Veja-se também Jordi Bolòs i Masclans e Montserrat Pagès i Parretas, “Les sepultures

que elas alcançaram maior representatividade, abandonando o estatuto de exceção para se generalizarem em número que não pode deixar de ser surpreendente⁶⁹. Por outro lado, põe em dúvida a teoria evolutiva de Castillo, que pressupunha que as sepulturas ovaladas eram as mais antigas (datadas em Obiols do século VII pela ocorrência de um triente de Egica), sucedendo-se a elas, por volta do século IX, sepulturas assimétricas com um “ombro” demarcado, e, já em pleno século X, sepulturas com os dois ombros simetricamente delimitados⁷⁰. Sobre o achado de Obiols, Katja Kliemann considera que *“caldrá ... mostrar-se crítics respect a la localització dins d’una sepultura de St. Viçens d’Obiols (en forma de “baneyra”) d’una moneda d’Egica datada entre finals del s. VII i principis del s.VIII. La moneda tan sols ens pot donar una datación “post quem”, però no ens data ni molt menys la tomba i, per tant, la necrópolis.”*⁷¹.

Quanto às observações que Castillo tecera sobre a diacronia interna da necrópoles de Revenga e de Cuyacabras (1968 e 1972), acrescenta que *“Podem apreciar que les afirmacions d’A. del Castillo sobre l’antiguitat de les sepultures ovalades excavades a la roca respecte a les antropomorfes, basades en la major proximitat a l’edifici religiós de les primeres, són falses o no molt clarament apreciables. Tant unes com altres es barrejen molt i no permeten distingir amb claredat una línia de trencament.”*⁷².

Na necrópole de Viladordis (Manresa) as sepulturas ovaladas estão mais afastadas da igreja, enquanto as sepulturas antropomórficas se encontram implantadas junto dos muros desta. Pela lógica de Alberto del Castillo, as sepulturas mais antigas em Viladordis teriam de ser as antropomórficas, e as ovaladas mais tardias. Acrescenta Katja Kliemann que *“De totes maneres és simptomàtic que les sepultures excavades a la roca, de forma ovalada o amb el cap molt poc diferenciats apareixen amb freqüència sense cap connexió aparent amb un edifici religiós proper.”* *“Per altra banda, les sepultures antropomorfes apareixen gairebé sempre en connexió amb una església.”*⁷³.

Para Katja Kliemann uma explicação possível para este facto residiria no facto de uma sepultura antropomórfica exigir maiores conhecimentos da arte de pedreiro, uma maior especialização, e que as pessoas à altura de as executarem só se encontrariam nos locais onde fosse maior a procura – isto é, junto dos templos paroquiais, onde os enterramentos se apresentavam concentrados. Na sua interpretação, as sepulturas isoladas, maioritariamente ovaladas, seriam o testemunho de um habitat disperso⁷⁴. A sua argumentação, embora para nós não totalmente convincente, aproxima-se bastante da de Jordi Bolòs i Masclans e de Montserrat Pagès i Parretas que, numa síntese recente sobre *Les sepultures excavades a la roca* da província da Catalunha, consideram que para casos de *“... grups nombrosos de tombes amb església a prop o sense que n’hi hagi, hem de pensar que, segurament, hi devia haver especialtzats en aquest ofici, el qual requeria de coneixer les eines de ferro que s’havien d’emprar e, també, una coneixença de la manera d’utilitzar-les segons el tipus de material rocós que s’hagués d’excavar. Aixó significa no sols una especialització del treball dins del grup sinó també, probabelment, almenys en alguns casos, l’existència d’alguns equip d’operaris itinerant ...”*⁷⁵.

No entanto, para estes autores, a existência de sepulturas escavadas na rocha em locais isolados, longe de templos e de outros sepulcros, ou então associados apenas a um ou outro exemplar, poderia ser explicada pela ausência de uma estruturação paroquial: *“En principi, cal*

excavades a la roca”, *Necrópolis i Sepultures medievals de Catalunya*, Annex 1, Acta mediaevalia, Barcelona, 1982, p. 62, nota 2. Uma visão sobre o antropomorfismo em sepulcros do Midi francês encontra-se em Philippe Troncin, “Les tombes antropomorfes du V^e au XV^e siècle dans le Midi de la France”, *Archéologie en Languedoc*, 4, 1987, pp. 157-190. Nele se referem sepulturas escavadas na rocha.

⁶⁹ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 5.

⁷⁰ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 78.

⁷¹ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 26.

⁷² Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 78.

⁷³ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 78.

⁷⁴ Katja Kliemann, op. cit., 1986, pp. 78-79.

⁷⁵ Jordi Bolòs i Masclans e Montserrat Pagès i Parretas, op. cit., 1982, p. 70.

*relacionar aquestes tombes amb un lloc habitat proper i cal datar-les com a pertanyents a una època primitiva, possiblement anterior a l'estructuració parroquial eclesiàstica del lloc on són situades. Segurament, quan encara no hi havia cap església a prop de l'habitatge i, per tant, no es podia enterrar en un lloc sagrat..."*⁷⁶.

Bolòs e Pagès, que se mantêm ainda bastante próximos das teorias de A. del Castillo, consideram que as sepulturas ovaladas são as mais antigas e que a sua existência não se ficou a dever apenas a dificuldades técnicas, como Katja Kliemann procura insinuar. Para Bolòs e Pagès, a Catalunha contaria com dois grandes grupos de sepulturas, conjuntos que seriam estanques, não apresentando qualquer solução de continuidade: um, com sepulturas retangulares e trapezoidais, maioritariamente do século VI e VII, e outro com sepulturas antropomórficas ou ovaladas, que seria de atribuir ao período da Reconquista: *"Tot i que encara sigui difícil d'assegurar res, hom té la impressió (...) que hi hagueren dos moments, sense solució de continuïtat, en els quals se'n feren. Una primera època, segurament, la poden situar durant els segles VI i VII (i fins tot VIII i IX, en algunes contrades, concretament a les Illes Balears); una segona època, que es clou vers l'any 1000, abans d'arribar el temps del romànic, cal situar-la durant els segles VIII i, especialment, IX i X. Del primer moment, al qual li corresponen ells tipus de tombes amb formes rectangulars, trapezials i, potser, d'extrems arrodonits, se'n troben exemples a tot Catalunya, tant a la Catalunya Vella com a la Catalunya Nova, i, així mateix, a les Illes Balears. De la segona època, representada sobretot per les tombes pisciformes i antropomorfes, lògicament, cal cercar els models, sobretot, a la Catalunya Vella."*⁷⁷.

No entanto, globalmente, as propostas cronológicas destes dois autores não se afastam quase nada das que, anos antes, avançara o Professor Castillo: *"Segons la cronologia establerta provisionalment en relació amb Castella la forma de sepultura d'extrems arrodonits, dita de baneyra, cal situar-la després del segle VII. Vers mig segle IX sembla que s'hi comença a veure al cap. Cal esperar el segle X per tal que aqueste es vegi clarament. A Catalunya, en principi, poden acceptar aquesta cronologia. D'aquestes sepultures de capçalera rodona sembla que ant en poden trobar a la Catalunya Nova com a la Catalunya Vella, al costat de formes ja amb cap. Degué ésser també, segurament, durant el segle IX que, en alguns llocs es començaren a dibuixar les primers insinuacions del cap, pels costats de la capçalera o per la seva part superior. Plausiblement, l'evolució de les formes de capçalera amb cap cal situar-la durant el segle X. Com ja hem dit, és molt possible que primerament es fessin les formes arrodonides i després les quadrades, d'angles més escairats."*⁷⁸.

Pelo contrário, a posição de Katja Kliemann no que diz respeito às cronologias dos diferentes tipos de sepulturas rupestres antropomórficas apresentam algumas divergências em relação ao que defendera Alberto del Castillo. As cronologias propostas por este autor, talvez demasiado rígidas e comportando uma diacronia excessivamente curta, viriam a ser dilatadas por Kliemann. A análise de múltiplos casos da Catalunha⁷⁹, levou Kliemann a propor uma cronologia mais vasta para as sepulturas antropomórficas. Ao contrário da maioria dos autores que, apoiando-se em Castillo, atribuem as sepulturas antropomórficas a um período que se estende entre o século VIII e fins do século XI, com uma predominância entre o século IX e X⁸⁰, Katja Kliemann considera igualmente que estas soluções arrancam ainda no século VIII, mas que se apresentam sobretudo enquadradas entre o século IX e os fins do século XIII⁸¹. Apesar de tudo, e porque, norma geral, se pode estabelecer uma relação entre as sepulturas antropomórficas escavadas na rocha e templos arqueológica ou documentalmente registados desde os séculos IX-X, K. Kliemann

⁷⁶ Jordi Bolòs i Masclans e Montserrat Pagès i Parretas, op. cit., 1982, p. 63.

⁷⁷ Jordi Bolòs i Masclans e Montserrat Pagès i Parretas, op. cit., 1982, p. 60.

⁷⁸ Jordi Bolòs i Masclans e Montserrat Pagès i Parretas, op. cit., 1982, pp. 78-80. Vejam-se também pp. 70-78 onde se explanam, caso a caso, várias propostas cronológicas para necrópoles catalãs, a partir das quais os autores fundamentam a sua posição.

⁷⁹ Katja Kliemann, op. cit., 1986, pp. 141-147.

⁸⁰ Katja Kliemann, op. cit., 1986, vol. I, p. 141, vol. II, Quadro 12.

⁸¹ Katja Kliemann, op. cit., 1986, vol. I, p. 146 e 149, vol. II, Quadro 13.

acrescenta que a maioria dos exemplos dessas sepulturas pode corresponder aos séculos IX e X⁸². Após um período áureo, que caberia colocar até aos fins do século XI, a execução e utilização de sepulturas antropomórficas abertas na rocha passa a apresentar-se mais ou menos esporádica, representando sobrevivências tardias de uma moda em declínio. Se essas sobrevivências ainda possuem alguma expressividade nos fins do século XIII, de então para diante deixam de ser significativas. Apenas no cemitério judeu de Montjuich (Barcelona) a moda parece ter atingido períodos mais tardios, documentando-se ainda nos fins do século XIV⁸³. Não foram, no entanto, apresentadas propostas cronológicas para os diferentes tipos de cabeceiras nem, tão-pouco, uma cronologia relativa que permitisse ordená-los cronologicamente.

ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE OS CEMITÉRIOS RUPESTRES

Se é certo que os trabalhos de Alberto del Castillo e de outros autores vieram enriquecer significativamente os nossos conhecimentos sobre as necrópoles de sepulturas abertas na rocha, também temos de reconhecer que muitos aspectos continuam obscuros. Procuraremos, de seguida analisar algumas das características destas estações arqueológicas, anotando certas lacunas ainda existentes.

A execução de um cemitério rupestre obedece a uma singular sensibilidade que não pode deixar de ser aqui sublinhada. No entanto, poucos autores se têm preocupado com a análise do quadro mental subjacente a essa manifestação. As questões em causa não são fáceis de tratar, envolvendo aspectos sem dúvida polémicos. Porque se optou pela criação de estruturas tão dispendiosas para receber entes queridos na sua última morada, quando se podia dar repouso em sepulturas igualmente cuidadas e condignas, mas bem menos onerosas, cuja execução fora tão vulgar em passado ainda recente? Permanecem obscuras as razões que levaram os homens a executar sepulturas em afloramentos rochosos, tão frontalmente contrastantes com o aspecto dos anteriores sepulcros. Esta nova moda de tumulação exigia conhecimentos de trabalho de pedra e o recurso a instrumentos metálicos, por certo não muito vulgarizados na época, manuseados por homens experientes. Como já salientaram alguns autores, o trabalho necessário para a criação de uma sepultura rupestre envolvia pedreiros profissionais e, certamente, um pagamento (monetário ou outro), pelo menos se aceitarmos as teorias mais audaciosas que nos referem a existência de artífices itinerantes⁸⁴. A mão desses profissionais, itinerantes ou não, encontra-se bem testemunhada na excelente qualidade dos acabamentos que a maioria dos sepulcros ostenta. Curiosamente, a maior preocupação parece orientar-se para a cavidade sepulcral, que era depois ocultada, e menos para as áreas envolventes, que poderiam ou não ficar expostas. De resto, um outro problema que estas estações levantam é o seu aspecto físico. Tratar-se-ia de estruturas aparentes, aproveitando afloramentos expostos ao ar, ou seriam destinadas a ficar ocultas por uma camada de terra? À partida, somos tentados a encarar como mais provável a primeira hipótese. Pelo menos no que diz respeito a necrópoles onde predominam as tampas monolíticas, trabalhadas em laje única, ou naquelas onde se denotam rebordos alteados e canais para evitarem o acesso das águas pluviais ao interior da cavidade sepulcral, tudo parece indicar que as sepulturas quedariam aparentes. Em alguns casos, a escolha recaiu sobre afloramentos particularmente destacados, o que poderá ter sido uma opção consciente e voluntária. As sepulturas destinavam-se, portanto, a ficar em local bem destacado da paisagem e seriam, naturalmente, visíveis. Estranha paisagem, a desses “campos de mortos”, pântanos e agrestes, interrompidos apenas pelas lajes de cobertura. Um drástico contraste, se tivermos em

⁸² Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 146.

⁸³ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 142.

⁸⁴ Jordi Bolòs e Montserrat Pagès, op. cit., 1982, p. 70.

mente o aspecto dos cemitérios de épocas anteriores, abertos na terra humosa e tantas vezes encobertos por esta. No entanto, para cemitérios rupestres onde as tampas se apresentam mais descuidadas, compostas por um número variável de pedras – oscilando entre as duas e nove – por vezes com recurso a materiais reaproveitados, algumas dúvidas se podem levantar quanto ao seu acabamento final. Pelo menos nalguns casos mais tardios é provável que uma fina camada de terra escondesse as sepulturas. Em casos onde as sepulturas rupestres estavam associadas estelas rectangulares ou do tipo discóide, como por exemplo em Povos (Ribatejo), em Jogueiros (Ranhados, Viseu) ou em Alpendurada (Marco de Canaveses)⁸⁵, ou onde os moimentos foram completados com pedras reaproveitadas, como na última fase do cemitério rupestre da Sé do Porto⁸⁶, tudo parece indicar que as tumulações não se destinavam a ficar à vista. Mas, somos levados a reconhecer que sobre o aspecto físico destes cemitérios se sabe ainda muito pouco. A existência de uma orgânica interna, com espaços bem definidos, como parecem recomendar as concentrações de sepulturas de crianças, apartadas das que se destinavam a adultos, ou a presença de núcleos familiares, levam-nos a encarar a hipótese desses cemitérios possuírem demarcação física a sublinhar a distinção – e hierarquia? – de espaços. Para estes aspectos, a arqueologia não tem fornecido elementos elucidativos.

Uma outra característica destes cemitérios é o anonimato das sepulturas. Tal como se verificava já nas sepulturas visigóticas, também aqui não houve a preocupação de preservar a memória do morto. A despersonalização dos cemitérios rupestres é total, e nenhum elemento concorre para que se individualize a sepultura. Mesmo nos escassos e tardios exemplos que se conhecem de estelas rectangulares ou discóides associadas a sepulturas abertas na rocha, a preocupação dominante parece ser a de assinalar o local de repouso de um morto e não tanto o seu nome. Se atendermos ao cuidado reservado à execução da cavidade mortuária – mais do que em relação à zona envolvente – e ao dispêndio inerente à sua abertura, não deixa de ser interessante este quase paradoxal desprezo pela memória do morto. Ora, em face do anonimato das sepulturas, a teoria de Alberto de Castillo sobre os núcleos familiares só pode resistir perante as duas situações: ou a morte dos elementos do agregado familiar teve lugar num curto espaço de tempo, ou a orgânica do cemitério era bem conhecida, se não de todos pelo menos de quem estava encarregado de abrir as sepulturas. Uma vez mais nos encontramos perante a possibilidade de estes cemitérios apresentarem uma estruturação espacial bem definida. A mesma perspectiva se coloca quanto às reutilizações de sepulturas. A sua existência, tão difundida, é mais um dado a apontar para o elevado custo de execução de um sepulcro deste tipo. Alguns autores procuraram ver nestas situações um sintoma do aproveitamento da sepultura por elementos da mesma família. Para além de questões de ordem puramente económicas teríamos, assim, razões de natureza afectiva. Do corpo anteriormente inumado apenas se costumava preservar como testemunho o crânio, sendo os restantes ossos removidos para dar lugar à nova tumulação. A confirmar-se esta perspectiva, tal só seria possível com um domínio perfeito do espaço do cemitério, que permitisse o reconhecimento da sepultura de um familiar por entre tantas outras semelhantes. Os ossos removidos no momento da reutilização das sepulturas podiam, ou não, ser colocados em ossuários. Embora seja difícil documentar a primeira hipótese, recordemos que se conhece pelo menos um ossuário, revelado por Castillo na necrópole catalã de Castellot de Viver⁸⁷.

Por outro lado, o prevalecimento da sepultura anónima nos cemitérios da Reconquista não pode deixar de reflectir, de alguma forma, as características do ritual litúrgico. Esse anonimato

⁸⁵ Exemplos divulgados por Vergílio Correia, José Coelho e Martins Sarmiento, respectivamente. Cf. Vergílio Correia, “O Cemitério medieval da Sé Velha”, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 101; José Coelho, *Notas Arqueológicas – Subsídios para o estudo arqueológico da Beira*, vol. I, Viseu, Ed. do Autor, 1949, p. 46; José Leite de Vasconcelos, “Correspondência de Martins Sarmiento”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. VI, Lisboa, 1901, pp. 191-192.

⁸⁶ António Cruz, “A cronologia das sepulturas cavadas na rocha”, *Actas do Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, 1940, pp. 589-592.

⁸⁷ Alberto del Castillo, op. cit., 1968, p. 837.

parece apontar para uma ausência de personalização das orações que eram entoadas em memória de alguém e que, sobretudo nas cerimónias evocativas, o ofício litúrgico era de todos os mortos e não de um em particular.

A sepultura escavada na rocha, mesmo quando era feita por mãos experientes e auxiliada por instrumentos adequados, devia demorar um certo tempo. Desde delineamento inicial dos seus contornos até aos acabamentos e retoques finais, calcula-se que seriam necessários pelo menos dois dias de trabalho⁸⁸. Graças à preservação de várias sepulturas inacabadas conhecemos hoje as diferentes fases de elaboração de um sepulcro rupestre. Tendo em atenção a estatura do morto, o pedreiro começava por delinear na superfície do afloramento, com um leve “picotado”, os contornos da cavidade sepulcral a ser rebaixada, dando-lhe já a configuração final – antropomórfica ou não. As dimensões do sepulcro deviam exceder em cerca de 10-20 cm a estatura do morto, o que embora dificulte os cálculos para os estudos de antropologia física não invalida que se obtenham alguns valores aproximados⁸⁹. Desta primeira fase dos trabalhos de abertura de uma sepultura encontrou-se testemunho em S. Vicente do Pinheiro (Penafiel), na necrópole de Numão e na necrópole da Igreja Matriz de Mangualde⁹⁰ e, em Espanha nas necrópoles de Cuyacabras (Burgos) e Santa Eulalia (La Granja, La Bastida, Alava)⁹¹. O segundo momento contemplava a descida da zona inicialmente contornada. O desbaste da pedra fazia-se com instrumentos metálicos, em ferro, como se pode observar nos negativos, que, por vezes, ainda são visíveis. O desbaste da pedra, a operação mais morosa, tanto podia ser feito de forma mais sumária, reservando-se os acabamentos para uma fase final, como podia apresentar desde início, um trabalho mais cuidado, com as paredes bem definidas e fundo quase horizontal. A sepultura 67 de Revenga (Burgos) é um bom exemplo da fase inicial de descida da zona ponteadada⁹², tendo a sepultura sido abandonada antes que o primeiro desbaste tivesse atingido a superfície total do sepulcro. Na zona da cabeceira notam-se já os primeiros levantamentos, enquanto na restante área apenas o ponteadado periférico nos permite determinar o seu contorno. Em Portugal conhecemos várias sepulturas onde se começou a proceder ao desbaste da pedra, mas que não chegaram a ser concluídas. Uma encontra-se incluída na necrópole transmontana de Carrazedo do Alvão, em pleno planalto do Alvão, e apresenta um contorno ovalado, com uma orientação N-S⁹³. Aqui o pedreiro optou por um desbaste inicial relativamente irregular e despreocupado, descendo apenas cerca de 10 cm. No momento em que a obra foi interrompida, as paredes ainda não tinham recebido qualquer retoque, o que permite a observação dos negativos do instrumento metálico utilizado na sua abertura. Também na área de Sernancelhe existem algumas sepulturas rupestres inacabadas, de que Alberto Correia se ocupou⁹⁴. Outros exemplos pertencem

⁸⁸ Manuel Riu, “La Arqueología de las sepulturas de la Alta Edad Media hispánica”, comunicação apresentada à XIII Semana e Estudos Medievais, Barcelona, 1985. O autor colocou o tempo necessário para a elaboração de uma sepultura rupestre em relação com o de duração do velório – os três dias de exposição do cadáver desde o momento da morte até ser enterrado.

⁸⁹ A importância dos estudos de Antropologia Física encontra-se bem patente, por exemplo, em Manuel Riu, op. cit., 1982, pp. 42-43, e em Katja Kliemann, op. cit., 1986, pp. 85-90. Veja-se também o 5º volume dos *Trabajos de Antropología Física* do Laboratório de Antropologia (Instituto “Frederico Oloriz”) da Faculdade de Medicina de Granada (1982), onde se incluem os trabalhos de Philippe du Souich, “Notas sobre la Torrecilla (Arenas del Rey, Granada)”, pp. 7-29; de Philippe du Souich e Encarnación Martín Rivas, “Los restos antropológicos de la necropolis medieval de Santa Maris de La piscina (San Vicente de La Sonsierra, Logroño)”, pp. 30-41; de Encarnación Martín Rivas e Philippe du Souich, “Estudio antropológico de la necropolis altomedieval del Monasterio de Suso (San Millán de la Cogolla, Logroño)”, pp. 42-66; e de Philippe du Souich, Encarnación Martín Rivas e Miguel C. Botella Lopez, “Los restos antropológicos de la necropolis altomedieval de San Baudelio de Berlanga (Berlanga de Duero, Sória)”, pp. 78-103. Dados sobre a esperança de vida, sobre a incidência etária da mortalidade, sobre doenças e alimentação, sobre a proporção entre os dois sexos no interior de uma comunidade, sobre a estatura média dos homens e mulheres, etc., têm uma importância tal que se torna desnecessário estar aqui a sublinhá-la.

⁹⁰ J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 145; A. Nunes Pinto, “Notas sobre a Igreja Matriz de Mangualde”, *Mundo da Arte*, nº. 16, Coimbra, 1983, pp. 67-70, fig. 3.

⁹¹ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 21, sepultura nº. 99, destinada a uma criança pertencente ao núcleo familiar de que as sepulturas de adulto eram as nº. 97 e 98; a sepultura 99 apresenta-se apenas ponteadada. Armando LLanos, “Necropolis altomedievales en la zona occidental de la Rioja alavesa”, *Estudios de Arqueología Alavesa*, vol. 5, Vitória, 1972, p. 227 e ss., Lam.3, sep. nº. 20.

⁹² Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 11, sep. 67, fig. 3.

⁹³ Mário Jorge Barroca e António J. Cardoso Morais, “A Terra e o Castelo – Uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena”, *Portugalía*, Nova Série, vol. VI/VII, Porto, 1985/1986, p. 39.

⁹⁴ Alberto Correia, “Sepulturas cavadas em rocha no concelho de Sernancelhe”, *Beira Alta*, vol. 35 (1) Viseu, 1976, pp. 22 e 24 (respectivamente necrópoles do Marmeleiro e de Lameira).

ao Entre Douro e Minho. Em Santa Maria do Freixo (Marco de Canaveses) existem várias sepulturas dispersas pela área da aldeia. Não longe da Igreja paroquial, a par de outra, encontra-se uma sepultura rupestre que ficou inacabada. Trata-se de um exemplo singular, dado que, desde o início, se observa um cuidado esmerado na sua abertura. A descida processou-se apenas por 10 a 15 cm, tendo os trabalhos sido suspensos sem qualquer razão aparente. No entanto, o seu fundo está perfeitamente horizontalizado e as paredes possuem o aprumo dos acabamentos finais. Apenas num pequeno pormenor esta sepultura difere das restantes: enquanto nas sepulturas normais o ponto de contacto entre as paredes laterais e a superfície do fundo se torna difícil de determinar com segurança, dado o arredondamento da aresta, neste sepulcro inacabado o contacto apresenta-se em ângulo recto, solução anómala para uma sepultura rupestre. Outro exemplo encontra-se em Santa Cruz do Bispo (Matosinhos), embora aqui a situação seja um pouco ambígua, já que também se pode tratar de um sepulcro afectado por maus-tratos posteriores⁹⁵. Interessante é também o caso da necrópole de St.^a Catarina (Peroselo, Penafiel) onde, depois de terminada a caixa sepulcral se começou a descer a cavidade para a cabeça, quedando os trabalhos incompletos⁹⁶.

A existência de sepulturas cujos trabalhos de abertura foram interrompidos não tem merecido particular atenção dos arqueólogos e, porque se trata de casos de difícil resolução, as explicações permanecem ao nível de simples conjecturas. A abertura de uma sepultura com estas características envolvia o dispêndio de certo tempo – como vimos, no mínimo cerca de dois dias de labor – facto que pode justificar a existência de sepulturas inacabadas. Referimo-nos à hipótese de os trabalhos se iniciarem ainda em vida do moribundo, pelo que a sua recuperação física poderia conduzir à interrupção dos trabalhos no cemitério⁹⁷. Se podemos aceitar esta hipótese como plausível, somos, no entanto, obrigados a reconhecer que muito provavelmente outras sepulturas seriam integralmente abertas já depois do desenlace final. Mas diferentes hipóteses se podem ainda levantar: erro de dimensões, engano na localização do sepulcro⁹⁸, etc. Temos de reconhecer que, mesmo assim, as justificações apresentadas nunca esclarecem as razões de não se ter verificado um aproveitamento destas em época posterior.

Quando se procedia à abertura de uma sepultura rupestre começava-se por determinar a orientação geral do novo sepulcro. Para a grande maioria dos casos conhecidos, as sepulturas escavadas na rocha apresentam uma orientação de Oeste-Este, com a cabeça para Poente. O defunto ficaria, assim, a olhar para Oriente, conforme a Igreja recomendava para o enterramento cristão⁹⁹. No entanto, podem-se encontrar algumas variantes, em número que parece exceder o da simples excepção. É curioso registar que, pelo menos no Entre Douro e Minho, as sepulturas onde mais facilmente se encontram orientações divergentes da que era canonicamente recomendada obedecem às tipologias mais arcaicas, ovaladas ou sub-rectangulares e muitas vezes isoladas. Tal poderia alertar-nos para uma fase inicial desta moda de enterramentos, situada por Castillo à volta dos séculos VII e VIII e que, pelos dados disponíveis, poderia corresponder a um período durante o qual as recomendações religiosas ainda não encontravam grande eco entre as populações mais isoladas. Noutros casos, os desvios podem estar relacionados com a própria morfologia do terreno onde o cemitério foi aberto. Em zonas onde os afloramentos apresentam diaclases, como na necrópole do povoado de Esquerda (Osona, Catalunha), algumas sepulturas

⁹⁵ Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas na rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 371.

⁹⁶ Vide nº 99 do nosso Levantamento.

⁹⁷ Esta é uma das perspectivas aventadas por Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 11, quando a propósito da sepultura de Revenga nos diz que “*es posible que cuando el enfermo estuviese en trance de fallecer*” tivessem lugar os trabalhos de abertura do sepulcro. No entanto o autor parecia mais inclinado a aceitar outras causas: “*por ausas imposibles de asegurar no continuaron. Tal vez no se necesitó la sepultura. Quizá coincidió la suspensió del trabajo con el abando no del lugar*” (p. 11).

⁹⁸ A confirmarem-se as possibilidades de estes cemitérios apresentarem uma espacialidade própria, esta hipótese pode ganhar mais força.

⁹⁹ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 11; Jordi Bolòs e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, pp. 69-70; Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 129; Manuel Riu, op. cit., 1985 (comunicação à XIII Semana de Estudos Medievais de Barcelona).

vieram a aproveitá-las uma vez que os trabalhos se encontravam, à partida, facilitados¹⁰⁰. Não parece ter causado preocupação de maior o facto de não se respeitar, aqui, a orientação canónica, preterida por questões mais pragmáticas. Situação idêntica se encontra em algumas estações arqueológicas portuguesas, nomeadamente em St.^a Maria do Freixo (Marco de Canaveses). A sepultura do Monte das Cruzes, Grade (Arcos de Valdevez), teve a sua orientação N-S ditada pela morfologia do rochedo em que foi aberta¹⁰¹, e muitos outros exemplos minhotos poderiam ser aqui evocados. É também possível encontrar-se sepulturas que, com a preocupação de acompanhar os muros dos templos acabam por ostentar alinhamentos distintos do que era recomendado¹⁰². Alguns casos de orientações inversas, isto é, com a cabeça apontando para Nascente, tornam-se mais difíceis de explicar.

A orientação de uma sepultura fazia-se de acordo com o nascer e o pôr do Sol, pelo que é possível encontrar enterramentos que, embora apresentem uma orientação genérica de Oeste-Este, possuam desvios pontuais, que podem atingir uma amplitude máxima de cerca de 40°. A mensuração desses desvios pode fornecer elementos sobre o momento de abertura dessa sepultura ao longo do ano solar, permitindo, assim, termos uma ideia sobre os períodos sazonais em que a mortalidade se afigurava mais intensa. Foram arqueólogos ingleses e alemães os primeiros a valorizar esta perspectiva com alguns interessantes estudos¹⁰³. Na Península Ibérica a primeira tentativa de aplicação desta metodologia ficou a dever-se a Imma Ollich i Castanyer, que a ensaiou em 1982 para a necrópole rupestre do povoado de Esquerda (Osona, Catalunha)¹⁰⁴. Os valores encontrados por esta autora para as orientações dos sepulcros de Esquerda, na sua maioria rupestres (60,67%), permitiram concluir que a oscilação de 30° a 40° ali verificada correspondia à variação registada no nascer do Sol ao longo das diferentes estações do ano, com os extremos coincidentes com o solstício de Verão e de Inverno. Segundo Imma Ollich “*la majoria [das sepulturas rupestres] són orientadas entre els 265° i els 275° al N. Aquests 10° de diferència correspondrien al període entre finals del mes de març i començaments del mes de maig (a la primavera), o bé entre finals d’agost i tot el setemb (a la tardor). Es a dir, que sévitaven les temporades de més fred i de mes de calor per a construir les sepultures.*”¹⁰⁵.

Mais do que relacionar estes dados com uma propensão especial das populações para evitarem a abertura de sepulturas rupestres durante esses períodos, gostaríamos de salientar a concordância do quadro traçado por Imma Ollich e os períodos sazonais particularmente favoráveis para a propagação de certas doenças, em especial as gastroenterites infecciosas, as doenças eritematosas e as pulmonares, que parecem atingir, nos fins da Primavera e do Verão, condições ecológicas e biológicas particularmente favoráveis para a sua propagação, alcançando então os índices de maior mortalidade.

No entanto, convém não generalizar excessivamente este tipo de perspectivas. Se é certo que em numerosos casos os sepulcros apresentam uma orientação que pode ter sido determinada de acordo com o nascer do sol em diferentes épocas do ano, em muitos outros casos a orientação dos moimentos pode ter obedecido a outro tipo de condicionalismos. Em necrópoles onde se regista uma grande uniformidade de alinhamentos estamos, seguramente, ante o segundo grupo de exemplos. O caso do cemitério rupestre da Sé de Coimbra é, neste aspecto, bem elucidativo

¹⁰⁰ Imma Ollich i Castanyer, “Tipologia de les tombes de la necropolis medieval de l’Esquerda (Osona)”, *Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*, Annex 1, Acta Mediaeva1ia, 1982, pp. 134, 119-120 e 124-125; sepulturas nº 72, 73, 84, 85, 86, 87, 88 e 89 (Fig. 1).

¹⁰¹ Félix Alves Pereira, “Rascunho de Velharias de Entre-Lima-e-Minho”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 156.

¹⁰² Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 133.

¹⁰³ Sonia Chadwick Hawkes, “Orientation at Finglesham: sunrise dating of death and burial in an Anglo-Saxon Cemetery in East Kent”, *Archeologia Cantiana*, vol. 92, 1976, pp. 33-51; G. Fichter e P. Volk, “The eastern orientation of merovingian graves and the seasonal distribution of morbidity and mortality (using the Sasbach-Behans and Bischoffingen-Bigarten cemeteries as examples)”, *Journal of Human Evolution*, 9, 1980, pp. 49-59.

¹⁰⁴ Imma Ollich i Castanyer, op. cit., 1982, pp. 140-142, e sobretudo Quadro VIII p. 141.

¹⁰⁵ Imma Ollich i Castanyer, op. cit., 1982, p. 140.

(Fig. 3). A necrópole conimbricense apresenta duas fases bem distintas, uma anterior à construção da sua fachada românica, e que veria alguns monumentos serem parcialmente truncados pela construção românica, e outra fase posterior a essas obras, que se poderá enquadrar no século XIII. Em qualquer das fases os moimentos ostentam alinhamentos de uma extraordinária homogeneidade, revelando que eles foram orientados de acordo com pontos de referência distintos do nascer ou pôr do Sol. A distinção entre uma e outra fase pode-se fazer, de resto, tendo em atenção a orientação genérica das sepulturas¹⁰⁶. É bem claro que os moimentos da 2ª Fase foram abertos tendo em atenção a implantação dos muros românicos. O exemplo coimbrão chama a atenção para a possibilidade de algumas necrópoles possuírem monumentos orientados por respeito a factores independentes da trajectória solar, reforçando a necessidade de precaução que deve rodear sempre este tipo de interpretações do alinhamento dos moimentos rupestres.

Aberta a sepultura, restava cumprir o ritual funerário. O corpo do defunto, depois de completados os três dias de velório, era então sujeito aos últimos gestos rituais antes de ser transportado para a sua derradeira morada. Um dos momentos mais importantes seria o da lavagem do corpo antes de este receber o sudário com que era enterrado. Esta lavagem ritual, com o objectivo de purificar a carne, podia ter lugar na casa do defunto, onde este estivera em exposição a fim de que recebesse a visita de familiares, amigos e vizinhos, ou podia realizar-se noutra local, nomeadamente no recinto do próprio cemitério, a julgar por algumas interpretações recentes. Já em 1972 Alberto del Castillo aventara a hipótese de que uma estrutura circular talhada na rocha dentro do espaço outrora ocupado pela Igreja de Revenga pudesse ter tido a função de pia baptismal ou estivesse relacionada com o banho ritual de purificação dos mortos, concluindo que os dados eram pouco elucidativos¹⁰⁷. O exemplo de Revenga era, na altura, único na Península, mas logo em 1974 novo caso seria divulgado por Esther Loyola Perea na necrópole de Cellorigo (Logroño)¹⁰⁸. Os dois exemplos não eram, no entanto, muito felizes: o de Revenga por se adaptar mais facilmente a pia baptismal, tendo em conta a sua morfologia e a implantação no interior do templo, e o de Cellorigo pelas possibilidades de esta nova estrutura circular ser posterior à época de abertura das sepulturas, correspondendo a outra função que não funerária. Mais elucidativa e concludente foi a revelação do caso da necrópole de Santa Maria de la Piscina (Logroño), de que se ocupou também Esther Loyola Perea¹⁰⁹. No extremo Sul deste cemitério surgiu uma cavidade oval, escavada na rocha, associada a um banco igualmente rupestre, num conjunto que tem vindo a ser interpretado como destinado ao banho ritual que antecedia o envolvimento no sudário¹¹⁰. Entre nós alguns exemplos poderiam ser relacionados com esse tipo de estruturas. Em Lourosa (Oliveira do Hospital), Frende (Baião) e S. Gens (Forno Telheiro, Celorico da Beira) encontramos estruturas rupestres junto de sepulturas escavadas na rocha. No entanto, cremos que em Lourosa estamos perante um baptistério – a própria morfologia e implantação no interior do templo o sugere – e que em Frende se trata de uma lagareta, como Carlos Alberto F. de Almeida defendeu¹¹¹. Bem mais interessante é o caso da necrópole de S. Gens. Trata-se de um cemitério rupestre composto por vinte e duas sepulturas de diferentes tipos e, associado a ele, encontra-se uma estrutura escavada na rocha de configuração subtriangular, que pode ter preenchido funções

¹⁰⁶ Planta de António de Vasconcelos, *A Sé Velha de Coimbra*, vol. II, Coimbra, 1935, p. 199, e supl. ao vol. II, Coimbra, 1935, P. 12, com tratamento gráfico nosso.

¹⁰⁷ Alberto del Castillo, op. cit., 1972, p. 10, Lam. V, Fig. 2.

¹⁰⁸ Esther Loyola Perea, "Necropolis altomedievales en el Alto Ebro", *Colloquio Internazionale di Archeologia Medievale*, Palermo-Erice, 1974, Palermo, Istituto di Storia Medievale, 1976, p. 5 e fot. 5 (da separata).

¹⁰⁹ Esther Loyola Perea, "El Yacimiento Medieval de Santa Maria de La Piscina", *Cuadernos de Investigación Histórica*, vol. X, 2, Logroño 1983, pp. 77-87. A necrópole já fora alvo de uma primeira abordagem por Esther Loyola Perea e Josefina Andrio Gonzalo, "Informe sobre las excavaciones arqueológicas realizadas en el termino de Santa Maria de La Piscina (San Vicente de la Sonsierra, Logroño) durante las campañas de 1976, 1977 y 1978", *Berceo*, 97, Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 1979, pp. 121-125, sem que se referissem a essa estrutura.

¹¹⁰ Manuel Riu, op. cit., 1982, p. 30.

¹¹¹ Carlos Alberto F. de Almeida, "Sondagens arqueológicas em Frende (Baião)", *Archeologica Opuscula*, vol. I, Porto, 1975, p. 38.

rituais. Para Adriano Vasco Rodrigues seria “*um turcularium ou lagar para fazer vinho, posterior aos sarcófagos e [que] nos parece datar-se dos séculos XIV ou XV*”¹¹². Não sabemos em que elementos o autor se baseou para atribuir esta estrutura a época posterior aos sepulcros, e com uma cronologia tão precisa. Pela sua configuração não nos parece que tenha sido criada para tais funções. Mantemos, no entanto, algumas reservas quanto à sua atribuição para cerimónias rituais relacionadas com o cemitério envolvente, muito embora seja uma hipótese plausível.

O corpo ia a enterrar amortalhado no sudário, um pano geralmente de linho, cuja qualidade dependia do poder económico do defunto ou da sua família. Ao que parece, a inumação vestida não era comum nas sepulturas desta tipologia. Esta opção sistemática pelo uso do sudário, uma das inovações que se regista nesta época deve estar relacionada com aspectos da mentalidade e crença religiosa que ainda nos escapam. Apesar de não possuímos elementos que nos elucidem sobre este aspecto, registemos o contraste que se verifica entre o período visigótico, onde a larga maioria das inumações se fazia vestida, e o período da Reconquista, onde o uso do sudário se vai generalizar de uma forma até então inédita na Península Ibérica. O seu domínio vai arrastar-se até mais tarde, e só no século XI ou XII iremos assistir a um regresso à inumação vestida, que parece ser, até aos fins da Idade Média, a solução maioritária. De acordo com o local onde se efectuava a lavagem ritual, o sudário seria colocado e cosido em casa do defunto ou já no próprio cemitério.

Quando era depositado na sepultura o corpo não transportava consigo, normalmente, qualquer tipo de objecto: nem relacionado com o adorno ou o vestuário, nem votivo. Apesar de esta ser a regra geral, registam-se algumas excepções. Em várias ocasiões tem sido referida a ocorrência de moedas no interior de sepulturas abertas na rocha, sobrevivência do velho costume pagão que as destinava para pagamento da viagem a Caronte. As moedas tanto eram depostas junto com o corpo, como encerradas numa das mãos do defunto ou dentro da boca, sobre a língua¹¹³. Noutros casos foram encontrados objectos de adorno, nomeadamente anéis¹¹⁴, mas a ausência de vestuário limita muito o aparecimento deste tipo de espólio, criando dificuldades para a datação dos enterramentos. Para a zona de Entre Douro e Minho conhecemos alguns exemplos onde ocorreu espólio associado a sepulturas abertas na rocha. Nas sepulturas rupestres do morro da Pena Ventosa, junto da fachada principal da Sé do Porto, foram encontradas moedas de D. Dinis e D. Afonso V, sem que se conheça o seu número total e o contexto arqueológico¹¹⁵. Por outro lado, Martins Sarmiento revelou o aparecimento de moedas dentro de um “*caixão em penedo*”¹¹⁶. O caso desta sepultura, conhecida por Campa dos Mouros, e localizada na freguesia de Burgães (St.^o Tirso), fora-lhe comunicado pelo Pe. Joaquim Pedrosa¹¹⁷. Martins Sarmiento reportou-se ainda ao aparecimento de “*antigualhas*” no interior de uma sepultura rupestre perto de Refojos de Basto¹¹⁸, e Abílio Miranda referiu situação idêntica em “*sepulturas antropomórficas*” (rupestres?) de Duas Igrejas (Penafiel)¹¹⁹. Segundo informações populares, aquando da ampliação e remodelação da área envolvente da Igreja de S. Vicente do Pinheiro (Penafiel) teriam sido postas a descoberto sepulturas antropomórficas ainda intactas, tapadas com lousas, contendo uma delas um “prato”, no que parece ser uma associação votiva¹²⁰. Já em terras trans-

¹¹² Adriano Vasco Rodrigues, *Celérico da Beira e Linhares*, Celérico da Beira, 1979, p. 38. Para a necrópole vejam-se pp. 35-38.

¹¹³ Manuel Riu, op. cit., 1982, p. 44; Manuel Riu, op. cit., 1985 (comunicação à XIII Semana de Estudos Medievais de Barcelona).

¹¹⁴ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 96. Necrópoles de Montjuich e Lérida.

¹¹⁵ António Cruz, op. cit., 1940, pp. 589-592.

¹¹⁶ F. Martins Sarmiento, “A propósito dos roteiros de tesouros”, *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 315 e nota na página 317.

¹¹⁷ Augusto César Pires de Lima, “Correspondência Martins Sarmiento – Pe. Joaquim Pedrosa”, Guimarães, 1940, p. 28 (separata de *Revista de Guimarães*, vol. L, Guimarães, 1940).

¹¹⁸ F. Martins Sarmiento, “A propósito dos roteiros de tesouros”, *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 317, nota; Augusto César Pires de Lima, “Correspondência Martins Sarmiento – Pe. Joaquim Pedrosa”, Guimarães, 1940, p. 28.

¹¹⁹ Abílio Miranda, “Sepulturas abertas na rocha”, *Douro Litoral*, 1^a Série, vol. III, Porto, 1941, pp. 27-29; Abílio Miranda, “Cales”, *Terras de Penafiel*, vol. III, Penafiel, 1943; Abílio Miranda, “Freguesia de Milhundos”, *O Penafielense*, Penafiel, 4 de Setembro de 1956.

¹²⁰ Informação recolhida pela Dr.^a Teresa Soeiro junto da população local e amavelmente cedida. Os achados de S. Vicente do Pinheiro foram referidos por Abílio Miranda, “Sepulturas Medievais”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937, e “Uma notável descoberta arqueológica”, *Terras de Penafiel*, vol. II, Penafiel, 1942, e por J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 145, sem que nenhum dos autores se reportasse ao aparecimento de espólio.

montanas, Félix Alves Pereira deixou-nos notícia do aparecimento de fragmentos metálicos no interior de uma das sepulturas rupestres da Lixa do Alvão¹²¹.

A colocação do corpo na sepultura fazia-se, normalmente, na posição de *decubito supino* ou dorsal, isto é, apoiado nas costas, com o ventre voltado para cima e a cabeça na vertical, olhando o Céu. Na larga maioria dos casos os braços apresentam-se estirados ao longo do corpo ou flectidos sobre o baixo-ventre ou a zona da pélvis. Conhecem-se, no entanto, numerosas variantes quanto a este aspecto, tal como se registam algumas no que diz respeito à própria posição genérica do cadáver. Para o Prof. Riu as deposições em *decubito prono* ou ventral, isto é, apoiado no ventre e com as costas voltadas na direcção da tampa do sepulcro, seriam características dos justicados¹²², mas não conhecemos elementos que nos confirmem ou neguem esta perspectiva para o território português. Segundo o mesmo autor, é provável que as sepulturas rupestres onde apenas se assinala um dos “ombros”, de forma assimétrica, e que Castillo considerou como uma das fases intermédias na evolução para o antropomorfismo clássico e pleno, correspondessem a inumações em decubito lateral direito¹²³.

Pela própria morfologia dos sepulcros rupestres, quer os ovalados ou sub-rectangulares, quer os antropomórficos, pode-se concluir que a inumação não comportava caixões de madeira. Os elementos proporcionados pelas diferentes escavações arqueológicas confirmam esta perspectiva, uma vez que não se regista a ocorrência de vestígios de madeira ou de pregos no interior destes sepulcros, ao contrário do que se tem vindo a encontrar noutras modalidades de sepulturas. O corpo era, pois, deposto na cavidade pétreas apenas envolvido no sudário, sendo lançada terra para o interior do sepulcro antes de este receber a sua tampa. Em algumas necrópoles foi encontrada uma camada de cal no interior das sepulturas, ao que parece não tanto destinada a acelerar o processo de decomposição do corpo, mas para se evitarem os odores libertados com a putrefacção da carne e, sobretudo, a concentração excessiva de líquidos resultantes desse processo¹²⁴. O túmulo era depois encerrado com uma tampa que tanto podia ser monolítica como constituída por várias lajes pétreas. Se para sepulturas onde existem rebordos criados para facilitarem o encaixe da tampa, estas se deviam apresentar algo mais elaboradas, para a larga maioria dos casos as tampas apresentavam um aspecto bastante descuidado, podendo ocorrer com certa frequência a reutilização de materiais. A opção pela utilização de tampas monolíticas não parece estar relacionada com factores regionais ou mesmo microrregionais – como se poderia verificar de uma zona ou uma comunidade as adoptarem sistematicamente – uma vez que elas se encontram um pouco por toda a Península e convivem, dentro de uma mesma necrópole, lado a lado com tampas polilíticas. Na escolha deviam ponderar antes razões de ordem económica ou técnica, o que poderá explicar a relativa raridade das lajes únicas.

As sepulturas escavadas na rocha podem ocorrer isoladas, agrupadas sem qualquer relação com templos, ou polarizadas em torno de uma igreja, consoante as situações, tem-se procurado encontrar justificações de diferentes ordens. Para Bolòs e Pagés, as sepulturas isoladas ou associadas em número restrito (duas ou três) tanto podiam corresponder a eremitas¹²⁵, como a locais de habitat isolados, sendo então reflexo do povoamento de uma área antes de se ter estruturado a organização paroquial¹²⁶. Para o Professor Riu o povoamento disperso do mundo rural podia convidar a tal. Ora, a presença de estruturas eremíticas marca, sempre, uma situação de excepção, que não explica inúmeros casos. Por outro lado, a segunda hipótese de Bolòs e

¹²¹ Félix Alves Pereira, “À vista das Pedras Salgadas (Bosquejo Arqueológico)”, *Portucale*, vol. III, 16, Porto, 1930, pp. 286-287. Mário Jorge Barroca e António Joaquim Cardoso Morais, “A Terra e o Castelo – Uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena”, *Portugalia*, Nova Série, vol. VI/VII, Porto, 1985/1986, pp. 38/39.

¹²² Manuel Riu, op. cit., 1985 (comunicação a XIII Semana de Estudos Medievais de Barcelona).

¹²³ Manuel Riu, op. cit., 1985.

¹²⁴ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 136.

¹²⁵ Jordi Bolòs e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, p. 64, nota 6, e p. 70.

¹²⁶ Jordi Bolòs e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, p. 63.

Pagés pressupõe que a implantação de uma organização paroquial comporta, como inerente, a criação de um espaço cemiterial único, centrado em torno do templo. Isto nem sempre se verifica. A catalização dos cemitérios em torno dos templos paroquiais parece ser – pelo menos no Entre Douro e Minho – um fenómeno mais tardio, que apenas se generaliza de uma forma significativa nos fins da Alta Idade Média. Até lá é possível que uma mesma paróquia possuísse diferentes espaços de enterramento ou um único, embora não obrigatoriamente localizado em torno do seu templo. Assim, nem todas as sepulturas isoladas correspondem necessariamente, a uma fase anterior à da implantação da organização paroquial. Cremos que nenhuma das razões avançadas por Bolós e Pagés consegue explicar globalmente a diversidade de exemplos conhecidos. Em vários casos parece-nos que a existência de sepulturas rupestres isoladas ou agrupadas em número restrito se pode explicar, também, pela presença de vias de comunicação¹²⁷, pela própria organização da propriedade individual ou pela vontade de se ter sepultura bem destacada na paisagem, em locais proeminentes. Para os mesmos autores, a presença de sepulturas rupestres em número significativo mas em locais onde não existe nenhum templo nem vestígios – documentais ou arqueológicos – de ter existido, poderia ser explicada por acidente ou batalha: “... *potser la mort, dels que hi foren enterrats, s’esdevingué durant algun viatge, o, més probablement, per causa d’alguna batalla, ço que obligaria a enterrar els morts en el lloc de l’accident, tot i que no hi hagués cap església.*”¹²⁸.

As situações consideradas são, também, demasiado excepcionais para poderem ser encaradas como significativas. Além disso, são sempre difíceis de comprovar. É mais provável que esses núcleos correspondam a um cemitério plenamente assumido, cujas populações estariam ligadas a um templo mais ou menos distante. Esta poderá ser uma justificação, pois, como vimos, não é forçoso que ambos os componentes coexistissem no espaço. Essa coexistência espacial começa-se a verificar ainda no século IX, como algumas necrópoles no-lo atestam, mas a sua generalização só parece ser significativa mais tarde, no último quartel do século XI.

Os cemitérios rupestres assumem, por oposição aos visigóticos, uma espacialidade diferente: as suas sepulturas tendem a organizar-se paralelamente, ocupando um espaço concentrado, ao contrário das sepulturas hispano-visigóticas que davam origem ao que vulgarmente se designa por cemitério “à rangées”, alargando-se por vastas áreas. Esta cedência dos cemitérios “à rangées” face aos enterramentos laterais parece ter lugar cerca dos séculos VIII-IX.

As sepulturas escavadas na rocha podem assumir várias configurações. Num primeiro momento de sistematização tipológica poderíamos distinguir, à partida, dois grandes grupos: o das sepulturas que não adoptam a configuração do corpo humano, e o das sepulturas antropomórficas. Em ambos se incluem variantes. Entre as não-antropomórficas, a família mais numerosa é a das sepulturas ovaladas. Podem também encontrar-se sepulcros sub-rectangulares, com os lados por vezes levemente arqueados e os ângulos suavizados, e sepulturas trapezoidais, onde a zona destinada à cabeça e toda a parte superior do corpo se apresenta mais larga, estreitando à medida que se aproxima da zona dos pés. Dentro do grupo das sepulturas antropomórficas predominam as cabeceiras de arco ultrapassado e trapezoidal – os tipos que Castillo denominou de “Occidental” e “Oriental” – embora ocorram outras soluções: cabeceiras rectangulares ou quadrangulares – predominantes na zona da Catalunha – cabeceiras com arco de volta perfeita e arco peraltado. Qualquer destes subtipos ocorre no Entre Douro e Minho.

Alguns autores têm vindo a propor a existência de dois grupos independentes e estanques dentro das sepulturas rupestres¹²⁹. Na sua opinião as sepulturas não-antropomórficas, mais arcaicas, remontariam a uma época não muito distante dos séculos VI e VII, enquanto que as sepul-

¹²⁷ Mário Jorge Barroca e António Joaquim Cardoso Morais, “Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)”, *Arqueologia*, vol. 8, Porto, 1983, p. 99.

¹²⁸ Jordi Bolós e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, p. 64.

¹²⁹ Jordi Bolós e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, p. 60.

turas com tendências antropomórficas, primeiro tímidas, depois plenamente assumidas, corresponderiam a uma nova fase que arrancaria do século VIII mas que só alcançava a sua maior expressividade no período compreendido entre os séculos IX e XI¹³⁰. Esta tese apenas difere da que formulara Alberto del Castillo ao propor uma independência entre as duas fases, com um possível hiato intermédio. De resto acompanha, em traços largos, o evolucionismo tipológico de Castillo, partindo de sepulturas mais imperfeitas até alcançar sepulturas mais elaboradas. Cremos que será difícil aceitar, com os elementos disponíveis, a proposta de dois grupos estanques sem soluções de continuidade. Pelo menos para o Entre-Douro-e-Minho mantemo-nos muito cépticos.

O surgimento do antropomorfismo nas sepulturas rupestres, por volta do século IX, parece corresponder, de uma forma muito clara, a uma nova preocupação das populações, que prevaleceria até um período avançado da Baixa Idade Média: evitar qualquer desvio da posição do crânio do defunto, a fim de manter a verticalidade da cabeça, olhando o Céu. Deste modo, depois de passado o *rigor mortis* não se podia verificar nenhum desvio da posição pretendida. Encontraremos essa mesma preocupação nas sepulturas populares dos séculos XI-XIII, feitas com pedras sumariamente trabalhadas, quando se verifica a colocação de pequenas lajes laterais na parte interna da cabeceira, imobilizando o crânio. Os sarcófagos antropomórficos, que se começam a generalizar a partir dos séculos XI-XII também denotam essa mesma preocupação.

As cronologias gerais atribuídas para estes monumentos funerários parecem-nos ainda demasiado frágeis e carentes de confirmação. A importância dos condicionalismos regionais não tem sido devidamente ponderada. Tivemos oportunidade de analisar algumas críticas que se levantam, em certas zonas, para as propostas cronológicas de Alberto del Castillo, excessivamente rígidas e pouco sensíveis à diacronia. Alguns indícios parecem recomendar, portanto, uma análise cuidada deste tipo de interpretações. Ao mesmo tempo somos obrigados a reconhecer que alguns problemas tipológicos e cronológicos ainda se encontram em aberto. O faseamento temporal do processo evolutivo que originaria o fenómeno antropomórfico afigura-se ainda pouco seguro¹³¹. A sobrevivência desta moda de enterramentos até épocas mais tardias do que admitiu aquele autor parece ser um dado adquirido não só para a zona da Catalunha como também para outras regiões peninsulares, mormente o Entre Douro e Minho. No entanto, para o caso concreto do Norte de Portugal, e de uma forma mais ampla para todo o território nacional, quase tudo se encontra por fazer. Não contamos com levantamentos significativos nem com escavações sistemáticas neste tipo de estações arqueológicas que, até ao momento, pouca atenção despertou entre os arqueólogos nacionais¹³². O conhecimento fragmentário que temos da realidade portuguesa não facilita o estudo. A transposição, para esta zona do Noroeste, das propostas cronológicas formuladas por Alberto del Castillo ou por outros autores, tendo em conta os elementos fornecidos pelas grandes necrópoles do Nordeste da Península, permanece demasiado arriscada e carece de uma recolha de elementos que possam confirmar ou não tais perspectivas. Atendendo aos nossos conhecimentos actuais apenas parece legítimo recomendar que se contemple uma diacronia maior do que Castillo encarou.

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE ENTRE DOURO E MINHO

Ao tentarmos elaborar um primeiro levantamento geral das sepulturas rupestres do Entre Douro e Minho estamos conscientes de que a inventariação se encontra ainda longe de ser

¹³⁰ Jordi Bolós e Montserrat Pagés, op. cit., 1982, p. 60.

¹³¹ Katja Kliemann, op. cit., 1986, p. 154. A autora põe em causa a anterioridade das sepulturas ovaladas em relação às antropomórficas para a zona da Catalunha, acrescentando: "*Per regla general, a Catalunya, les sepultures ovalades excavades a la roca pertanyen a infants o adolescents, i la seva forma arrodonida cal interpretar-la com a conseqüència de la dificultat técnica que evidentment comporta buidar la capçalera en tombes tam petites com poder ser infantiles*" (p. 154).

¹³² Esta afirmação reportava-se a 1987, data de redacção do texto. Hoje, felizmente, a situação é substancialmente distinta.

exaustiva. O arrolamento que de seguida apresentamos consistiu um primeiro passo, aquele que se afigurou possível se atendermos aos precários meios disponíveis.

Por certo muitas sepulturas terão escapado, mas estamos convencidos de que o número de estações registadas é já significativo. O inventário vem chamar a atenção não só para a frequência que estes enterramentos assumem no Noroeste de Portugal, como também para o vasto leque de soluções tipológicas de que as populações se socorreram. Um dos aspectos que somos levados a encarar com maior precaução diz respeito à distribuição das sepulturas rupestres (Fig. 1). Esta é uma das perspectivas que mais se ressentem das disparidades da informação a que tivemos acesso. Uma análise sumária do mapa que elaboramos permite realçar duas zonas com particular concentração: a bacia baixa do rio Tâmega e as zonas para Leste – grosso modo os concelhos de Penafiel, Marco de Canaveses e Amarante – e, embora de uma forma menos elucidativa, a bacia do rio Lima e a área a Norte deste. No entanto, este tipo de análise encontra-se falseado à partida. Nem todo o Entre Douro e Minho teve a oportunidade de ser estudado por homens como Félix Alves Pereira, Abel Viana e Afonso do Paço (no Alto Minho) ou Abílio Miranda, Monteiro de Aguiar e Manuel de Vasconcelos (na bacia do Tâmega e áreas adjacentes), que tantos esforços devotaram às suas regiões, e que as conheceram melhor do que ninguém. Por outro lado, tivemos oportunidade de visitar algumas zonas mais demoradamente, o que permitiu um melhor reconhecimento de campo. E se, por último, atendermos às dificuldades que as sepulturas rupestres colocam para um levantamento exaustivo numa zona tão vasta – pela sua implantação normalmente arredada das actuais vias de comunicação e tantas vezes no alto de montes ou em zonas planálticas – poderemos ponderar devidamente as contingências desta cartografia. A quase ausência de sepulturas desta tipologia no distrito de Braga não pode deixar de ser aqui sublinhada, ilustrando bem essas limitações.

Os elementos recolhidos não nos permitem, ainda, uma perspectiva de conjunto suficientemente elucidativa e segura. Para muitas necrópoles possuímos apenas indicações de ordem genérica, tendo sido ignoradas informações preciosas como as tipologias dos enterramentos, as soluções de antropomorfismo utilizadas, as orientações dos moimentos e a disposição espacial destes, com as suas possíveis articulações internas. Essas necrópoles encontram-se, portanto, bastante empobrecidas atendendo ao potencial informativo que nos poderiam transmitir. A sua inclusão neste levantamento apenas pode ser entendida como um indicador da frequência de sepulcros rupestres na paisagem minhota, pois quase nada podem adiantar ao conhecimento destas estruturas funerárias. Infelizmente o número total de necrópoles que se encontram nestas circunstâncias é demasiado elevado. Mas, para outros exemplos possuímos já algumas informações interessantes. Numa visão de conjunto afigura-se que as sepulturas antropomórficas, com os diferentes tipos de soluções utilizadas na zona de cabeceira se apresentam como maioritárias – identificadas pelo menos em 36 estações – suplantando significativamente as sepulturas não-antropomórficas, que, no entanto, não deixam de ocorrer em número significativo. Pelo menos em 24 locais distintos encontramos sepulcros que se podem incluir dentro desta grande família. De entre eles predominam as sepulturas rectangulares ou sub-rectangulares (vide nºs 3, 19, 20, 21, 23, 34, 61, 64, 85, 98 e 104 do nosso levantamento), sendo acompanhadas de seguida pelas sepulturas ovaladas (nºs 35, 61, 85, 98, 101 e 102), e pelas sepulturas trapezoidais (nºs 1, 4, 14, 23, 24 e 31). É também de registar a aparente predominância de sepulturas não-antropomórficas no Alto Minho. Nesta zona, a expressividade destes enterramentos quando enquadrados na totalidade de sepulturas rupestres parece ser bastante mais importante do que a proporção que se encontra, por exemplo, no Douro Litoral. Aqui a predominância parece ir para as sepulturas antropomórficas. Não sabemos se, como entendera Alberto del Castillo para as necrópoles do Nordeste da Península, as sepulturas não-antropomórficas se devem atribuir a uma época mais recuada do que as antropomórficas. Se perfilharmos essa teoria evolucionista, então poderíamos encarar o vale do Lima e o Alto Minho como uma zona onde os enterramentos

rupestres têm tendência para se afirmarem numa fase mais antiga, enquanto o Douro Litoral possuiria sepulturas de uma fase mais avançada, que, a confiar nas cronologias propostas por Castillo e outros autores, se teriam de enquadrar nas presúrias dos séculos IX e X e a vinda de populações – certamente em número muito restrito – que tivessem estado em contacto quer com a região Norte da Meseta Ibérica quer com moçárabes. Uma coisa nos parece certa: os cemitérios de todo o Entre Douro e Minho contrastam fortemente com as grandes necrópoles espanholas, optando, ao contrário destas, por um número muito reduzido de sepulturas em cada núcleo. Muitas vezes, como se pode observar no nosso levantamento, as sepulturas ficam isoladas. Ora, neste tipo de estações, não nos parece legítima a sua atribuição genérica a núcleos populacionais, mas antes a sectores restritos dessas comunidades. Raras vezes encontramos no Entre Douro e Minho núcleos de enterramentos rupestres que, pelo número total de sepulcros, possam ser classificados verdadeiramente como cemitérios. Se eles correspondem a uma forma de enterramento de “elite”, não o sabemos. Seria sedutor podermos concluir que correspondiam a colonos vindos de zonas mais arredadas, aquando das presúrias asturleonesas, ou a estratos socialmente bem definidos. Devemos, no entanto, reconhecer que esta opção por sepulturas tão pouco nuclearizadas se torna, por agora, ainda difícil de explicar e que a tentativa de interpretar estes enterramentos como uma moda de “importação” não só carece de comprovação como encontra facilmente argumentos contrários.

Por outro lado, importa também sublinhar a aparente escolha de zonas mais interiores para a abertura dos moimentos, com predominância para áreas montanhosas, planálticas e subplanálticas, em morros rochosos e penedias que dão um cunho tão particular à paisagem minhota. Mesmo quando nos encontramos perante sepulturas junto da orla litoral – exemplos em nítida minoria – Os locais escolhidos são sobretudo morros rochosos mais ou menos destacados na paisagem.

O Alto Minho é, também, a zona onde maior número de sepulturas tem uma implantação isolada. No Douro Litoral é mais frequente encontrarmos sepulturas associadas em pares, ou num número variável que pode atingir as cinco ou seis, mas que raras vezes ultrapassa este cômputo. Muitas sepulturas encontram-se associadas a templos (n^{os} 5, 12, 15, 17, 19, 21, 30, 33, 46, 48, 60, 61, 62, 63, 64, 69, 76, 83, 90, 92, 94, 95, 98, 99, 100 e 102), embora na maior parte dos casos as construções sejam posteriores, algumas ainda medievais, as restantes já de época moderna, mas é possível que elas perpetuem uma tradição de culto antiga que já tivesse servido de estímulo para a abertura dos monumentos. Outras sepulturas implantavam-se junto de construções religiosas – paroquiais, monásticas ou simples ermidas – das quais não restam senão escassos vestígios ou recordações espelhadas em lendas (n^{os} 1, 2, 23, 29, 47, 50, 53, 56, 66, 84, 101 e 104). Algumas ruínas apresentam possibilidades de remontarem ainda à época pré-românica (n^{os} 23 e 50), podendo, portanto, ser contemporâneas dos enterramentos. Registemos que na maior parte dos casos os microtopónimos são bem elucidativos: *Alto da Igrejas*, *Bolsa das Freiras*, *Igreja Velha*, *Machorro das Cavadas* (na *Quinta do Passal*), ou *Monte das Freiras* são alguns exemplos. Estes casos não podem, no entanto, deixar no esquecimento outras tantas sepulturas para as quais a implantação escolhida se torna mais difícil de explicar. É provável que, como já dissemos, a proximidade de vias de comunicação, a organização da propriedade privada ou a vontade de se receber sepultura em pontos destacados da paisagem ajudem a compreendê-los.

As sepulturas rupestres de Entre Douro e Minho apresentam um vasto leque de orientações. Em muitos casos elas podem-se considerar orientadas de acordo com as normas religiosas, ostentando apenas desvios axiais de alguns graus, susceptíveis de serem explicados pela trajectória solar ao longo do ano. Mas, noutros casos, o seu alinhamento não pode ser justificado com argumentos desta ordem. As sepulturas que se abrem nas imediações de templos religiosos encontram-se, normalmente, alinhadas pelos muros deste e, nestas situações, a possibilidade de

se determinar a altura do ano em que foram abertas encontra-se bastante limitada. As sepulturas orientam-se mais pela implantação dos muros do que pelo nascer ou pôr do Sol. Mas, quando as sepulturas foram abertas em locais ermos, sem pontos de referência prévios, a sua orientação torna-se mais permissiva ao posicionamento do Sol, sendo portanto capazes de nos darem informações sobre a época do ano em que foram abertas. A aplicação desta metodologia de trabalho ainda não foi ensaiada em Portugal mas é susceptível de vir a contribuir com importantes elementos. Infelizmente as sepulturas rupestres não têm recebido o devido tratamento quando são divulgadas, e os trabalhos que lhes são consagrados são bastante incompletos quanto a este e a outros aspectos. Pelos dados de que dispomos, parece-nos que as sepulturas não-antropomórficas e as sepulturas isoladas são as mais susceptíveis de ostentarem orientações divergentes da que era oficialmente recomendada. Em alguns casos a sepultura era trabalhada em penedos que, pela sua própria morfologia, não davam qualquer possibilidade de elas serem convenientemente orientadas, o que também não parece ter criado preocupações excessivas.

As sepulturas escavadas na rocha que se conhecem actualmente no Entre Douro e Minho permitem algumas observações de índole genérica em relação às teorias formuladas por Alberto del Castillo.

Já vimos que nesta área do Noroeste Peninsular vamos encontrar variadas soluções dentro do grande grupo das sepulturas não-antropomórficas. Elas tanto nos podem surgir com contornos rectangulares – as mais numerosas – como podem optar por contornos ovalados ou trapezoidais. Castillo entendera que as sepulturas que não apresentavam qualquer sintoma de evolução a caminho do antropomorfismo e que não pertenciam aos “núcleos familiares” seriam exemplares antigos, para os quais propôs uma periodização em torno dos séculos VII e VIII. Os exemplos minhotos não nos possibilitam qualquer elemento susceptível de contradizer a proposta cronológica de Castillo, mas também não nos deram indícios que a confirmassem. Acreditamos que elas serão de enquadrar, grosso modo, nessa época. O facto de, por exemplo, haver uma concordância de espaços entre as sepulturas ovaladas e sub-rectangulares de Montedouro – Perafita (Matosinhos, nº 85) e a sede de uma das paróquias referidas no “Paroquial Suévico” que Pierre David estudou e atribuiu a meados da segunda metade do século VI¹³³, pode ser apontado como uma possível confirmação dessa cronologia, mas necessita de um estudo local mais aprofundado. A maior parte destas sepulturas apresenta-se, hoje, desinserida de contexto arqueológico, pelo que são monumentos mudos quanto ao seu passado e origem. Assim, e em face dos poucos elementos disponíveis, apenas podemos reconhecer que a datação deste tipo de sepulcros constitui um problema ainda em aberto para a área portuguesa. Somos um tanto cépticos em aceitar uma cronologia tão restrita para estas soluções, como defendeu o Professor Alberto del Castillo e outros autores tem vindo a seguir. A variedade tipológica encontrada no Entre Douro e Minho parece recomendar que se contemple, pelo menos nesta área, uma maior diacronia e flexibilidade, pois a evolução pode não ter sido tão linear quanto Castillo supôs. Nada nos garante que essa mesma evolução, no sentido de se adquirir uma silhueta antropomórfica, tenha sido sincrónica em toda a Península, nem tão pouco por todo o Entre Douro e Minho. É provável que em estudos posteriores se venham a detectar variações cronológicas regionais. O processo evolutivo pode ter diferentes faseamentos no Alto Minho ou no Douro Litoral, na orla marítima ou nas zonas interiores. A proximidade de vias de comunicação terrestres, fluviais ou marítimas, e o contacto inter-regional podem ter influência em todo este complexo processo. As propostas cronológicas de Castillo são, portanto, apenas uma base de trabalho a ter em conta nesta fase inicial dos estudos. Constituem o corpo teórico mais consistente de que dispomos, mas nem por isso devem ser entendidas como uma verdade adquirida.

¹³³ Cf. A. de Almeida Fernandes, “Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas”, *Arquivo do Alto Minho*, vol. V, Viana do Castelo, 1968, p. 35, onde se defende a identidade entre *Menturio* e Montedouro (ou Montedouro).

Quanto as sepulturas antropomórficas, também vamos encontrar no Entre Douro e Minho uma vasta gama de soluções. Quase todas as tipologias se encontram contempladas: sepulturas com cabeceiras de arco ultrapassado, ou de “tipo Ocidental” (n^{os} 90 e 99, por exemplo), sepulturas com cabeceira trapezoidal, ou de “tipo Oriental – Catalão” (n^{os} 48, 90 e 108, por exemplo), sepulturas com arco peraltado (n^{os} 2 e 102, por exemplo), sepulturas com cabeceira rectangular (n^o 99 por exemplo) e sepulturas com cabeceira de arco de volta perfeita (n^{os} 13, 67 e 101, por exemplo). Esta extraordinária variedade tipológica não pode deixar de levantar alguns problemas. Torna-se extremamente difícil, enquanto não se realizarem escavações arqueológicas em necrópoles deste tipo, propor qualquer intento de ordenação quer tipológico quer cronológico. Tal como referimos para as sepulturas não-antropomórficas, também aqui nos encontramos perante um impasse. Nenhum elemento significativo se recolhe no Entre Douro e Minho que permita pôr em causa essência da teoria de Castillo, mas poucos elementos encontramos que a venham confirmar. A datação deste tipo de sepulcros encontra em Portugal, mas fora da área que nos ocupa, alguns exemplos interessantes que vale a pena aqui recordar, mesmo que em breves evocações.

Em Lourosa (Oliveira do Hospital), as sepulturas antropomórficas, com cabeceiras trapezoidais e de arco peraltado, encontram-se associadas ao templo, cuja sagração remonta a 912. No entanto, a opinião dos diferentes autores vacila entre as considerarem anteriores a essa data (Aguiar Barreiros 1934, José Pessanha 1933-1934, Vergílio Correia 1912) ou posteriores (Vergílio Correia 1934). Na necrópole da Sé Velha de Coimbra, a sua primeira fase é seguramente anterior à edificação da fachada românica do templo¹³⁴ e em Moreira de Rei (Trancoso) a anterioridade do cemitério rupestre em relação à Igreja românica é também patente¹³⁵.

No Entre Douro e Minho vamos também encontrar alguns dados relevantes. A necrópole da Sé portuense (n^o 102), apesar de tão mal conhecida, permite assegurar não só a anterioridade das sepulturas ovaladas da sua 1^a Fase em relação à construção da fachada românica, como também testemunha a sobrevivência tardia de enterramentos em sepulturas antropomórficas. No entanto, não podemos saber se as moedas de D. Dinis e D. Afonso V ou as lajes reaproveitadas ostentando labores baixo-medievais datam a abertura dos sepulcros ou se, pelo contrário, apenas dão um enquadramento cronológico para as últimas reutilizações, o que nos parece ser mais provável. Sepulturas em conexão com estruturas atribuíveis ao pré-românico encontramos em Amonde (Viana do Castelo, n^o 23), em S. Torcato (Guimarães, n^o 48) e em Tabuadelo (Guimarães, n^o 50). Nos casos de Amonde e Tabuadelo somos alertados pela referência a pedras esquadriadas de grandes proporções, uma das características do aparelho construtivo pré-românico nas manchas graníticas. Em S. Torcato a implantação da sepultura rupestre antropomórfica, de cabeceira trapezoidal, no exterior do templo mas junto da capela-mor sagrada em 1132 é sintomática não só da posterioridade do sepulcro em relação a esses muros como também da sua abertura num momento que não se deve afastar muito da entrada ao serviço daquele local de culto. As sepulturas de St.^a Luzia (Penafiel, n^o 98), com silhuetas ovaladas ou sub-rectangulares, são seguramente anteriores à construção do templo paroquial de S. Martinho de Moazáres, que se pode colocar na Baixa Idade Média, cerca dos séculos XIII-XIV. Os sepulcros são, portanto, um testemunho de que aquela construção religiosa veio perpetuar uma tradição de

¹³⁴ Cf. António de Vasconcelos, *A Sé Velha de Coimbra*, vol. II, Coimbra, 1935, fig. H, p. 199. A segunda fase do cemitério de Coimbra já deve ser contemporânea da fachada românica. Atente-se a mudança de orientação que se verifica entre os dois grupos de moimentos, o primeiro alinhado pela trajectória solar (?), o segundo implantado de acordo com os alinhamentos dos muros. Segundo Manuel Luís Real a construção da fachada conimbricense data dos finais do 3^o quartel do século XII (cf. *A Arte Românica de Coimbra (Novos Dados – Novas Hipóteses)*, dissert. de Licenciatura, vol. I, Porto, ed. policopiada, 1974, p. 152). Em documento de 1172 já se menciona o portal ocidental.

¹³⁵ Cf. David Bruno Soares Moreira, “Moreira de Rei”, *A Ilustração Moderna*, 1931, pp. 259-261; Artur de Magalhães Basto, *Sumário de Antiguidades*, Porto, 1963, pp. 123-128.

Moreira de Rei encontra-se documentada desde 960, o que pode fornecer uma aproximação cronológica para a necrópole de sepulturas rupestres antropomórficas.

culto anterior, sucedendo a um templo de menores proporções. No exemplo da Igreja do Soajo (Arcos de Valdevez, nº 5) o potencial informativo é bem menos importante já que a sepultura se encontra longitudinalmente cortada por muros de época moderna, cuja posterioridade julgamos já não estar em discussão. O mais importante exemplo do Entre Douro e Minho é o Convento de St.^a Marinha da Costa (Guimarães, nº 46), única estação arqueológica com sepulcros rupestres que [à data da redacção do texto] foi objecto de escavação. Por isso, a sua análise merece ser mais detalhada, até porque é a única possibilidade que temos de avançar com cronologias relativamente seguras para diferentes tipos de sepulturas antropomórficas, correspondentes a outros tantos estádios evolutivos.

As escavações no Convento da Costa permitiram a identificação de estruturas de templos de diferentes épocas (Fig. 2). O mais antigo edifício de culto cristão parece remontar ao período suevo-visigótico¹³⁶ e dele quase nada sobreviveu até aos nossos dias. No entanto, foi possível determinar parte da sua planta, graças aos negativos dos alicerces abertos na rocha. Sobre o seu espaço, correspondendo a uma ampliação da área edificada, a uma nova planta e uma nova solução de volumes, construiu-se um outro templo, que Manuel Real classifica de galaico-asturiano¹³⁷. Quando se pretendeu edificar o templo moçárabe, o espaço utilizado já não foi coincidente com o das duas construções anteriores, tendo-se deslocado o conjunto um pouco para Norte. A construção românica, a quarta documentada nesta estação, obra dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, viria a ocupar uma área semelhante à da moçárabe, e apenas se assinalou uma ampliação de espaço com o avanço da capela-mor para Leste. Por essa altura, a zona onde outrora haviam sido construídos os dois templos mais antigos seria ocupada pelo claustro. Ora, associadas aos diferentes templos da Costa, vamos encontrar diversas sepulturas rupestres. Não possuímos sepulcros contemporâneos da edificação do templo I, suevo-visigótico, mas são conhecidas duas sepulturas truncadas e urna sepultura de criança que, pela sua implantação, terão de ser posteriores ao templo I mas anteriores à construção galaico-asturiana. A sua cronologia parece balizar-se entre os séculos VII e IX, a julgar pelos dados avançados para as edificações. Infelizmente as duas sepulturas de adulto encontram-se cortadas na zona da cabeceira, impossibilitando, assim, a leitura da sua silhueta numa das zonas mais sensíveis deste tipo de sepulcros. A sepultura de criança, que sobreviveu completa, é sub-rectangular. Tanto esta como as duas sepulturas de adulto, incompletas, foram abertas dentro do espaço cultural, quando o edifício suevo-visigótico ainda se encontrava em uso. Embora nos inícios da segunda metade do século VI o cânone XVIII do 1º Concílio de Braga condenasse expressamente os enterramentos dentro das igrejas, a recomendação parece não ter encontrado grande aceitação desde cedo. Uma outra sepultura de adulto, foi aberta no exterior do templo, talvez junto dos seus muros. Actualmente sobrevive junto da parede Sul do templo galaico-asturiano, mas a sua articulação com essa parede assegura-nos a anterioridade da sepultura. Efectivamente, se atendermos ao contorno do rebordo para encaixe da tampa, somos levados a incluí-lo igualmente numa fase intermédia, entre a construção dos templos I e II. Assim, esta necrópole, na sua fase mais antiga, desenvolvia-se tanto no interior como no exterior do templo. Esta sepultura de adulto apresenta-se bastante bem conservada. Trata-se de um sepulcro talhado com uma simetria quase perfeita, ostentando um antropomorfismo incipiente, o qual apenas se pode detectar na ligeira inflexão que a linha de bordo apresenta depois de atingir a largura máxima na zona dos “ombros”. Uma vez que o seu rebordo Norte se encontra parcialmente truncado pela construção do muro Sul do templo asturiano, somos levados a concluir que a sepultura deve ser atribuída a um momento que se situa entre os séculos VII e IX.

¹³⁶ Cf. Manuel Luís Real, “Santa Marinha da Costa. Notícia Histórica”, *Pousada de Santa Marinha*, “Boletim da D.G.E.M.N.”, nº 130, Lisboa, 1985, pp. 9-11.

¹³⁷ Cf. Manuel Luís Real, op. cit., 1985, pp. 12-17.

É interessante registar-se que, nesta fase relativamente antiga, se detectam sintomas de evolução a caminho do antropomorfismo na zona de Entre Douro e Minho, com um processo distinto daquele que Castillo detectou nas necrópoles do Nordeste Peninsular. Na necrópole da Costa não se começa por assinalar qualquer “ombro”, prosseguindo-se até alcançar o antropomorfismo pleno. Pelo contrário, todo o processo de inicia partindo de uma base de simetria axial. Um pouco para Oeste desta sepultura abria-se uma outra de tipologia talvez idêntica, mas hoje muito mutilada.

Posteriores a estas sepulturas da fase mais antiga da Costa devem ser os dois enterramentos implantados um pouco mais a Sul. São sepulturas que apresentam um antropomorfismo muito tímido, com paredes laterais rectas e paralelas, e um largo rebordo destinado ao encaixe da tampa. Pelo facto de uma interceptar o rebordo da outra ficamos a saber que entre a abertura destes moimentos deve ter mediado algum tempo. Eles estão orientados canonicamente e podem ser associados ao templo asturiano da Costa. É provável que esta segunda fase da necrópole fosse bastante mais extensa, mas ela foi duramente afectada por construções posteriores. Uma sepultura antropomórfica no ângulo Sudeste da ala do claustro pode ser associada a este momento, tendo sido cortada por outro moimento rupestre que, pela sua orientação, pertence a uma nova fase, talvez dos séculos XI ou XII. A principal concentração dos enterramentos desta terceira fase do cemitério da Costa encontra-se no quadrante Sudeste do jardim claustral, mas vamos encontrar um outro isolado, junto do ângulo Nordeste da ala do claustro, também ele interceptado por um sepulcro posterior. Repare-se que esta 3ª fase do cemitério da Costa adoptou uma orientação distinta da que se verifica para a maioria dos restantes enterramentos. A abertura destes moimentos é bastante tardia mas ainda anterior à construção do claustro, podendo atribuir-se aos séculos XI ou XII.

Um outro núcleo de sepulcros rupestres interessante é aquele que se desenvolve ao longo da ala Leste do claustro, prolongando-se pelos inícios das alas Norte e Sul e no ângulo Noroeste. São sepulturas antropomórficas cuja orientação não foi ditada pelo nascer ou pôr do Sol, mas antes pela presença dos muros românicos. A datação do claustro – atribuído aos finais do século XII¹³⁸ – permite-nos presenciar a existência de sepulturas rupestres em uso numa época bastante tardia, o que se compreende bem se atendermos à fraca potência dos terrenos nessa zona. Pela sua implantação, tudo indica que terão sido abertas quando já se encontravam definidos os alinhamentos dos muros românicos. Na sua abertura foram traçados grandes e profundos rebordos e a tendência para cabeceiras sub-rectangulares é dominante. A silhueta antropomórfica não é muito regular, mas é provável que a reutilização dos sepulcros tenha originado adulterações do seu perfil inicial. Dois pares de sepulturas desta fase, um no ângulo Nordeste do claustro, outro na esquina Noroeste, podem ser também relacionados com o templo moçárabe, que ocupava parte da área da actual igreja. A dita implantação, sobretudo no que diz respeito às sepulturas 30 e 31, convida a essa interpretação, o que ajudaria a explicar a presença de uma tipologia relativamente arcaica no sepulcro 31, onde apenas se assinalou o “ombro” esquerdo. Para os enterramentos 19 e 20 atente-se a que eles se abriram junto dos muros românicos, sem espaço para o rebordo, o que pode justificar a sua associação ao templo moçárabe. Infelizmente, quer para um quer para outro caso, o seu posicionamento também se pode ter pautado pelo claustro românico, pelo que não é possível optar definitivamente por uma ou outra hipótese.

Por último, a Costa forneceu testemunhos de outras modas de enterramento: uma tampa decorada, tardia, e um sarcófago antropomórfico, na ala Oeste do claustro, e várias sepulturas rectangulares, definidas por pedras avulsas, talvez do século XVI, concentradas na metade Sul das alas claustrais, para além de seis “carneiros” do século XVIII.

¹³⁸ Cf. Manuel Luís Real, op. cit., 1985, p. 37.

O exemplo do Convento da Costa é valioso em duas perspectivas: por um lado documenta-nos os primeiros passos de evolução a caminho do antropomorfismo num horizonte cronológico que é seguramente anterior ao século IX, podendo estar relacionado com a utilização do templo mais antigo, embora deva corresponder a uma fase posterior à da sua construção; por outro lado, testemunha-nos a utilização de sepulcros rupestres antropomórficos, com profundos encaixes para as tampas, numa fase tardia, que se situa em torno dos meados do século XIII. As sepulturas mais antigas do Convento da Costa não podem deixar de recordar algumas das soluções tipológicas patentes no subsolo da catedral de Santiago de Compostela, pertencentes à necrópole que, erroneamente, tem sido atribuída ao período romano¹³⁹.

Se no Convento de St.^a Marinha da Costa encontramos sepulturas que encetaram a evolução para o contorno antropomórfico através de soluções distintas da que Castillo enunciara, no Entre Douro e Minho também vamos encontrar sepulturas onde o processo se avizinha do que descrevera aquele autor. É o caso, por exemplo, de uma das sepulturas de St.^a Marta (Penafiel, nº 181), onde se assinala apenas o “ombro” esquerdo, quedando o outro praticamente por demarcar. Outros tipos de antropomorfismo incipiente encontramos patentes em Afife (nº 20), e na Várzea do Douro (nº 84), mas em ambos optou-se por uma simetria axial, à semelhança da Costa.

A presença de “núcleos familiares” no Entre Douro e Minho é apenas esporádica. Este possível testemunho da família nuclear encontra-se patente na necrópole de St.^a Marta (Penafiel, nº 101), no Convento da Costa, no Freixo (?) (Marco de Canaveses, nº 69), em Salvador do Monte (Amarante, nº 59) e nas sepulturas geminadas de Cabeça Santa (Penafiel, nº 90). Fora do Entre Douro e Minho registemos desde já os casos bem explícitos da necrópole de Povoação (Vila Pouca de Aguiar)¹⁴⁰ e da importante necrópole de Moreira de Rei (Trancoso)¹⁴¹.

Creemos que, no Entre Douro e Minho, a maior parte das sepulturas antropomórficas talhadas na rocha poderão ter tido um período áureo entre a segunda metade do século IX e os fins do século XI. Por seu turno, o período de evolução até se alcançar o contorno antropomórfico axial perfeito pode-se colocar por volta do século VIII e primeira metade do século IX. No entanto, atribuir todos os sepulcros a uma fase tão antiga será, por agora, difícil de comprovar. Para alguns casos a sobrevivência desta moda de enterramentos até épocas mais recentes, cerca dos séculos XIII e XIV, parece perfeitamente comprovada. O caso da Sé do Porto e do Convento da Costa, nas suas fases mais recentes, podem ser aqui incluídos. O exemplo de Longos Vales (Monção, nº 9), pela associação de tampas decoradas com motivos tardo-medievos a sepulcros rupestres, também pode ser aqui evocado. Em Riba de Mouro (Monção, nº 12) a necrópole também deve corresponder a uma diacronia que, se não arranca já na Baixa Idade Média, pelo menos atinge-a seguramente. E o exemplo de Alpendurada (Marco de Canaveses, nº 64), pela possível conjugação de uma estela funerária rectangular, com uma cruz a ornamentá-la, com uma sepultura desta tipologia, pode ser colocado lado a lado com os cemitérios de Povos (Ribatejo),

¹³⁹ A necrópole que Chamoso Lamas e Guerra Campos classificam de “romana” é, na realidade, medieval. Efectivamente, se observarmos as tipologias que Guerra Campos apresenta para esta necrópole (J. Guerra Campos, *Exploraciones arqueológicas en torno al sepulcro del Apostol Santiago*, Santiago de Compostela, 1982, p. 499), seis dos nove tipos registados são exclusivos da Idade Média ou, pelo menos, desconhecidos no período romano. As soluções antropomórficas que ostentam são bem elucidativas neste aspecto. Apenas os três primeiros tipos são menos expressivos em termos cronológicos. Por outro lado, cremos que a argumentação que Guerra Campos fornece para justificar a sua atribuição deste cemitério ao período romano não é consistente. A necrópole parece ajustar-se a uma cronologia que se situa à volta dos séculos IX e X. As sepulturas apenas se guiam por alinhamentos anteriores, sendo posteriores às estruturas romanas. Em termos tipológicos e de orientação, não conseguimos encontrar grandes diferenças entre a necrópole que Guerra Campos classifica de “romana” e a que ele designa por “sueva”. As fotografias que o autor publica mostram-nos sepulturas antropomórficas abertas na rocha que, noutros contextos, não teríamos grandes dúvidas em atribuir aos tempos da Reconquista. A semelhança do sepulcro compostelano da fotog. 161 (p. 500) com a sepultura nº 4 da Costa, até na sua solução de antropomorfismo incipiente, é notável.

¹⁴⁰ Mário Jorge Barroca e António Joaquim Cardoso Morais, “Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)”, *Arqueologia*, vol. 8, Porto, 1983, pp. 97-98.

¹⁴¹ O exemplo de Moreira de Rei é bem elucidativo: duas sepulturas de adulto enquadram outros dois sepulcros que pelas suas dimensões eram destinados a crianças. As sepulturas estão orientadas N-S e implantadas junto da parede Sul da capela-mor. Não muito longe vê-se um outro par de sepulturas de adulto.

de Monsanto e de Jagueiros (Ranhados, Viseu), onde conjuntos idênticos foram detectados, constituindo novos indícios da sobrevivência tardia desta moda de enterramento.

Por último, registemos algumas referências documentais mediélicas a possíveis sepulturas rupestres. Em 911, nos limites da diocese de Dume, refere-se que a sua fronteira ia até à “...*archa qui sedet in petra...*” (LF, nº 19, vol. I, p. 39). Em 1061, na doação de propriedades ao mosteiro de St.^o Antonino de Barbudo, encontra-se também uma referência: “...*ad illum Pennetelinm ubi ipsa arca est...*” (LF, nº 233, vol. I, p. 274). Na Carta de Couto de S. Pedro da Cova, um apócrifo que se pretendeu atribuir a 1130, indica-se que os limites de validade do diploma iam “...*ad piam de petra...*” (DMP, vol. I, nº 109, p. 132-133; Censual Cab. Porto, p. 154). Em vários passos das Inquirições de 1258 encontramos referências que se podem adaptar a este tipo de sepulcros. Não queremos deixar de apontar aqui alguns exemplos, sem a preocupação de sermos exaustivos. Em St.^a Cristina de Meadela, no Julgado de Ponte de Lima, referem as Inquirições, a dado passo, uma “*bouza cum seus matos, que jaz cabo a petra da arca...*” (PMH, Inq., p. 332). Em St.^a Maria da Quintana, no Julgado de Refoios, aparece-nos uma referência a “...*Monte Curto*” com um “*tumbum contra Antam*” (idem, p. 527), enquanto que em Marecos (Penafiel) se reportam os inquiridores régios a uma “*arcam de Moazares que sedet in strata*” (idem, p. 589). Estas referências, que estão muito longe de esgotar os casos que se podiam apontar, vêm chamar a atenção para outros aspectos que podem ser aproveitados como contributos para a definição cronológica desses monumentos. Os casos que aqui incluímos, ao serem aproveitados em diplomas medievais para definir os limites de validade do documento, revelam-nos, em primeiro lugar, que esses sepulcros rupestres ocupavam lugar proeminente na paisagem, condição fundamental para serem eleitos como marcos de fronteira. Mas, por outro lado, revelam-nos também monumentos que, muito provavelmente, já se encontravam abandonados, sem tampa e esvaziados. Por isso eles são apresentados como “pias” ou “arcas esculpidas”. É mesmo provável que a sua função funerária estivesse esquecida. Nesta perspectiva, e atendendo a que, como vimos, a execução de sepulcros rupestres sobrevive até bastante mais tarde, poderíamos supor que os monumentos referidos nestes documentos fossem de tipologia não-antropomórfica, contrastando com os que eram utilizados na altura dos diplomas, já antropomórficos.

CONTRIBUTO PARA UM LEVANTAMENTO DAS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE ENTRE DOURO E MINHO

O levantamento obedece aos seguintes critérios:

1. Os distritos foram ordenados por uma sequência geográfica, de Norte para Sul (Viana do Castelo, Braga e Porto).
2. Dentro de cada distrito procedeu-se a uma ordenação alfabética por concelhos, e, dentro de cada um, por freguesias. À indicação da freguesia segue-se a referência ao micro-topónimo.
3. O número de inventário corresponde ao que figura no mapa de distribuição geográfica.
4. Ao texto de comentário monográfico seguem-se as referências bibliográficas e/ou orais em que nos baseamos, precedidas do sinal *.

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Concelho de ARCOS DE VALDEVEZ

1 – Ázere

Lugar da Cerca

Félix Alves Pereira noticiou a existência de “*uma sepultura rupestre começada mas incompleta, trapezoidal, num penedo de 2m de altura, no sítio da cerca, arrabaldes de S. Miguel-o-Anjo de Ázere*”, nas imediações da capela de S. Silvestre (de que sobrevivem ruínas).

* Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 5, nota 1.

2 – Ázere

Alto das Igrejas

Félix Alves Pereira reportou-se a uma sepultura de grandes dimensões no Alto das Igrejas, “*elevada eminência, em cujos flancos está o castelo de S. Miguel-o-Anjo*”. A campa da “Geéla”, como era então conhecida, apresenta, um contorno antropomórfico simétrico, com cabeceira bem demarcada, em arco peraltado, e tem de comprimento 2,50 m. Em 1929 apresentava já um dos laterais destruído, tendo o autor feito a reconstituição em desenho. Trata-se de um dos exemplares de maiores dimensões que conhecemos para o Entre Douro e Minho.

* Félix Alves Pereira, “Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, pp. 157-158.

3 – Condoriz

Cardal, Quinta do Outeiro

Segundo Félix Alves Pereira, no sítio do Cardal, dentro da Quinta do Outeiro, existiria num penedo isolado uma sepultura quase rectangular, com 2,30m de comprimento e 0,65 a 0,60 m de largura. Este sepulcro, orientado sensivelmente NO-SE, foi parcialmente destruído entre 1895 e 1903, datas de duas visitas daquele arqueólogo, tendo sido mutilado em quase metade da sua superfície. Apresentava um rebordo trabalhado, para melhor adaptação das lajes da sua tampa, que, pelo que se depreende desses entalhes rupestres, deveria ser composta por três lajes distintas. Os rebaixos periféricos não contornam totalmente a sepultura, e concentram-se nos dois terços superiores desta. Por certo a terceira laje de cobertura não deveria apoiar-se em nenhum encaixe. As outras duas pedras deveriam ter espessuras distintas, já que o rebordo apresenta duas superfícies de apoio com cotas diferentes.

* Félix Alves Pereira, “Insculturas em rochas em castros de Val-de-Vez ou vários penedos com pias”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. IV, Lisboa, 1898, pp. 294-295, nota 1; Idem, “Rascunho de Velharias de Entre-Lima-e-Minho”, *O Archeólogo Português* 1ª Série, vol. XXVI, Lisboa, 1923-1924, pp. 271-272.

4 – Grade

Monte das Cruzes

Igualmente noticiada por Félix Alves Pereira, a sepultura rupestre do Monte das Cruzes, na freguesia de Grade, e um sepulcro subtrapezoidal, com cabeceira plana de ângulos suavizados e pés arredondados. Conforme o autor anotou “*a sua orientação foi determinada, não por alguma razão ritual, mas pelo único aproveitamento possível da estreita rocha, ficando a cabeceira para N. e os pés para S.*”. A sepultura apresenta 1,83 m de comprimento, e de largura 0,43 na cabeceira e 0,33 aos pés.

* Félix Alves Pereira, “Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, pp. 156-157.

5 – Soajo

Igreja paroquial do Soajo

Junto da Igreja paroquial do Soajo encontra-se uma sepultura antropomórfica aberta no afloramento granítico, orientada Oeste-Este. Foi parcialmente cortada pelas ampliações do templo, jazendo junto dos seus muros.

* Agradecemos a informação a Joel Cleto.

Concelho de CAMINHA

6 – Arga de Cima

Serra d'Arga

Temos notícia da existência de sepulturas abertas na rocha no alto da Serra d'Arga, nos limites da freguesia de Arga de Cima com a freguesia de Cabração (conc. Ponte de Lima), mas não conseguimos apurar nem a tipologia nem o número total dos sepulcros. Não se encontra referida na obra de Lourenço Alves, *Caminha e seu concelho. Monografia*; Caminha, 1985.

7 – Seixas

Alto do Gorito

Segundo informações locais, no Alto do Gorito, não longe da antena de TV, implanta-se uma necrópole de sepulturas abertas na rocha com contorno antropomórfico, com seis sepulturas. Não tivemos oportunidade de confirmar a informação.

8 – Vilar de Mouros

?

Temos notícia da existência de um conjunto de doze sepulturas abertas na rocha, mas desconhecemos a sua localização precisa, bem como a tipologia a que obedecem. O número total de sepulcros carece de confirmação.

Concelho de MONÇÃO

9 – Abedim

S. Martinho da Penha

Segundo J. A. Almeida "na descida da Serra da Bulhosa, vindo de Coura para Monção", não muito longe do "Castelo de S. Martinho da Penha", encontra-se uma sepultura escavada na rocha. Segundo o mesmo autor, "em hum dos lados o rochedo está nivelado artificialmente, o que mostra haver ali sido depositado algum corpo humano; e no cabeço deste anivelamento há uns buracos abertos na rocha como feitos para segurança e pequeno aparato fúnebre".

* J. A. Almeida, "Documento VI. Descrição da Freguesia de Abedim no "Dicionário Abreviado de Corographia, Topographia e Archeologia das Cidades, Vilas e Aldeias de Portugal", *Anais da Academia Portuguesa de História*, "Ciclo da Fundação da Nacionalidade", Vol. I, Lisboa, 1941, p. 181.

10 – Longos Vales

Mosteiro de S. João de Longos Vales e Capela de Sta. Catarina

No adro do antigo mosteiro, hoje Igreja paroquial, de S. João de Longos Vales, no local onde existiu outrora a Capela de Sta. Catarina, foram postos a descoberto, em 1938-1943, vários sarcófagos e tampas da Baixa Idade Média, e algumas sepulturas abertas na rocha, de que sobrevivem actualmente quatro.

* João Afonso Caldas, *Monografia de S. João de Longos Vales*, Braga, 1975, pp. 128 e 146.

11 – Pias

?

Segundo Martins Sarmiento "A freguesia de Pias (concelho de Monção) tira o seu nome, segundo dizem, dum lugar onde abundam sepulturas desta espécie" (rupestres). Ignoramos número e tipologia.

* F. Martins Sarmiento, "A propósito dos roteiros de tesouros", *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 315.

12 – Riba de Mouro

Igreja paroquial de Riba de Mouro

Segundo José Augusto Maia Marques, na Igreja de Riba de Mouro existe um "conjunto de cerca de meia centena de sepulturas antropomórficas abertas no granito e no saibro granítico. Algumas estão conservadas sob o soalho da Igreja Matriz. Aquando das obras naquele templo concluiu-se que algumas das sepulturas estavam cobertas por lajes de granito sumariamente afeiçoado". Parece ser um exemplo de necrópole relativamente tardia, se atendermos as cronologias propostas vulgarmente para o auge desta moda de enterramento.

* José Augusto Maia Marques, "Inventário Arqueológico do concelho de Monção. Estado da Questão", Porto, 1984, p. 22 (separata de *Revista de História da Universidade Livre*, vol. I, Porto, 1984).

Concelho de PAREDES DE COURA

13 – Ferreira

Venade

No sopé, a Norte, do Monte do Castro de Venade, após duas leiras cultivadas, e ao fundo de uma bouça (“Giestal”), *“fazendo parede de suporte, está uma rocha natural que tem escavada, na sua face superior ou sobreleito, orientada de Norte a Sul uma sepultura”* antropomórfica aberta na rocha, com rebordo bem demarcado. Segundo Narciso Alves da Cunha mede 1,80 m de comprimento, e ostenta 0,52m de largura junto dos ombros. A sua profundidade oscila entre 0,18 m, ao centro, e 0,212 m na cabeceira.

* Narciso C. Alves da Cunha, *No Alto Minho. Paredes de Coura*, Porto 1909, pp. 124-125.

Concelho de PONTE DE LIMA

14 – Arcos (S. Pedro de)

Sanjemondes ou Sanjamondes

Uma sepultura aberta na rocha de contorno *“trapezoidal, de lados levemente curvilíneos, ângulos arredondados, grande rebordo em toda a volta da cavidade e um bueiro nos pés do lado esquerdo”* (F. A. Pereira, p. 5). É conhecida por “Pedra do Lagar” (C. Brito, p. 91).

* Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 4/5; Manuel J. da Cunha Brito, “Necrópole Cristã de Tavarez (Arcos de Valdevez)”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXIX, Lisboa, 1930-1931, p. 91; Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50.000. Notícia explicativa da Folha 5A – Viana do Castelo*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1972, p. 40.

15 – Arcozelo

Monte de Sto. Ovídio

Junto da Capela do Monte de Sto. Ovídio, onde se implantou um castro, existe uma sepultura aberta na rocha.

* Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 40.

16 – Cabaços

Referenciada a existência de sepulturas rupestres, desconhecendo-se número e tipologia.

* Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 41.

17 – Correlhã

Igreja paroquial da Correlhã e Capela de Sto. Abdão

Segundo Manuel de Aguiar Barreiros, a Igreja da Correlhã encontra-se *“sobre um cemitério bárbaro, como se colige das sepulturas rupestres do adro e de muitas outras avulsas de forma trapezoidal, se bem que estas ultimas são bem mais posteriores. Em duas d’aquelas, encobertas, metade pela parede do socalco que ampara o terreno em volta do templo, distingue-se perfeitamente o logar aprofundado da cabeça e dos ombros. Mas de que são numerosas não faltam as provas testemunhaes, como a daquele já entrado em idade, que reproduzindo o que lhe dizia o velho avô, me afiançou existir debaixo do adro uma grande lajea toda cheia d’aquelas sepulturas cavadas na rocha, muitas das quaes o aludido avô ajudou a soterrar quando, no seu tempo se procedeu à regularização do terreno do adro”*. Félix Alves Pereira também se reportou a elas dizendo que *“no adro desta igreja verifica-se o antiquissimo costume de sepultar os fieis na contiguidade das igreja; como em Lourosa, vêem-se ainda as respectivas sepulturas ou pias; debaixo de um cruzeiro do mesmo adro estão à vista as cabeceiras de duas sepulturas escavadas na própria rocha; quanto à forma ambas perfilha os ombros e cabeça humana”*. Do velho cemitério rupestre sobrevivem ainda as mesmas duas sepulturas a que se reportava Aguiar Barreiros, meio truncadas pelo muro do socalco do adro, sendo perceptível a solução antropomórfica com cabeceira de arco de volta perfeita. Foi certamente a estas duas sepulturas que se referiu Félix Alves Pereira, muito embora por confusão as tenha localizado “debaixo de um cruzeiro”.

* Manuel de Aguiar Barreiros, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira – Lima*, Porto, ed. Marques Abreu, 1926, p. 23; Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 44; Manuel J. da Cunha Brito, op. cit., Lisboa, 1930-1931, p. 91; Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 41.

18 – Estorões

Monte do Castelo

Referenciadas sepulturas antropomórficas abertas nos afloramentos graníticos, embora desconhecamos o número total.

* Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 40.

19 – Refoios de Lima

Lugar do Couto

Uma das mais celebrizadas sepulturas rupestres minhotas. Implanta-se na vertente Sul do monte do Castelo, Alto do Couto, onde se ergueu o Castro de Genso. A sepultura encontra-se junto da Capela de S. Simão, sendo, por isso, conhecida popularmente por “Sepultura de S. Simão”. Trata-se de um sepulcro de contorno rectangular, com os ângulos arredondados. A superfície exterior foi horizontalizada, tendo-se dado particular cuidado a uma faixa de pequenas dimensões que envolve toda a sepultura, criando um rebordo à maneira de moldura, destinado a receber tampa. Segundo F. Alves Pereira a sepultura fora aberta num penedo com cerca de 2m de altura e encontra-se orientada Nascente-Poente. Regista o mesmo autor que “em torno da fossa havia um canal feito a cinzel com escoante em um dos ângulos” Na realidade trata-se de rebordo para receber a tampa. No alto do penedo encontram-se também uns “riscos”, mas Félix Alves Pereira concluía ser obra “casual e insignificante”. Luís Figueiredo da Guerra, que primeiro noticiou esta sepultura, refere-se a ela dizendo que “a cavidade rectangular apresenta as paredes quasi verticaes, tendo no fundo 1,92m e na borda exterior apenas attinge 2 metros, e de alto 0,45m por 0,50m de largo”, acrescentando que ela não se encontra orientada. Implanta-se na Quinta do Cardido ou Candido.

* Luís Figueiredo da Guerra, “Legenda Enigmática”, *O Archeólogo Português*, Iª Série, vol. VIII, Lisboa, 1903, pp. 258-260; Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima”, *O Archeólogo Português*, Iª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, pp. 2-3; José Leite de Vasconcelos, “Correspondência de Martins Sarmiento”, *O Archeólogo Português*, Iª Série, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 182; Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 40; Henrique Barreto Nunes, *Informação Arqueológica*, nº 1, Braga, 1979, p. 24 e fot. p. 25.

20 – Refoios de Lima

Casal Novo

Sepultura sub-rectangular, aberta no alto de um rochedo, com ligeiro estreitamento no sentido dos pés. Apresentava dois grandes levantamentos nos laterais maiores e não possuía moldura ou rebordo para encaixe da tampa. Apareceu quando, após invernia rigorosa, o penedo se deslocou do sítio e tombou sobre uma estrada, no ano de 1978. Foi, entretanto, destruída.

* S/A, “Sepultura sueva num penedo deslocado”, *Jornal de Notícias*, Porto, 19 de Maio de 1978; Henrique Barreto Nunes, *Informação Arqueológica*, nº 1, Braga, 1979, pp. 24-25 e fot. p. 25.

21 – Refoios de Lima

Capela de S. Julião, Valdevez

Nas imediações da Capela de S. Julião, no lugar de Valdevez, e não muito longe da “sepultura de S. Simão” (vide nº 19), encontra-se um moimento aberto na rocha, conhecido popularmente por sepultura de S. Gião. Trata-se de uma sepultura não-antropomórfica, implantada no alto de um rochedo que lhe determinou a orientação N-S. Segundo Félix Alves Pereira, a sepultura tem 1,96m de comprimento e 0,66 a 0,61m de largura, com uma profundidade oscilante entre os 0,49 e 0,66m. Acrescenta o mesmo autor que “não há ressalto em toda a cavidade, mas apenas em um dos topos onde a fraga é mais alta, afim de que a tampa ajustasse mais exactamente”.

* Félix Alves Pereira, “Jornadas de um curioso pelas margens do Lima”, *O Archeólogo Português*, Iª Série, vol. XXVIII, Lisboa, 1927-1929, p. 4; Carlos Teixeira e A. Cândido Medeiros, op. cit., 1972, p. 41.

Concelho de VIANA DO CASTELO

22 – Afife

Monte da Agrichousa, lugar da Espilrada

No lugar da Espilrada, entre a Bouça dos Pinheiros e a Ereira (antes de se atingir o rio da Oliveira), encontra-se urna sepultura aberta num rochedo, aproveitando quase integralmente a sua superfície superior, e apresentando uma solução de antropomorfismo incipiente, com a cabeceira pouco demarcada em profundidade. Esta sepultura é, a todos os títulos, notável, ostentando um grande rebordo destacado do rochedo, lembrando, na teoria de Alberto del Castillo, os exemplares que denunciam a evolução para o sarcófago, através do alteamento dos laterais. Parece-nos, no entanto, um exemplar bastante arcaico. Mede 1,73m de comprimento e de largura 0,52m na cabeceira e 0,34m na zona dos pés.

* Afonso do Paço e Anibal do Paço Quesado, “Digressões arqueológicas pelo Alto Minho”, *Arquivo do Alto Minho*, vol. 7, Viana do Castelo, 1957, p. 173; Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, “Levantamento Arqueológico do concelho de Viana do Castelo”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

23 – Amonde

Minas de Estanho de Amonde

Abel Viana registou a existência, próximo das Minas de Estanho de Amonde, de sepulturas rupestres e de restos de uma construção: “*supomos estarem ali sinais de um eremitério cristão muito primitivo*”. *Em uma pequena dobra da encosta, notam-se alicerces de construções muito rudes, nas quais foram empregados avantajados blocos de granito. Nada que se assemelhe ao que vemos nas ruínas dos castros. Com estes vestígios julgamos acharem-se relacionadas sepulturas abertas na rocha, que aí se encontram entre os aludidos alicerces.*” Pela descrição que o autor nos dá do aparelho de construção somos levados a crer que Abel Viana se encontrou perante uma construção pré-românica associada a sepulturas rupestres, o que seria do máximo interesse. No entanto, e apesar dos esforços dispendidos, não conseguimos localizar esta estação arqueológica. Informações recolhidas no local levam-nos a acreditar que este núcleo ainda sobrevive. Desconhecemos o número total de sepulturas, mas sabemos que são trapezoidais, sem qualquer indício de antropomorfismo, e com rebordo para receberem tampa.

* Abel Viana, “Alguns instrumentos de pedra pulida do Alto Minho”, *Arquivo do Alto Minho*, vol. 4, Viana do Castelo, 1950, pp. 16-17, e fot. nº 2 (fig. 8).

24 – Areosa

Pia dos Eidos

Sepultura trapezoidal que se situava “*logo à saída de Viana do Castelo, seguindo a estrada litoral que se dirige para Caminha*”. Segundo refere Abel Viana “*por informações de uns pedreiros da Areosa soubemos que sepulturas idênticas surgiram ali perto, ao edificar-se, em terreno da Veiga, uma fábrica de capachos e artefactos similares*”. Não parece sobreviver nenhuma das sepulturas referidas.

* Abel Viana, op. cit., 1950, p. 15.

25 – Cardielos

Lugar do Padrão

Rosa Araújo refere sepulturas escavadas na rocha, mas ignoramos número total e suas tipologias.

* José Rosa Araújo, *Caminhos velhos e pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo, 1962, p. 64 (citado por Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Viana do Castelo”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.).

26 – Castelo de Neiva

?

Segundo informação de Eduardo Jorge Lopes da Silva, em Castelo de Neiva, num afloramento granítico implantado no alto de um monte, encontram-se duas sepulturas rupestres, abertas uma a par da outra. Trata-se de sepulturas sub-rectangulares, com solução antropomórfica de arco ultrapassado e com desnível entre a cabeceira e a zona destinada ao corpo.

27 – Carreço

?

Temos referência à existência de uma sepultura escavada na rocha em Carreço, mas não sabemos a sua tipologia. Não a conseguimos visitar.

28 – Geraz do Lima (Sta. Leocádia)

Alto do Geraz

Temos referência à existência de sepulturas na encosta Poente do Alto do Geraz. Desconhecemos o número total e tipologias.

29 – Nogueira

Bolsa das Freiras

No lugar da Bolsa das Freiras, onde a tradição diz ter existido o “Convento da Bolsa das Freiras” e onde são visíveis ruínas de muros, encontram-se duas sepulturas rupestres. Uma é sub-rectangular, com os lados maiores arqueados e os ângulos arredondados. A segunda, mais larga que a anterior, apresenta uma configuração mais tendente para a forma quadrangular, com acentuada torção para o lado direito. Em nenhuma delas se encontra solução antropomórfica.

* Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, “Levantamento Arqueológico do concelho de Viana do Castelo”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

30 – Perre

Capela de N^a Senhora do Olival

Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado referenciaram uma sepultura aberta na rocha junto da capela de N^a Senhora do Olival, no alto do Calvário, Perre. Ao que parece já terá sido destruída.

* Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado, “Digressões arqueológicas pelo Alto Minho”, *Arquivo do Alto Minho*, vol. 6, Viana do Castelo, 1956, p. 82; Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, “Levantamento Arqueológico do concelho de Viana do Castelo”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

31 – Perre

Lugar de S. Gil

Nas imediações do castro do “Castelhão”, no lugar de S. Gil, foram referenciadas “*duas sepulturas trapezoidais escavadas na rocha, uma das quais de cantos arredondados. Esta última media de comprimento 1,73m, sendo a sua largura de 0,52m na parte superior e 0,47m na parte inferior. A construção recente de um caminho mutilou-lhe os pés. A mesma mutilação sofreu em tempos idos a trapezoidal, que tem de largura máxima 0,49 e 0,42m.*”

* Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado, “Digressões arqueológicas pelo Alto Minho”, *Arquivo do Alto Minho*, vol. 6, Viana do Castelo, 1956, p. 87; Leandro Quintas Neves, “Os Castros do Norte de Portugal”, *Lucerna*, vol. 4, Porto, 1965, pp. 174-175; Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte, “Levantamento Arqueológico do concelho de Viana do Castelo”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

32 – Viana do Castelo

Sta. Luzia

Temos referência à existência de uma sepultura rupestre em Sta. Luzia, mas não conseguimos confirmar.

Concelho de VILA NOVA DE CERVEIRA

33 – Vila Nova de Cerveira

Cortes

No adro da Capela de S. Roque, em Cortes, existe uma sepultura escavada na rocha.

* *Tesouros Artísticos de Portugal*, dir. de António José Ferreira de Almeida, Lisboa, 1976, p. 577.

DISTRITO DE BRAGA

Concelho de BARCELOS

34 – Monte de Fralães

Monte da Saia

No alto do Monte da Saia, freguesia de Monte de Fralães, implanta-se uma sepultura rupestre rectangular,

não-antropomórfica. Possui um rebordo rebaixado a toda a sua volta para facilitar o encaixe da tampa. Segundo Teotónio da Fonseca a sua tampa “*serve de cobertura a uma sepultura na Igreja que pertencia à Casa da Quinta*”.

* Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado*, vol. II, Barcelos, 1948, p. 263.

Concelho de BRAGA

35 – Esporões

Lugar de Marinhais

A NW do lugar de Marinhais, existem sepulturas abertas na rocha, ovaladas e com rebordo para o encaixe da tampa.

* F. Martins Sarmiento, “Antiqua”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, 1970, p. 34; Henrique Regalo, “Levantamento Arqueológico do concelho de Braga”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

Concelho de CABECEIRAS DE BASTO

36 – Bucos

Bucos

Nas traseiras de uma casa encontra-se reutilizada uma sepultura aberta na rocha, antropomórfica. O bloco onde ela se abre encontra-se hoje verticalizado, integrando o muro da construção.

* Informação do Dr. Manuel Real.

37 – Outeiro

Mata da Santa

No lugar da Mata da Santa, freguesia de Outeiro, encontram-se cinco sepulturas abertas nos afloramentos rochosos. Desconhecemos a tipologia.

* *Jornal de Cabeceiras*, Cabeceiras de Basto, 31 de Maio de 1980; *Informação Arqueológica*, vol. 3, Lisboa, 1983, p. 88.

38 – Refojos de Basto

Alto de Chacim

Segundo Martins Sarmiento, “*há alguns anos em Refojos de Basto, não longe de um castro, conhecido com o nome de cidade*” (Castro de Chacim), teriam aparecido umas “antigualhas” dentro de uma sepultura aberta na rocha. Rocha Peixoto refere-se a “*sepulturas no lugar de Chacim, nas quais apareceram potes*”.

* F. Martins Sarmiento, “A propósito dos roteiros de tesouros”, *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 317, nota; Augusto César Pires de Lima, “A Correspondência Martins Sarmiento – Pe. Joaquim Pedrosa”, Guimarães, 1940, p. 28 (separata de *Revista de Guimarães*, vol. L, Guimarães, 1940); Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas na rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, pp. 370-371; idem, “A cidade de Riodouro”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 367; Cón. Arlindo Ribeiro da Cunha, “Trepando aos Montes”, *O Distrito de Braga*, Braga, 1975.

39 – Refojos de Basto

Campas dos Mouros

Segundo Martins Sarmiento, no lugar das “Campas dos Mouros”, na freguesia de Refojos de Basto, existiriam duas sepulturas rupestres. O local “*é um declive e pela parte de baixo há indícios de alicerces de parede*”. Trata-se de duas sepulturas rupestres antropomórficas, ambas com rebordo para receber a tampa. Uma delas, quando foi visitada por Martins Sarmiento, ainda continha ossos.

* F. Martins Sarmiento, “Antiqua”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, 1970, p. 67.

40 – Rio Douro

Cambezes

Rocha Peixoto deixou-nos notícia de duas sepulturas rupestres “*não muito distante da cidade que tem o nome da freguesia*”. Uma delas, antropomórfica, era destinada a adulto. A outra, de menores dimensões e não antropomórfica, seria, por certo, destinada a criança ou adolescente.

* Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas na Rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 371; idem, “A cidade de Riodouro”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 367.

Concelho de ESPOSENDE

41 – Palmeira de Faro

Eira da Ana

Na Eira da Ana, dentro da casa do Cuco, encontra-se uma sepultura aberta na rocha. Mede 1,94m de comprimento e ostenta uma cabeceira antropomórfica de contorno sub-rectangular. Denota-se ainda rebordo alteado para evitar a penetração das águas pluviais.

* Manuel Ayres Falcão Machado, *Esposende. Monografia do Concelho*, Esposende, 1951, p. 71; Carlos A. Brochado de Almeida, “Carta Arqueológica do Concelho de Esposende”, *Boletim Cultural de Esposende*, nº 11/12, Esposende, Dezembro de 1987, pp. 105-107.

Concelho de FAFE

42 – Regadas

Lugar dos Padrões

É provável que aqui existisse uma sepultura aberta na rocha, que entretanto foi destruída. A população local refere-se a “um penedo com covas para deitar os mortos” que foi recentemente destruído.

* Henrique Regalo, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Fafe”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

43 – S. Gens

Lugar da Cerca

No lugar da Cerca, num afloramento granítico, encontram-se quatro sepulturas abertas na rocha. Três delas são antropomórficas, com cabeceira rectangular, tudo indicando serem obra de um mesmo momento. Uma quarta sepultura foi cortada por uma das sepulturas anteriormente referidas. Trata-se de um sepulcro de dimensões menores, que apresenta a mesma orientação que os restantes moimentos, embora seja seguramente anterior a estes.

* Henrique Regalo, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Fafe”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

44 – Silvares

Lugar do Barreiro

Necrópole de sepulturas abertas na rocha, referida por Martins Sarmiento e entretanto destruída.

* F. Martins Sarmiento, “Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães”, *Dispersos*, Coimbra, 1933, pp. 259-260; Henrique Regalo, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Fafe”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

45 – Travassos

Lugar da Castanheira

Duas sepulturas escavadas na rocha, ovaladas e de pés “rectificados”, com largo rebordo em tímido relevo imediatamente contíguo à cavidade sepulcral

* Henrique Regalo, “Levantamento Arqueológico do Concelho de Fafe”, inédito, Braga, S.R.A.Z.N.

Concelho de GUIMARÃES

46 – Costa

Convento de Sta. Marinha da Costa (Fig. 2)

Durante as escavações realizadas no Convento da Costa entre 1978 e 1983 apareceram várias sepulturas abertas na rocha, a cuja diacronia e tipologias já tivemos oportunidade de nos referir. Trata-se de uma das mais importantes necrópoles de Entre Douro e Minho.

* Agradecemos ao Dr. Manuel Real os elementos facultados sobre os resultados desta intervenção arqueológica.

47 – Moreira de Cónegos

Vela

Segundo divulgou Martins Sarmiento “no lugar onde outrora existiu a Igreja de S. Gião” haveria uma

sepultura aberta na rocha. O mesmo autor precisa que a antiga igreja paroquial de S. Gião, hoje totalmente destruída, ficaria “*um pouco a Norte de Vela*” num local onde hoje se encontra uma eira, e onde se implanta a referida sepultura, que se encontrava já bastante maltratada quando o arqueólogo vimaranense a visitou.

* F. Martins Sarmiento, “Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães”, *Dispensos*, Coimbra, 1933, pp. 217 e 255.

48 – S. Torcato

Igreja Paroquial de S. Torcato (Fig. 5)

Em recentes obras de remodelação da Igreja de S. Torcato, acompanhadas de intervenção arqueológica de emergência, para além de vários vestígios altomedievais da máxima importância, apareceram diversos testemunhos de natureza funerária, entre os quais se contam três sepulturas rupestres. Uma delas apresenta contorno antropomórfico e possui desnível entre a cabeceira e a área destinada ao corpo, sendo portanto um exemplo relativamente tardio. A própria tipologia da sua cabeceira – de contorno trapezoidal – recomenda que se aproxime este exemplar dos finais do século XI. As duas outras sepulturas apresentam uma tipologia não-antropomórfica., sendo provavelmente mais remotas que o primeiro exemplo. Os três sepulcros estão hoje incluídos dentro do espaço da sacristia, mas devem ter sido abertos em momento em que não existia ali qualquer construção, sendo o espaço exterior ao templo. O par de sepulcros não-antropomórficos talvez se possa relacionar com o templo pré-românico enquanto a sepultura de cabeceira trapezoidal se encontra associada aos muros românicos da capela-mor.

49 – Serzedelo

Penedo do Caixão

No Monte dos Pedrados, junto a um antigo castro, encontra-se o penedo do Caixão o qual deve o seu nome a uma sepultura aberta na rocha de que já só sobrevivia cerca de metade quando Martins Sarmiento a visitou.

* F. Martins Sarmiento, “A propósito dos roteiros de tesouros”, *Dispensos*, Coimbra, 1933, p. 315; idem, “Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães”, *Dispensos*, Coimbra, 1933, p. 247.

50 – Tabuadelo

S. Cipriano de Tabuadelo

Segundo Martins Sarmiento entre a povoação de Pinheiro e a Igreja de Tabuadelo existiriam “*uma pia de pedra*” que foi descoberta “*cheia de cinza e carvão*” e uma sepultura aberta na rocha. Nas imediações do “*Campo das Penhas*”, existiriam também “*misteriosas pedras esquadriadas, que em quantidade entram na formação de uma extensa parede, sem que fossem aparelhadas para tal obra, nem que se saiba de onde viessem*”. O autor não refere a tipologia nem do sarcófago, certamente reaproveitado em época posterior com outras funções, nem da sepultura rupestre.

* F. Martins Sarmiento, “Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães”, *Dispensos*, Coimbra, 1933, p. 216.

51 – Travassós (S. Tomé)

Segundo o Abade de Tagilde em S. Martinho, lugar no sopé do monte Alvô, onde a tradição popular localiza uma antiga igreja, ainda se vêem “*restos de sepulturas abertas em pedra*”.

* Abade de Tagilde, *Vimaranis Monumenta Historica*, Guimarães, 1929, p. 333 nota 1

Concelho da PÓVOA DE LANHOSO

52 – Garfe

Monte do Caixão

No alto do monte do Caixão abre-se uma sepultura antropomórfica própria para adulto.

* Informação Armandino B. Cunha.

Concelho de VIEIRA DO MINHO

53 – Ruivães (S. Martinho)

Alto de S. Cristóvão

Segundo Rocha Peixoto, “sobre um câmore sobranceiro à estrada e no qual, segundo a tradição e os vestígios, existiria outrora uma capela, encontram-se duas sepulturas abertas na rocha natural”. Ambas estariam orientadas NE-SO. A primeira tinha 1,74m de comprimento, 0,44m de largura junto dos ombros e 0,20m junto aos pés, enquanto a segunda possuía 1,72m de comprimento, 0,41m de largura nos ombros e 0,34m junto aos pés. Carlos Teixeira, que posteriormente se ocupou das mesmas sepulturas refere-se a três monumentos funerários, mas poucos elementos fornece.

* Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas na rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 370; Carlos Teixeira, “Por Terras de Vieira. II As sepulturas abertas em rocha de Ruivães”, *Prisma*, vol. 4, 1, Porto, 1940, p. 66.

DISTRITO DO PORTO

Concelho de AMARANTE

54 – Carvalho de Rei

Carvalha de Belandro

Segundo A. Peinador Fernandes, junto da Carvalha de Belandro, a cerca de 550m para S 35° W do vértice do Castelo existem sete sepulturas rupestres. O Pe. João Ribeiro, de Ovil, confirmou-nos a existência desta necrópole, que se implanta nas imediações da Chã do Castelo.

* A. Peinador Fernandes, *Carta Geológica 1/25.000 – Amarante. Nota Explicativa da folha nº 113 Amarante*, Lisboa, Junta de Energia Nuclear, 1959; A. Peinador Fernandes e Ludgero Pilar, “Contribuição para o conhecimento geológico da região de Amarante”, Lisboa, 1964 (separata de *Estudos Científicos oferecidos em Homenagem ao Professor Carrington da Costa*, Lisboa, 1964, pp. 543-560); Carlos Teixeira, A. Peinador Fernandes e A. Peres, *Carta Geológica na Escala 1/50.000. Notícia Explicativa da Folha 10 – Peso da Régua*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1967; Mário Jorge Barroca, “Notas sobre a ocupação medieval em Baião”, *Arqueologia*, vol. 10, Porto, 1985, p. 122.

55 – Lomba

Fontelas

No lugar de Fontelas, diz-nos José Fortes, havia “várias sepulturas cortadas na penedia... algumas com forma antropomórfica”.

* José Fortes, “Necrópole Lusitano-Romana da Lomba”, *Portugalia*, 1ª Série, vol. II, Porto, 1907, pp. 252-262.

56 – Louredo

Alto do Louredo

Registou Martins Sarmiento que no centro do pequeno castro que se implanta no Alto do Louredo, e onde supôs ter existido uma pequena capela, haveria várias sepulturas antropomórficas abertas no saibro.

* F. Martins Sarmiento, “Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães”, *Dispersos*, Coimbra 1933, pp. 216-217.

57 – Lufrei (?)

Paredes

Refere A. Peinador Fernandes que no lugar de Paredes, a cerca de 1 km da Madalena (Amarante), e a 950 m para S 60° W da Igreja de Lufrei existem três sepulturas rupestres.

* Bibliografia conforme nº 54.

58 – Salvador do Monte

Picoto

Segundo A. Peinador Fernandes, no Picoto, a cerca de 50 m do estradão que liga a Madalena a Salvador do Monte e ao Marco de Canaveses, e a 600 m para N 40° E do vértice geográfico da Pedra da Légua, existem duas sepulturas rupestres.

* Bibliografia conforme nº 54.

59 – Salvador do Monte

S. Salvador (Fig. 6)

No alto do monte de S. Salvador, popularmente conhecido como Outeiro da Igreja, implanta-se uma pequena necrópole de sepulturas rupestres composta por seis sepulcros visíveis. A coroa do monte, hoje assinalada por um marco geodésico, comportou outrora um pequeno templo de que restam alguns vestígios e de que o microtopónimo, e a designação popular, são testemunho evidente. Aí se deve ter implantado o primeiro templo paroquial da freguesia de Salvador do Monte. O próprio topónimo da paróquia revela a sua implantação de altitude. Em fins da Idade Média templo foi transferido para o sopé do monte, para junto do casario. Em redor do templo medieval, no alto de S. Salvador, polarizou-se uma necrópole rupestre de que sobrevivem visíveis seis sepulcros, estando quatro deles organizados em dois pares, obedecendo ao que Castillo designou por “núcleos familiares”. Todas as sepulturas destinavam-se a adultos, ostentando diferentes tipos de antropomorfismo, desde cabeceiras de arco peraltado a cabeceiras de contorno anguloso quase rectangular, outra mais trapezoidal e por fim arco ultrapassado. Todas apresentam desnível entre a zona de cabeceira e a destinada ao corpo. Pelo tipo de orientação que apresentam pode-se deduzir que os sepulcros foram alinhados pelo nascer do sol.

* Mário Jorge Barroca, “As Sepulturas rupestres de Salvador do Monte (Amarante)”, *Entre-Muros*, nº 1, Amarante, 1990, pp. 31-36.

60 – Vila Chão do Marão

Adro da Igreja paroquial

Segundo comunicação de Ana Leite da Cunha na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, no adro da Igreja de Vila Chão do Marão existiriam sepulturas abertas na rocha. Não foi divulgado o número total nem a sua tipologia.

* Comunicação de Ana Leite da Cunha à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Concelho de BAIÃO

61 – Frende

Alto do Castelo (Fig. 7 e 8)

Em Frende, no Alto do Castelo, nas imediações da capela de S. João, onde ocorreram importantes vestígios tardo-romanos e paleocristãos, e onde foi escavada parte de uma necrópole altimedieval, encontram-se abertas, nos afloramentos rochosos, cinco sepulturas. Todas elas são não-antropomórficas, adoptando quatro um contorno ovalado e uma um contorno sub-rectangular com os laterais maiores arqueados. Uma das sepulturas ovaladas seria destinada a criança, a julgar pelo seu tamanho. A orientação de quatro delas é NE-SW, mas uma sepultura ovalada apresenta uma orientação ortogonal a estas, apontando NW-SE.

* Carlos Alberto F. de Almeida, “Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal”, Porto, 1973, p. 20 e Est. I, nº 2 (Separata de *Revista da Faculdade de Letras*, Série de História, vol. III, Porto, 1973); idem, “Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião)”, *Archaeologica Opuscula*, Porto, 1975, p. 38 e Fig. 1, p. 34; Mário Jorge Barroca, “Notas sobre a ocupação medieval em Baião”, *Arqueologia*, 10, Porto, 1985, p. 121.

62 – Valadares

Igreja paroquial de Valadares

Segundo informação do Pe. João Ribeiro, de Ovil, na Igreja de Valadares, um dos mais recônditos templos do concelho de Baião, existiria uma sepultura escavada na rocha. Em visita ao local pudemos constatar que hoje nada sobrevive, pelo menos visível. O seu adro encontra-se empedrado e nas imediações não conseguimos encontrar qualquer estrutura rupestre. A Igreja de Valadares ostenta vestígios medievais na sua fachada e no topo da capela-mor, e possui, no seu interior, frescos medievais do séc. XIV-XV.

* Mário Jorge Barroca, “Notas sobre a ocupação medieval em Baião”, *Arqueologia*, 10, Porto, 1985, p. -122.

Concelho de LOUSADA

63 – Vilar do Torno e Alentém

Monte da Sr^a da Aparecida

Segundo Joel Cleto, nas imediações da S^a da Aparecida, onde se efectua uma das mais concorridas romarias do Entre Douro e Minho, existiria uma sepultura aberta na rocha.

* Informação de Joel Cleto

Concelho de MARCO DE CANAVESSES

64 – Alpendurada e Matos

Nas imediações do Mosteiro de Alpendurada, José Augusto Vieira refere a existência, no caminho entre o mosteiro de Alpendurada e a Capela de S. Tiago, de “*uma sepultura que parece de algum cavalleiro templario, se não é porventura de epocha mais affastada. No lugar da cabeça nota-se uma espécie de cruz de malta...*” Cremos que o autor se refere à mesma sepultura que Martins Sarmiento aborda na correspondência que trocou com José Leite de Vasconcelos. Esta sepultura era aberta na rocha e, segundo se depreende da epístola de Sarmiento, possuía uma estela rectangular na cabeceira ostentando uma “Cruz de Malta”. As informações, no entanto, não eram muito explícitas pois Sarmiento interrogava-se sobre a maneira como a estela se encontrava relacionada com o sepulcro. Este parece-nos ser rectangular, não-antropomórfico. Trata-se de um dos mais curiosos exemplos de Entre Douro e Minho, e seria bem importante confirmar-se a associação de uma sepultura rupestre com uma estela rectangular. De qualquer forma resta sempre a hipótese de a sepultura ter recebido a pedra de cabeceira em época posterior. Não sabemos se o sepulcro ainda existe.

* José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 504; José Leite de Vasconcelos, “Correspondência de F. Martins Sarmiento”, *O Archeólogo Português*, 1^a Série, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 191-192, carta n^o 1.

65 – Folhada (?)

Lugar do Loureiro

Segundo A. Peinador Fernandes, no lugar de Loureiro, na margem esquerda do Ovelha, a cerca de 1,1 km para S 62^o E do vértice da Pedra da Légua existirão cinco sepulturas abertas na rocha.

* Bibliografia conforme n^o 54.

66 – Folhada

Lugar da Igreja Velha

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 regista-se que “*em o sytio chamado Casal do Padre, que fica perto desta Igreja [de Folhada] e por sima do lugar do Barral(...) forão descobertas muitas covas abertas em o saubro e outras em fragas ao parecer sepulturas de gente...*”. Acrescenta a mesma fonte que no lugar existiria uma “cidade dos mouros”. Manuel de Vasconcelos reportou-se a existência de seis sepulturas rupestres no lugar de Igreja Velha, perto do castro da Moura, acrescentando que também existiriam sepulcros idênticos no adro da Igreja paroquial de S. João de Folhada. Vieira de Aguiar também registou que “*na tapada da Igreja Velha nota-se uma interessante necrópole, em que ainda hoje se contam seis campas, abertas na rocha. Restos de cerâmica são abundantíssimos. Não só pelo nome mas também por que ali perto se encontra uma Fonte e Corte do Abade, é inegável que, conforme asseverava a tradição, aqui teve a sua sede a primitiva Igreja de Folhada*”.

* Pedro A. de Azevedo, “Extractos Archeológicos das “Memórias Paroquiais” de 1758”, extracto n^o 225, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 489; Manuel de Vasconcelos, “Apontamentos Archeológicos do Concelho de Marco de Canaveses”, *O Archeólogo Português* 1^a Série, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327; P. M. Vieira de Aguiar, *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica de Marco de Canaveses*, Porto, 1947, p. 199.

67 – Freixo (St.^a Maria)

Outeiro das Castanhas (Fig. 9)

No Outeiro das Castanhas, uma das zonas de cota mais elevada de Sta. Maria do Freixo, no coração

da aldeia, encontra-se aberta num afloramento uma sepultura antropomórfica que aproveita a diaclase para se implantar. A sua orientação foi determinada pela falha rochosa. Tem 1,95m de comprimento, e 0,45m de largura junto dos ombros, com 0,23m na zona dos pés. Encontra-se referida desde 1758.

* Pedro A. de Azevedo, “Extractos Archeologicos das “Memórias Paroquiais” de 1758”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. IV, Lisboa, 1898, pp. 316-317; José Leite de Vasconcelos, “Correspondência de F. Martins Sarmiento”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 175, carta nº 3; José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 496; Manuel de Vasconcelos, “Apontamentos Arqueológicos do concelho de Marco de Canaveses”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. XIX, Lisboa, 1914, pp. 19-20; idem, ibidem, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 326; P. M. Vieira de Aguiar, *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica de Marco de Canaveses*, Porto, 1947, p. 213.

68 – Freixo (Sta. Maria)

Penedo da Rabêla de Cima

Segundo refere Manuel de Vasconcelos, no Penedo da Rabêla de Cima, em plena aldeia de St^a Maria do Freixo, existiria uma sepultura rupestre antropomórfica, cuja cabeceira se encontrava orientada para Poente, obedecendo, portanto, as normas da Igreja. Media 2m de comprimento, e 0,46m de largura junto aos ombros. O seu estado de conservação já não era muito bom, pois o autor refere também que se encontrava “bastante apagada”.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XIX, Lisboa, 1914, p. 18; idem, ibidem, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 326.

69 – Freixo (Sta. Maria)

Propriedade da Venda (Fig. 10)

Junto à Igreja paroquial de St.^a Maria do Freixo, em cujo adro se vem vestígios de sepulturas populares da Baixa Idade Média, encontram-se sepulturas abertas na rocha. O terreno pertence ao “Quintal da Venda”, propriedade particular, e, segundo Manuel de Vasconcelos, existiriam cinco sepulturas rupestres no interior da corte de gado. Em visita ao local foi-nos confirmada a informação, mas as sepulturas não eram, nessa altura, visíveis. No exterior, aproveitando os afloramentos rochosos da zona (onde se observam talhes artificiais na pedra) encontram-se duas sepulturas também já referidas por Manuel de Vasconcelos. Trata-se de uma sepultura antropomórfica acabada, ao lado da qual queda uma outra, incompleta, também antropomórfica, mas onde apenas se desceu cerca de 10-15 cm. No mesmo artigo, Manuel de Vasconcelos indica que “no adro quando procediam aos enterramentos encontraram quatro caixões de pedra de forma do corpo humano”, que cremos serem sarcófagos. No entanto não são visíveis no local. As sepulturas rupestres da corte de gado seriam destinadas para adultos – 3 – e para crianças – 1 –, encontrando-se uma cortada pelos muros da construção.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XIX, Lisboa, 1914, pp. 23-25; idem, ibidem, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 326.

70 – Sto. Isidoro

Entre Portela e Livração

Segundo refere Manuel de Vasconcelos, uma sepultura rupestre que se implantava entre a Portela e Livração foi destruída poucos anos antes de o autor divulgar o seu trabalho.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

71 – Soalhães

Lugar do Poço

Reportou-se Manuel de Vasconcelos a existência de duas sepulturas junto do lugar do Poço, um pouco acima deste, acrescentando que no mesmo local haveriam mais enterradas, tendo outra sido destruída poucos anos antes.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

72 – Soalhães

Mirás

Segundo Manuel de Vasconcelos existiriam duas sepulturas rupestres. Vieira de Aguiar precisa que são sepulcros antropomórficos, e a elas já se reportara José Augusto Vieira.

* José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 492; Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327; P. M. Vieira de Aguiar, *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica do Marco de Canaveses*, Porto, 1947, pp. 294-295.

73 – Soalhães

Lavra

Segundo referência de Manuel de Vasconcelos, nos penedos de S. Francisco, na Lavra, encontrar-se-iam sepulturas abertas na rocha.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

74 – Soalhães

Monte de Pinhões

Referida por Manuel de Vasconcelos a existência de sepulturas rupestres no Monte de Pinhões e nas suas imediações.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

75 – Soalhães

(?)

Na estrada de Soalhães para Campelo (Baião) existiriam sepulturas rupestres.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

76 – Soalhães

Adro da Igreja Paroquial

Regista Manuel de Vasconcelos que “*asseverou-me há muitos anos pessoa idosa que no adro da Igreja de Soalhães havia uma porção destas sepulturas cavadas em um morro de granito que o último abade mandou desfazer para alargar e aformosear o adro*”.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

77 – Soalhães

Monte das Coriscadas

Segundo Manuel de Vasconcelos, no Monte das Coriscadas, onde num abrigo sobre rocha ocorreu abundante espólio pré-histórico, haveria uma sepultura escavada na rocha.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

78 – Sobretamega

Monte das Campas

No alto do Monte das Campas, perto das Caldas de Canaveses, encontram-se duas sepulturas abertas na rocha, antropomórficas.

* José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 482; Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327; P. M. Vieira de Aguiar, *Descrição Histórica, Corográfica e Folclórica de Marco de Canaveses*; Porto, 1947, pp. 306-307.

79 – Taboado

S. Mamede

No lugar de S. Mamede existe uma sepultura rupestre.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

80 – Taboado

Outeiro

Em Outeiro, perto de St^a Maria, existe uma sepultura escavada na rocha.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

81 – Taboado

Poça de Marradouros

Duas sepulturas rupestres junto da “Poça de Marradouros”.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

82 – Taboado

Torre de Nevões

Segundo Manuel de Vasconcelos “*consta que há mais algumas [sepulturas rupestres] soterradas perto da Torre de Nevões, no sítio chamado As Campas*”.

* Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 327.

83 – Tuías

Igreja Paroquial

A curta distância da Igreja paroquial de Tuías, a Noroeste, encontram-se duas sepulturas abertas na rocha.

* José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 498; Manuel de Vasconcelos, op. cit., vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 326.

84 – Várzea do Douro

Quinta do Passal

No “Machorro das Cavadas”, local que possui um topónimo bem elucidativo, encontra-se aberta no afloramento granítico uma sepultura sub-rectangular com um antropomorfismo muito incipiente, conseguido pela manutenção de um plano ligeiramente mais estreito para os laterais na zona da cabeceira. Posteriormente foi afectada por duas mutilações: uma que lhe abriu na metade inferior do lateral esquerdo um “banco”, outra que destruiu a zona inferior, destinado aos pés, bem como o início do lateral direito. Não apresenta qualquer rebordo ou encaixe para tampa.

* Fernando Lanhas e D. Domingos de Pinho Brandão, “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico – Parcela 135-2, *Revista de Etnografia*, vol. VIII, tomo 1, Porto, 1967, pp. 46-47.

Concelho de MATOSINHOS

85 – Perafita

Pampelido Velho e Montedouro (Fig. 11)

A Norte de Montedouro, antes de se chegar a Pampelido Velho, encontra-se um interessante núcleo de sepulturas rupestres, um dos mais litorais de todo o Entre Douro e Minho. Foram abertas em dois cabeços rochosos, perto um do outro, e comportam actualmente um total de cinco sepulturas. No alto do primeiro cabeço, no afloramento granítico que o coroa, abre-se uma sepultura isolada, não-antropomórfica, com contorno ovalado e um largo rebordo alteado. A zona envolvente denota trabalho humano na regularização da superfície. Posteriormente recebeu um canal de escoamento de águas, junto da zona de cabeceira. É Imóvel Classificado. No morro fronteiro a este implanta-se outro núcleo, com quatro sepulturas rupestres, todas igualmente não-antropomórficas. Uma delas encontra-se ainda em bom estado de conservação. Trata-se de uma sepultura sub-rectangular, com os lados menores não esquadriados, e que evidencia um ligeiro rebordo, patente sobretudo na zona dos pés. Outras duas sepulturas abrem-se um pouco para interior, e porque actualmente se encontram no itinerário de um caminho-de-pé-posto foram muito mutiladas. Procedeu-se ao desbaste dos seus laterais e se para uma delas ainda é patente o contorno total, para outra apenas se observa cerca de metade do sepulcro. Segundo informações obtidas no local uma quinta sepultura, em bom estado de conservação, jaz sob uma lixeira nas imediações das anteriores. Estes monumentos já foram referidos por alguns autores. Rocha Peixoto reportou-se à primeira sepultura, acrescentando que “*deveria ter desaparecido dentro de alguns dias pois andavam ao tempo [1890] a extrair pedra do lugar, já muito perto da sepultura aludida*”. Efectivamente nos afloramentos rochosos envolventes são bem visíveis os testemunhos do trabalho de extracção de pedra, mas a acção dessa pedreira, felizmente, não atingiu a sepultura. Joaquim Neves dos Santos refere-se a esta sepultura indicando as suas dimensões (1,80m de comprimento e 0,50 m de largura) e orientação (orientada para Norte), bem como a

uma outra que, voltada para Sueste, apresentaria dimensões mais modestas (1,60 m de comprimento e 0,50 m de largura). Trata-se da sepultura mutilada mas com contorno completo, a que nos referimos. Acrescenta que fazia parte de um conjunto de seis sepulturas já destruídas. Guilherme Felgueiras apenas faz eco das informações de Neves dos Santos, nada acrescentando ao estudo desta necrópole. Cremos ter sido a estas sepulturas que se referiu Martins Sarmento.

* F. Martins Sarmento, “Antiqua”, *Revista de Guimarães*, vol. LXXX, Guimarães, 1970, p. 43; Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas na rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 372; Joaquim Neves dos Santos, *Guifões. Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas*, vol. I, Matosinhos, 1955, p. 158; Guilherme Felgueiras, *Monografia de Matosinhos*, Matosinhos, 1958, pp. 12-13.

86 – Perafita
Monte de Gaia

Segundo informações populares recolhidas em Pampelido Velho, no Monte de Gaia, em Perafita, existem sepulturas abertas na rocha. Desconhecemos o número total de sepulcros e suas tipologias.

87 – Sta. Cruz do Bispo
Souto da Portela

Refere Rocha Peixoto a existência no Souto da Portela de uma sepultura aberta no granito com 1,80 m de comprimento e apenas 0,10 m de profundidade. Não sabemos se se trata de uma sepultura incompleta ou se, como aconteceu com as de Perafita, foram mutiladas em época recente. Este sepulcro seria sub-retangular, com ligeiro alargamento na zona dos ombros e estaria orientado para Nascente. Não longe quedava metade de outra sepultura de tipologia idêntica, orientada NE-SO. Rocha Peixoto não só considera a possibilidade de, neste local, terem existido mais sepulturas, como também se reporta à existência de sepulturas rupestres, algumas antropomórficas, na freguesia de Sta. Cruz do Bispo, sem que precise os locais. Joaquim Neves dos Santos, em 1955, apenas conseguiu visitar uma das sepulturas referidas.

* Rocha Peixoto, “Sepulturas abertas em rocha”, *Obras*, vol. I, Póvoa do Varzim, 1967, p. 371; Joaquim Neves dos Santos, *Guifões. Notas Arqueológicas, Históricas e Etnográficas*, vol. I, Matosinhos, 1955, p. 159; Guilherme Felgueiras, *Monografia de Matosinhos*, Matosinhos, 1958, p. 12.

Concelho de PAÇOS DE FERREIRA

88 – Carvalhosa
Aldozinde

Segundo informações de M. Vieira Dinis, em Aldozinde existiriam “nichos sepulcrais”. Não temos a certeza de serem sepulturas abertas na rocha.

* Informação de M. Vieira Dinis ao Dr. Manuel Real, a quem agradecemos.

89 – Ferreira (S. Pedro)
Próximo da Igreja

Segundo informação de M. Vieira Dinis, nas imediações da “Igreja de S. Pedro Fins de Ferreira” existiriam sepulturas escavadas na rocha. Ignoramos o número total de sepulcros e suas tipologias.

* Informação de M. Vieira Dinis ao Dr. Manuel Real, a quem agradecemos.

Concelho de PENAFIEL

90 – Cabeça Santa
Adro da Igreja paroquial (Fig. 12)

Num rochedo que aflora em pleno adro da Igreja de Cabeça Santa (outrora conhecida por S. Salvador da Gandra) encontram-se três sepulturas abertas na rocha. Trata-se de um núcleo pequeno mas bem interessante. Uma das sepulturas, individual, apresenta cabeceira trapezoidal e termina, junto aos pés, de forma arredondada. Destinava-se a um adulto. As outras duas sepulturas são geminadas. Uma apresenta-se muito mutilada na sua metade superior, não se vislumbrando a tipologia da cabeceira, mas a outra possui cabeceira com arco em ferradura, ou ultrapassado. A zona dos laterais que se estendia entre os ombros e os pés nunca chegou a ser talhada na sua totalidade, embora se vislumbrem os arranques nas duas

extremidades, bem rematados. Assim, as duas sepulturas comunicam entre si ao longo de quase toda a extensão do lateral. Apenas junto aos pés se preservou um pequeno testemunho do arranque da divisória, que não se prolonga por mais de uns 30 cm. As três sepulturas estão orientadas Poente-Nascente, embora com um pequeno desvio axial, por certo devido à altura do ano em que foram talhadas. Todas possuem rebordo para encaixe da tampa, facilitando a adaptação da cobertura ao afloramento rochoso. No entanto esse rebordo, geometricamente definido, não se apresenta contínuo. Monteiro de Aguiar referiu-se ainda à existência de uma sepultura rupestre no lugar de Bocal, de que só sobreviveria metade, e outra isolada no lugar de Barreiros, num “monte adjacente”. Para estas não conseguimos confirmação.

* José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa, 1887, p. 554; Abílio Miranda, “Sepulturas medievais”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937, p. 6; J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 146; idem, *Penafiel Antiga – Subsídios para a monografia do concelho*, Penafiel, 1945; Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *Igreja de Cabeça Santa*, “Boletim da D.G.E.M.N.”, nº 64, Lisboa, 1951, fig. 1.

91 – Cabeça Santa

Lugar de Bocal

Monteiro de Aguiar refere-se à existência de uma sepultura aberta na rocha no lugar de Bocal, Cabeça Santa, nas imediações de “uma igreja”. O moimento estaria orientado Nascente-Poente. Não conseguimos localizar a sepultura e o local.

* J. Monteiro de Aguiar, op. cit., 1943, p. 146.

92 – Duas Igrejas

Adro da Igreja paroquial

Abílio Miranda refere-se ao aparecimento de uma sepultura rupestre antropomórfica no adro da Igreja paroquial de Duas Igrejas. Na mesma altura teriam aparecido sepulturas populares feitas com elementos pétreos, num total de seis, uma das quais deu espólio.

* Abílio Miranda, “Sepulturas abertas na rocha”, *Douro-Litoral*, 1ª. Série, vol. III, Porto, 1941, pp. 27-29; idem, “Cales”, *Terras de Penafiel*, vol. III, Penafiel, 1943; idem, “A Freguesia de Milhundos”; *O Penafidelense*, Penafiel, 4 de Setembro de 1956.

93 – Eja

Ameixedo

Uma sepultura antropomórfica aberta na rocha, com rebordo largo e bastante perfeito. Aos pés vê-se uma abertura que pode ter estado desde cedo associada ao sepulcro mas que também pode ser o testemunho da sua adaptação posterior a outras funções (lagareta?). Referido por Abílio Miranda e J. Monteiro de Aguiar, foi, durante alguns anos dada como destruída. Recentemente foi reencontrada por António Joaquim Leal.

* Abílio Miranda, “A Freguesia de Sta. Maria do Banho”, Penafiel, 1952; J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 146.

94 – Eja

St.ª Maria de Eja

Junto da igreja de Sta. Maria de Ela, “numa rocha em frente e ao nível do leito do caminho ainda se viam os vestígios de uma sepultura antropomorfa, mas a nova estrada destruiu-os em 1941”.

*J. Monteiro de Aguiar, *Penafiel Antiga – Subsídios para uma Monografia do concelho*, Penafiel, 1945, p. 90.

95 – Milhundos

Capela da Srª da Ajuda (Fig. 13)

Junto a uma eira, nas imediações da capela da Srª da Ajuda (Chãos de Cima), encontra-se uma sepultura antropomórfica aberta num afloramento rochoso. Apresenta um ligeiro alteamento entre a zona destinada ao corpo e a cabeceira. Posteriormente foi alvo de alguns maus-tratos, bem patentes no seu

lateral direito e na fragmentação da zona dos pés, que se apresenta truncada no lado esquerdo. A sua orientação foi ditada pela própria morfologia do afloramento.

* Abílio Miranda, “Sepulturas Medievais”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937, p. 6; idem, “A Freguesia de Milhundos”, *O Penafidense*, Penafiel, 4 de Setembro de 1956.

96 – Paredes

Lugar de Barreiros

Monteiro de Aguiar reportou-se a uma sepultura aberta na rocha nas imediações de uma igreja, no lugar de Barreiros, freguesia de Paredes, a meio caminho entre a sede da freguesia e as vizinhas Termas de S. Vicente.

* J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 146.

97 – Paredes

Lugar das Lajes

Segundo J. Monteiro de Aguiar, no lugar das Lajes, existiriam três sepulturas abertas na rocha. Não as conseguimos localizar.

* J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 146.

98 – Penafiel

Capela de St.^a Luzia (Fig. 14)

Em torno da capela de St.^a Luzia, um templo atribuível à Baixa Idade Média, onde, segundo Abílio Miranda, estaria sediada a extinta paróquia de S. Martinho de Moazâres, encontra-se implantada uma necrópole composta por cinco sepulturas. Duas delas estão completas, e as restantes três encontram-se truncadas pelos muros do templo. Todas estão orientadas Nascente-Poente. Trata-se de sepulturas não-antropomórficas, uma sub-rectangular e quatro ovaladas. No local existiriam outras que foram encobertas pela cimentação do pátio da casa que se desenvolve nas traseiras do templo. Este resulta do aproveitamento da capela-mor da igreja românica, tendo-se elevado um alpendre na zona outrora ocupada pela nave.

* Abílio Miranda, “Sepulturas Medievais”, *Terras de Penafiel* vol. I, Penafiel, 1937, p. 6; idem, “A Freguesia de S. Martinho de Moazâres”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937;

99 – Peroselo

Capela de St.^a Catarina (Figs. 15 e 16)

Nos afloramentos rochosos vizinhos da capela de St.^a Catarina encontram-se abertas quatro sepulturas, duas das quais já truncadas em quase metade da sua superfície. Uma das sepulturas apresenta cabeceira subquadrangular, outra é não-antropomórfica, com contorno sub-rectangular e cantos arredondados. Ambas se encontram partidas na zona inferior. As duas sepulturas completas obedecem a tipologias de cabeceiras diferentes: uma possui arco levemente ultrapassado, e tem um desvio axial, outra era sub-rectangular não-antropomórfica mas em época posterior (?) começou-se a descer uma cabeceira em arco ultrapassado. No entanto, os trabalhos não foram dados por completos, e apenas se desceram cerca de 10 cm. Não sabemos se efectivamente se trata de uma adaptação para nova tipologia, ou se ela testemunha uma sepultura inacabada. A ser assim os pedreiros deviam descer primeiro a cavidade destinada ao corpo e só depois a zona da cabeceira. Em Sta. Maria do Freixo e em Carrazedo do Alvão encontramos testemunhos que nos indicam que a sepultura começava a ser escavada na sua totalidade, e não por fases, pelo que nos inclinamos mais para aceitar que aqui se procurou adaptar um sepulcro anterior a uma nova tipologia. Registemos que as quatro sepulturas da Capela de St.^a Catarina obedecem a tipologias diferentes. Estão orientadas NW-SE.

* Abílio Miranda, “Sepulturas Medievais”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937, p. 6; Idem, “Anel de Casados”, Porto, 1942, (Separata de *Douro-Litoral*, 1.^a Série, vol. V, Porto, 1942), p. 5; J. Monteiro de Aguiar, *Penafiel Antiga – Subsídios para a monografia do concelho*, Penafiel, 1945; Fernando Lanhas e D. Domingos de Pinho Brandão, “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico – Parcela 124-6”, *Revista de Etnografia*, vol. IV, tomo 2, Porto, 1965, pp. 300-301.

100 – Pinheiro (S. Vicente)

Igreja paroquial

No decorrer do ano de 1942, quando se procedeu à demolição da residência paroquial, a fim de se construir um edifício novo, foram postas a descoberto algumas sepulturas às quais se reportaram Abílio Miranda e Monteiro de Aguiar. As notícias veiculadas pelos dois autores não são, no entanto, concordantes. Abílio Miranda refere-nos que aquando da demolição apareceram “*umas sepulturas abertas na rocha, antropomórficas, tendo ainda nas respectivas cavidades ossaduras que lhes podiam corresponder*”. Somavam, no total, três exemplares, que teriam sido destruídos, e encontravam-se organizadas paralelamente, apresentando um “*delicado rebordo onde embutia uma tampa de lousa*”. No ano seguinte, Monteiro de Aguiar, ao abordar a mesma necrópole, diz-nos que já antes dos trabalhos de renovação da Residência Paroquial, e no interior da propriedade desta, tinha aparecido uma sepultura antropomórfica aberta na rocha, destinada a adulto. Durante as obras de 1942 “*apareceram mais sepulturas, a saber: uma em forma de pia, aberta no salão duro do pavimento do celeiro, e duas feitas de pedras soltas, por baixo da lareira*” acrescentando que uma delas ainda conservava ossos. Só em Fevereiro de 1943 teriam aparecido outras sepulturas: “*escavadas em rocha viva saliente do solo cerca de 50c, mais três sepulturas antropomorfas, de adulto, paralelas umas às outras, e uma quarta apenas esboçada e mais duas antropomorfas a 50c de profundidade, abertas também na rocha*”. O número total de sepulcros rupestres de S. Vicente do Pinheiro permanece incerto. Recentemente a Dra. Teresa Soeiro recolheu, entre a população local, a informação de que quando se procedia à ampliação do adro da Igreja (ou a obras na Residência Paroquial?) teriam aparecido sepulturas “antigas” ainda intactas, abertas na rocha e de contorno antropomórfico, tapadas com lousas e com o esqueleto *in situ*. Numa delas teria aparecido um “prato”.

*Abílio Miranda, “Uma notável descoberta arqueológica”, *Terras de Penafiel* vol. II, Penafiel, s/D; J. Monteiro de Aguiar, *A Terra de Penafiel*, Penafiel, 1943, p. 145; informação oral recolhida pela Dra. Teresa Soeiro e amavelmente cedida.

101 – Sta. Marta

Portela de Sta. Marta ou Portela do Forno dos Mouros (Figs. 17 a 20)

A necrópole de Santa Marta, que se implanta não muito longe do célebre dólmen de Sta. Marta ou, popularmente, “Forno dos Mouros”, foi uma das primeiras necrópoles rupestres a ser noticiada em Portugal. Simão Rodrigues Ferreira divulgou-a em 1864, referindo-se então a existência de duas sepulturas, acrescentando que “*são cavadas na rocha, tem um circullo onde se collocava a cabeça do cadáver, alargando igualmente de ambos os lados para os hombros e estreitando para os pés*”. Leite de Vasconcelos reproduziu o apontamento de Rodrigues Ferreira, acrescentando que embora o autor as supusesse romanas, ele as considerava como coisa ainda para averiguar. Abílio Miranda também conheceu estes exemplares, dizendo que das sepulturas que existiam junto do dólmen só sobrevivia, na altura (1937), uma e que as restantes tinham sido destruídas. O mesmo autor reporta-se ainda à tradição popular que coloca naquela portela uma igreja desaparecida. Actualmente podem-se observar três sepulturas em estado de conservação regular, e uma quarta muito mutilada. A sepultura em melhor estado de conservação foi aberta no afloramento granítico perto de um muro que durante alguns anos chegou a encobri-la parcialmente. Hoje encontra-se desviado, deixando o sepulcro a céu aberto. Trata-se de um sepulcro antropomórfico, com cabeceira de arco perfeito levemente aberto, e não apresenta qualquer desnível entre a cabeceira e o corpo. Os seus ombros são arredondados, tal como os pés. Apresenta um rebordo sobretudo visível na zona da cabeceira. Dentro da tapada delimitada pelo muro atrás referido encontra-se um par de sepulturas rupestres. Uma delas é ovalada, e possui rebordo a acompanhar, pelo largo, o lateral direito. A outra, paralela mas um pouco avançada em relação à anterior, possui um antropomorfismo incipiente, apenas com o ombro esquerdo assinalado. A implantação destes dois sepulcros não pode deixar de recordar a teoria de Castillo sobre os “núcleos familiares”. Em frente ao primeiro sepulcro, e não muito distante dele, encontra-se o que resta da quarta sepultura de St^a Marta. Apenas sobrevive a zona da cabeceira, com o arranque do lateral direito. Tratava-se de uma sepultura não-antropomórfica, possivelmente sub-rectangular, mas todo o resto do sepulcro foi destruído. Todas as três sepulturas completas de St.^a Marta encontram-se orientadas NW-SE.

* Simão Rodrigues Ferreira, “Apontamentos para a história topographica de Penafiel”, *O Século XIX*, Penafiel, 1864 (notícia reproduzida por José Leite de Vasconcelos, “Noticias arqueológicas de Penafiel”, *O Archeólogo Português*, 1ª Série, vol. I, Lisboa, 1895, p. 16) (Simão Rodrigues Ferreira, “Apontamentos para a História Topográfica de Penafiel (1)”, *Penafiel – Boletim Municipal de Cultura*, III Série, nº 6/7, Penafiel 1991-92, p. 224); Abílio Miranda, “Sepulturas Medievais”, *Terras de Penafiel*, vol. I, Penafiel, 1937, p.7.

Concelho do PORTO

102 – Sé

Sé do Porto (Fig. 4)

Ao longo da década de 30 do século XX foram noticiadas várias sepulturas abertas na rocha no Morro de Pena Ventosa, sobranceiras ao portal principal da Sé Portucalense. Em 1933, quando a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais procedia aos trabalhos de restauro da Sé, apareceram três sepulturas rupestres quando se desmontou a escada de acesso ao portal. Eram sepulturas ovaladas, não antropomórficas, e duas delas pareciam ter rebordo, pelo menos a julgar pela planta esquemática que Artur de Magalhães Basto publicou. Estavam orientadas W-E. Em 1939-1940, quando o município portuense procedeu ao arranjo urbanístico do Terreiro da Sé, demolindo uma zona habitacional com numerosos testemunhos medievais, foram encontradas mais sepulturas, desta vez antropomórficas. António Cruz deu-nos um pequeno estudo sobre o achado, onde regista que estas sepulturas se implantavam “a curta distância de outras que há anos foram postas a descoberto, quando das obras de restauro realizadas na Sé”. O achado deu-se quando se abriu uma vala para introduzir canalizações. Foi encontrado um número desconhecido de sepulcros, pelo menos três. Estes apresentam uma solução antropomórfica e, pelo que nos é dado a observar nas fotografias publicadas, uma sepultura tinha cabeceira com arco peraltado, enquanto outra parecia ostentar cabeceira de tipo quadrangular ou trapezoidal. Segundo A. Cruz, “quando a irregularidade da rocha não permitia a abertura da sepultura completa, então esta era acabada com lajes postas a pique, dum dos lados, ou com a cabeceira aberta em pedra volante”. Segundo o mesmo autor “todas as lajes laterais que apareceram e que foram recolhidas são restos de lápidas lavradas, do tipo das estelas ou cabeceiras de sepultura”. Em todas as sepulturas ainda se encontravam os esqueletos das últimas tumulações e apareceram moedas no interior de algumas delas, atribuídas por A. Cruz aos reinados de D. Dinis e D. Afonso V. Lamentavelmente não foi divulgada qualquer planta com a correcta implantação dos sepulcros, nem tão-pouco se registou a sua tipologia. A reportagem fotográfica divulgada não é suficientemente elucidativa. Registemos que o cemitério da Sé do Porto parece ter duas fases distintas: uma com sepulturas ovaladas, encontradas em 1933, outra com sepulturas de tipo antropomórfico, descoberta em 1939-1940. Esta segunda fase parece ter tido uma utilização bastante lata, já que não só as moedas apontam para uma sobrevivência destes sepulcros até ao século XV, como também a reutilização de pedras trabalhadas – estelas – o corrobora. O aparecimento de “cabeceiras abertas em pedra volante” lembra o exemplo beirão de Sta. Eulália de Repezes, igualmente tardio, divulgado por José Coelho. Aqui talhou-se, em pedra autónoma, a zona da cabeceira com arco ultrapassado (cf. José Coelho, *Notas Arqueológicas – Subsídios para o estudo etnológico a Beira*, vol. I, Viseu, Ed. do Autor, 1949, p. 35-42).

* Artur de Magalhães Basto, *Sumário de Antiguidades...*, Porto, ² 1963, pp. 103-133; António Cruz, “A cronologia das sepulturas cavadas na rocha”, *Actas do Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, 1940, pp. 589-592; Mário Jorge Barroca, “As Escavações de Mendes Correia na cidade (1932) e as origens da cidade do Porto”, *Arqueologia*, 10, Porto, 1984, p. 29, nota 26.

Concelho de SANTO TIRSO

103 – Burgães

Campa dos Mouros

Segundo Martins Sarmento trata-se de um “caixão em penedo”, onde teriam aparecido moedas. Pela correspondência trocada entre este arqueólogo e o Pe. Joaquim Pedrosa ficamos a saber que se tratava de moedas provavelmente romanas, mas a informação carece de confirmação, hoje impossível de se obter.

* F. Martins Sarmento, “A propósito dos roteiros de tesouros”, *Dispersos*, Coimbra 1933, p. 315 e nota em p. 317; Augusto César Pires de Lima, “A Correspondência Martins Sarmento – Pe. Joaquim Pedrosa”, Guimarães, 1940, p. 28 (separata de *Revista de Guimarães*, vol. L, Guimarães, 1940).

Concelho de VALONGO

104 – Campo

Monte das Freiras

No alto do Monte das Freiras existia uma sepultura aberta no xisto, de contorno sub-rectangular, conhecida popularmente por “O Altar”. Foi destruída com dinamite não há muitos anos. No local há vestígios de construções, um “mosteiro”, e há cerca de 40 anos apareceu um Real de 10 Soldos de D. João I que foi vendido para a Casa Molder, de Lisboa.

Concelho de VILA NOVA DE GAIA

105 – Crestuma

Outeiro

Segundo Arlindo de Sousa, “*na base do Outeiro apareceram (...) sepulturas cavadas na rocha*”. Aquele autor precisa que “*de 1943 até agora, soubemos que no Monte do Outeiro, nas proximidades do lugar da Vessada, quando se procedia à tiragem de pedra para um muro da estrada Crestuma-Porto, apareceram diversas sepulturas, cavadas nas fragas, de vários tamanhos, isoladas ou em grupos, principalmente, de duas, havendo, dentro delas, fragmentos de cal, de tijolos e de telhas, estando algumas, cobertas com terra, e outras, com pedaços de lousa*”. Ao que parece, desta necrópole, que devia ser relativamente extensa, não resta qualquer vestígio.

* Arlindo de Sousa, *Estudos de Arqueologia, Etnografia e História. Antiguidades do Município de Gaia*, Rio de Janeiro, 1957, pp. 16-17.

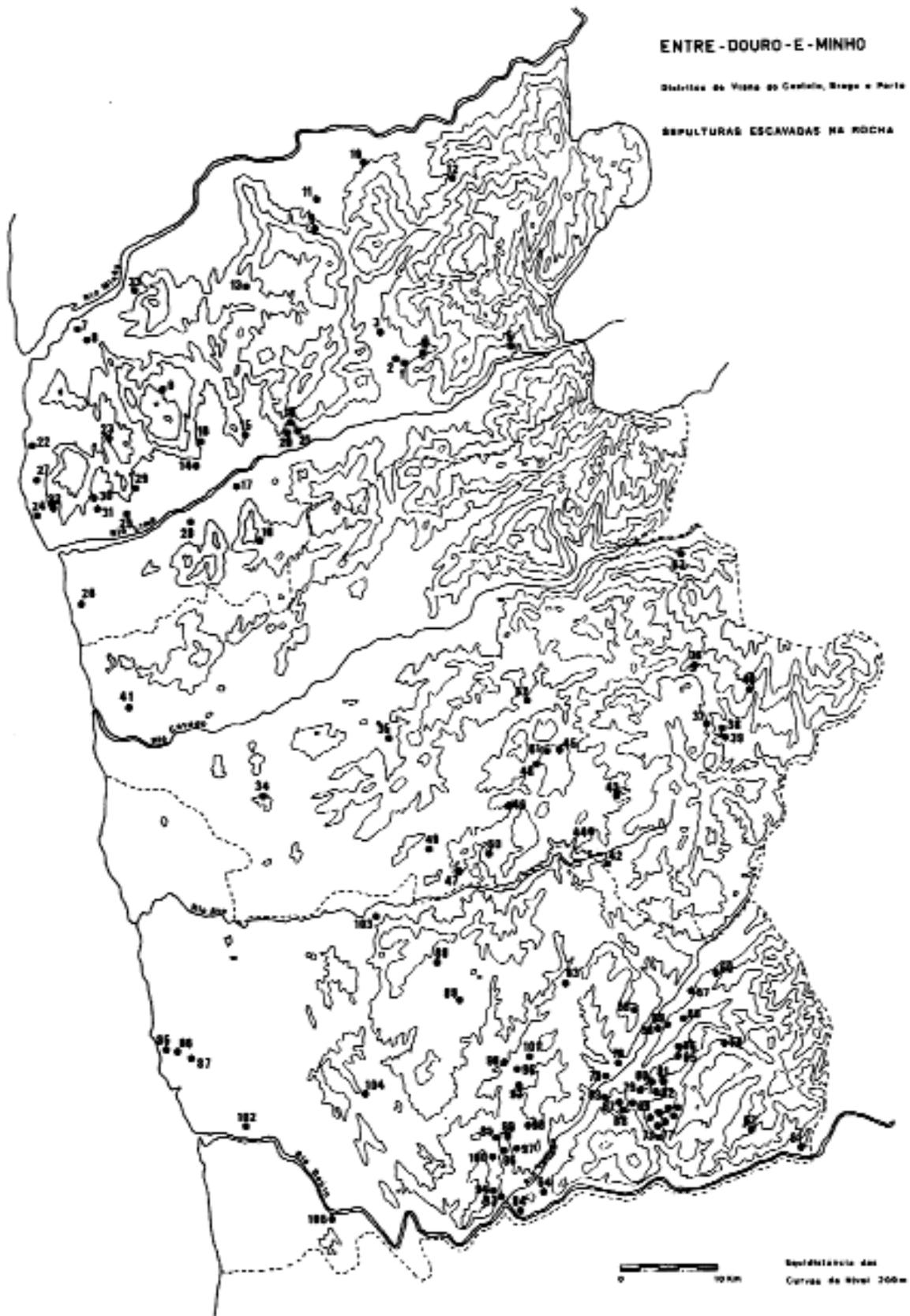
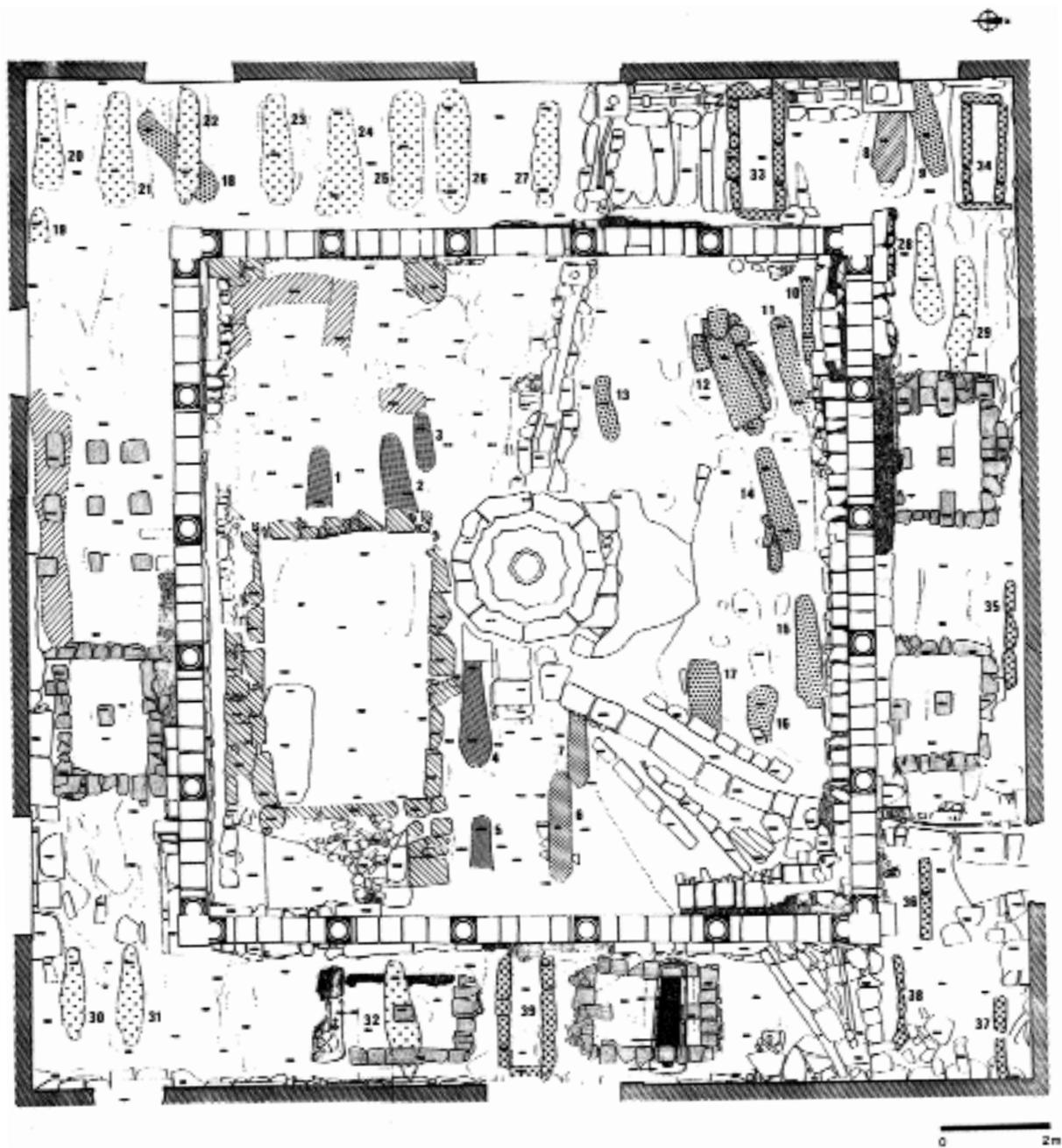


Figura 1



CLAUSTRO DO MOSTEIRO DA COSTA

- TEMPLO SUEVO-VISIGÓTICO
- TEMPLO ARTURIANO

NECRÓPOLE:

- | | |
|--------|--------|
| FASE 1 | FASE 4 |
| FASE 2 | FASE 5 |
| FASE 3 | FASE 6 |

Figura 2

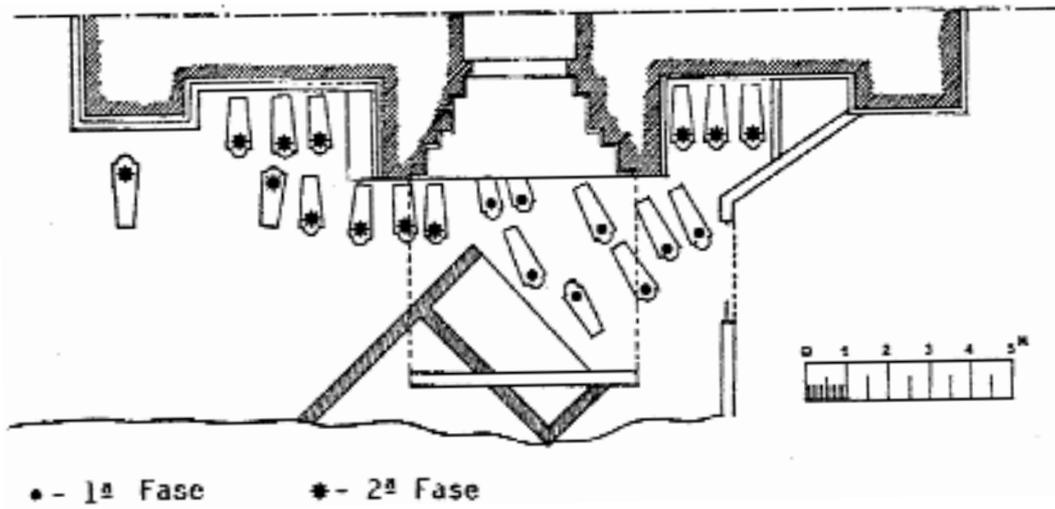


Figura 3

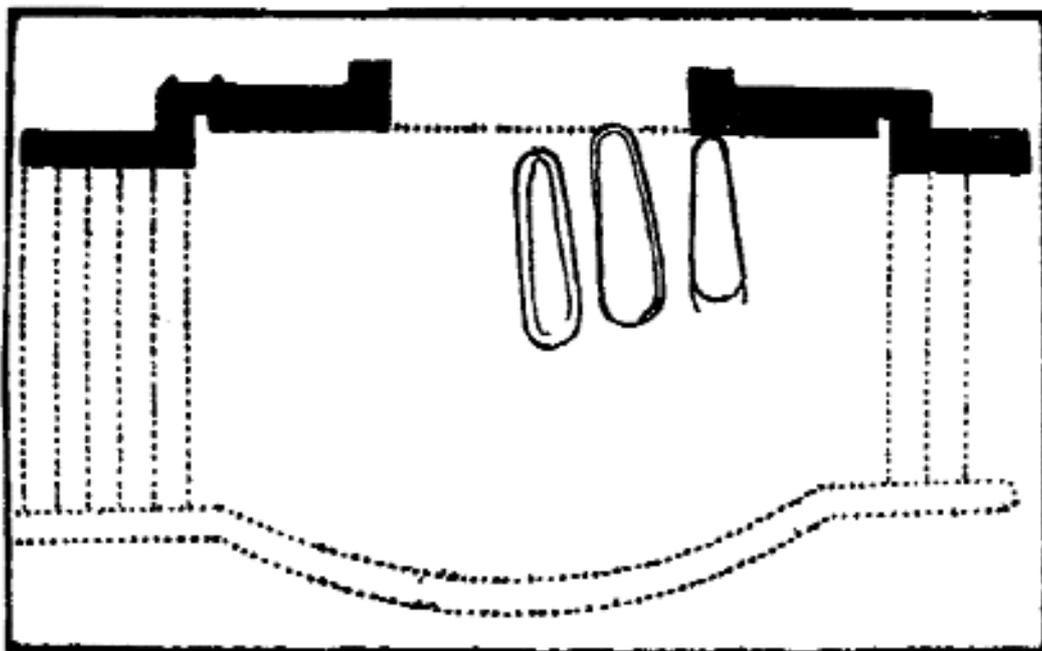


Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7

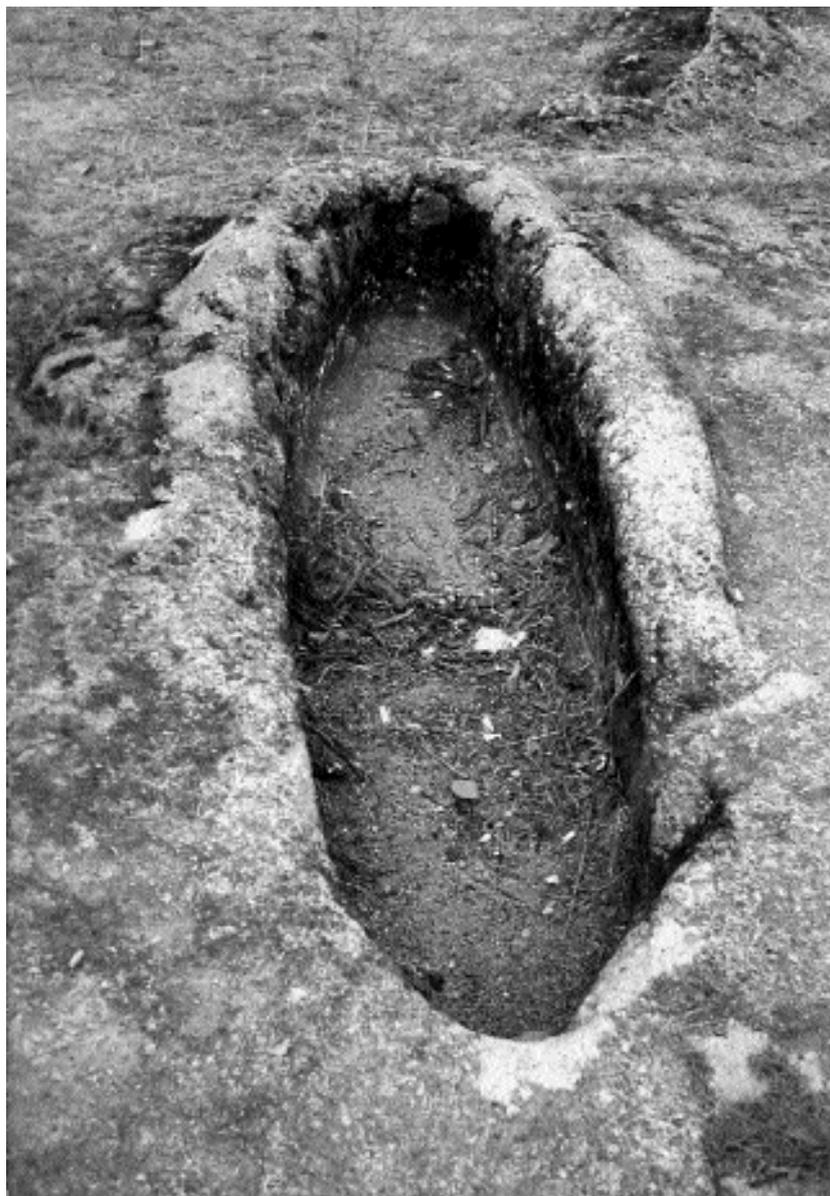


Figura 8

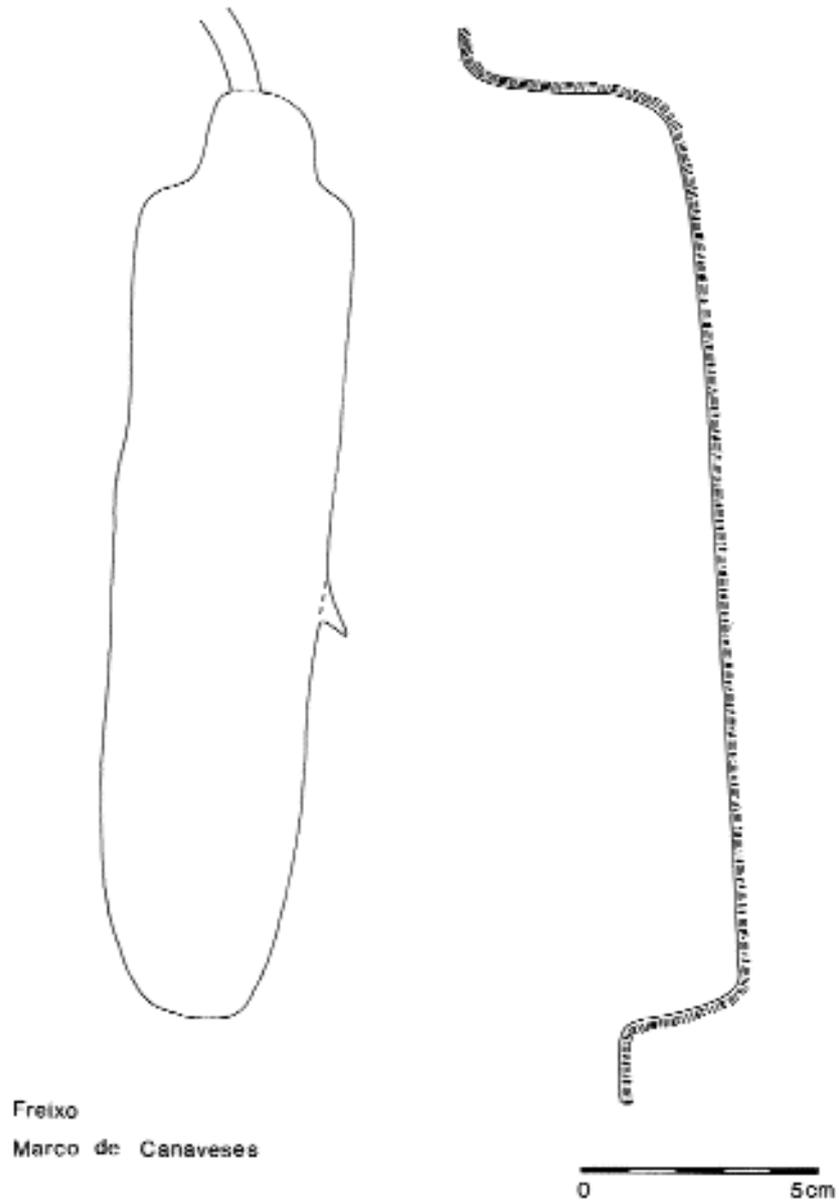


Figura 9



Figura 10



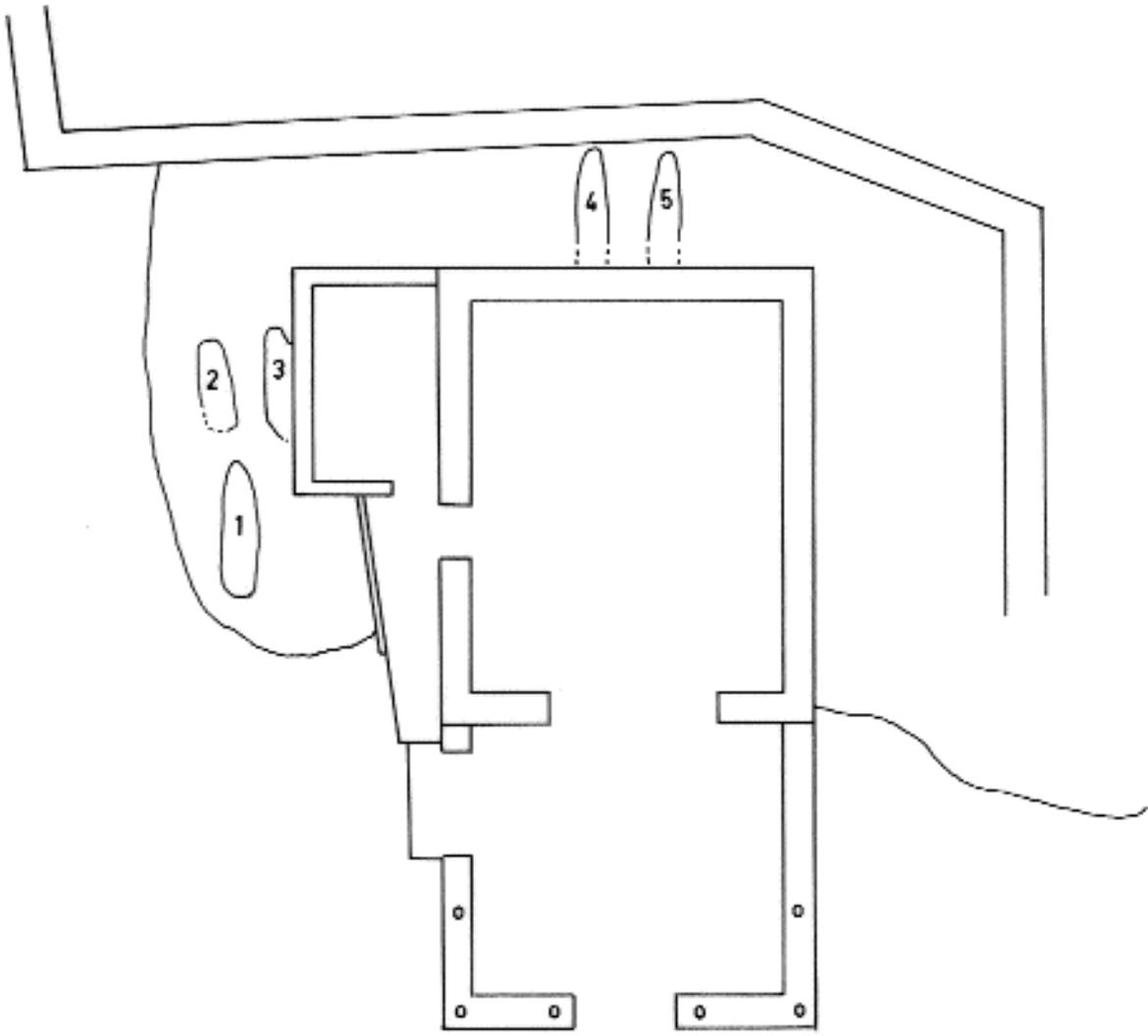
Figura 11



Figura 12



Figura 13



SANTA LUZIA
Penafiel



Figura 14

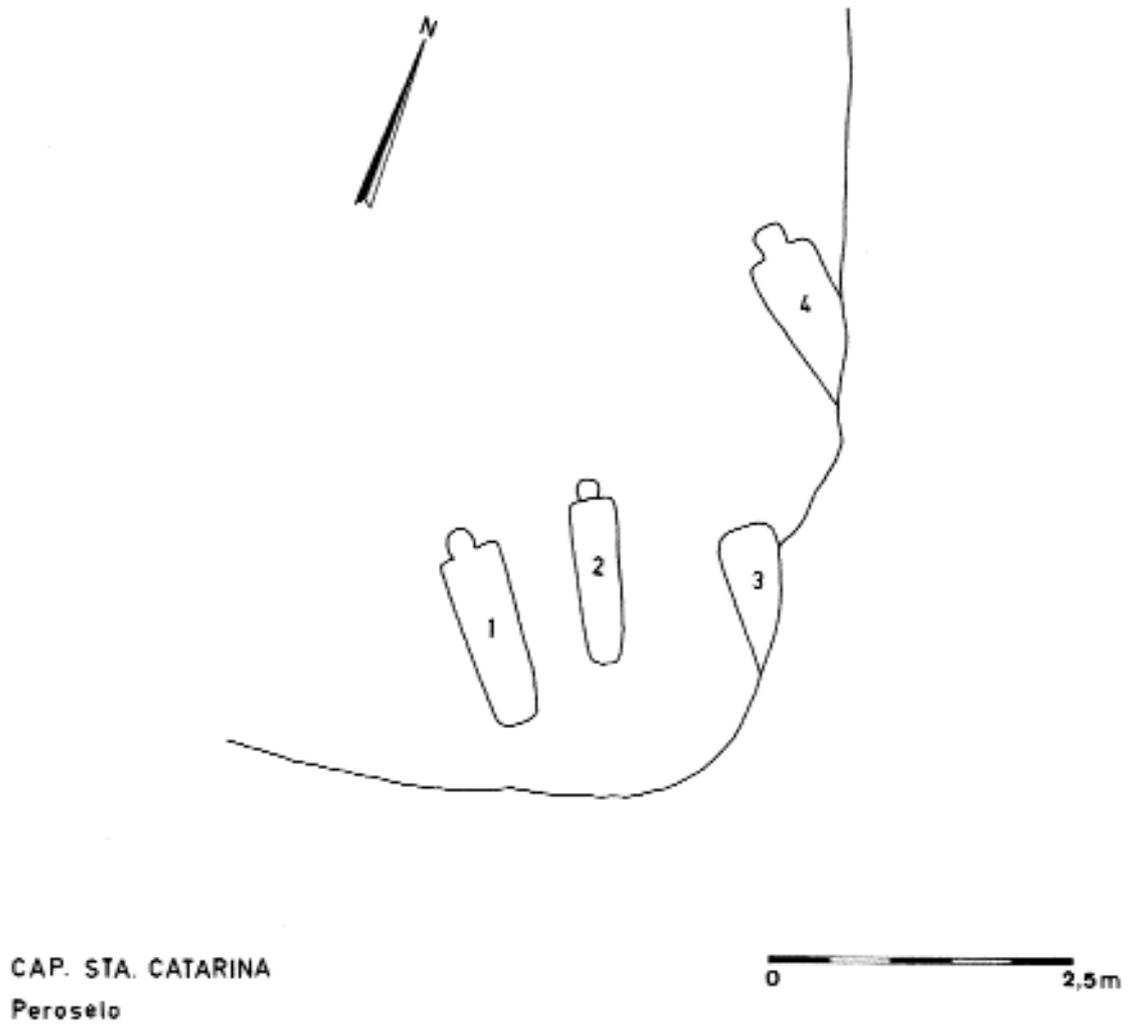


Figura 15

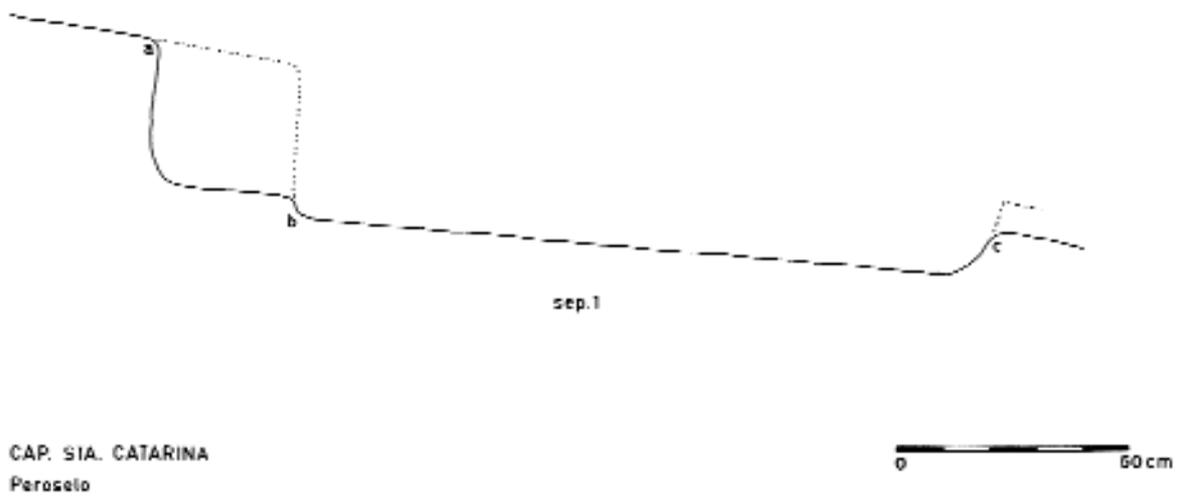


Figura 16



Figura 17

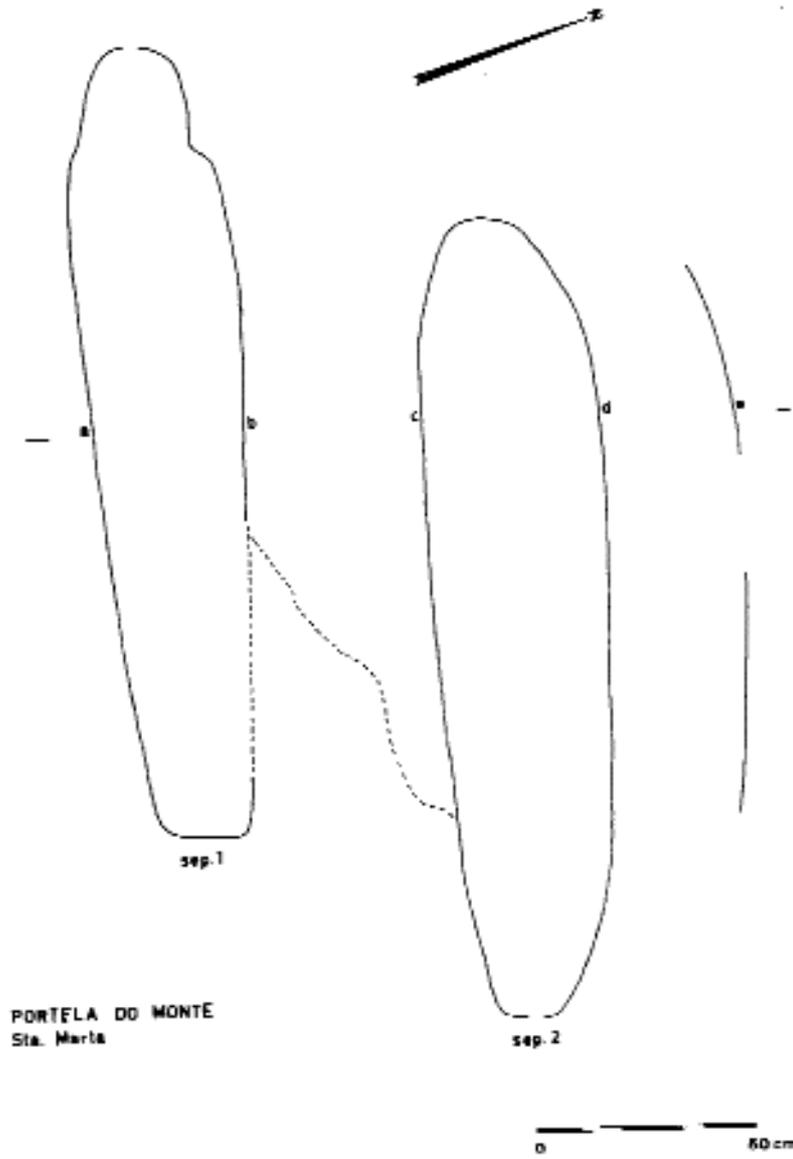


Figura 18

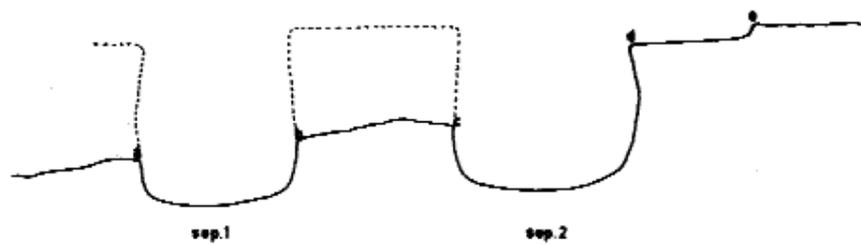


Figura 19

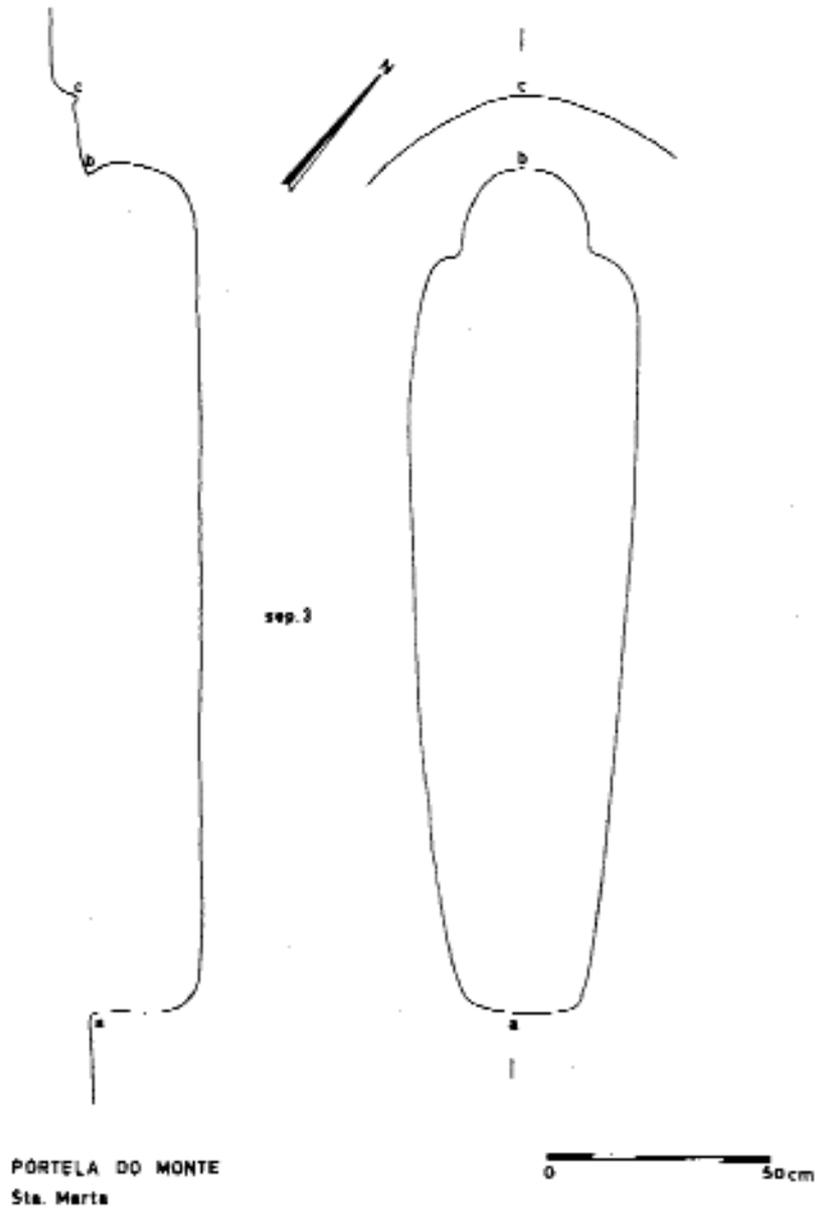


Figura 20